

A DEFESA NACIONAL

— REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES —

DIRECTOR-PRESIDENTE:

Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO:

Aluizio de M. Mendes

GERENTE:

A. da Silva Chaves

Anno XXIV

Brasil — Rio de Janeiro, Junho de 1937

N.º 277

*Não ha educação sem respeito,
respeito sem autoridade, autoridade
sem preceito.*

S U M M A R I O

GÉRARD

EDITORIAL

	PAG.
Recrutamento para o officialato	603

SECÇÃO DE LITERATURA E SCIENCIA

Escola de Estado-Maior	609
Reflexões sobre o Official do Exército — Cadete <i>Octavio Alves Velho</i>	617

SECÇÃO DE INFANTARIA

Instrucções para os exames do 1.º periodo nos corpos da 9.ª Brigada de Infantaria — Gral. <i>Esteves Leitão de Carvalho</i>	621
A Infantaria e os Carros — Cap. <i>Augusto Maggesi</i>	639

SECÇÃO DE CAVALLARIA

A Divisão de Cavallaria — Missões de participação na ba- talha — Cap. <i>Eleuterio Brum Ferlich</i>	674
--	-----

SECÇÃO DE ARTILHARIA

A Artilharia na Marcha de Aproximação na tomada de con- tacto e engajamento — Cap. <i>Aluizio de M. Mendes</i>	693
Tiro contra objectivos fugazes — Cap. <i>João Costa da Fonseca</i>	707

SECÇÃO DE AVIAÇÃO

PAG.

Alto Comando do Exército do Ar Francez — trad. — Ten.- Cel. A. S. M. Arariboia	709
Missão Aérea de Guerra — Tra. — Ten. Cel. A. S. M. Arariboia	720

SECÇÃO DE VETERINARIA

O Campeonato Nacional de Cavallo d'Armas — Cap. Armando Rabello de Oliveira	730
--	-----

VARIEDADES E NOTICIARIO

O dever do Exército — Cap. Aluizio de M. Mendes	735
---	-----



AVISO IMPORTANTE

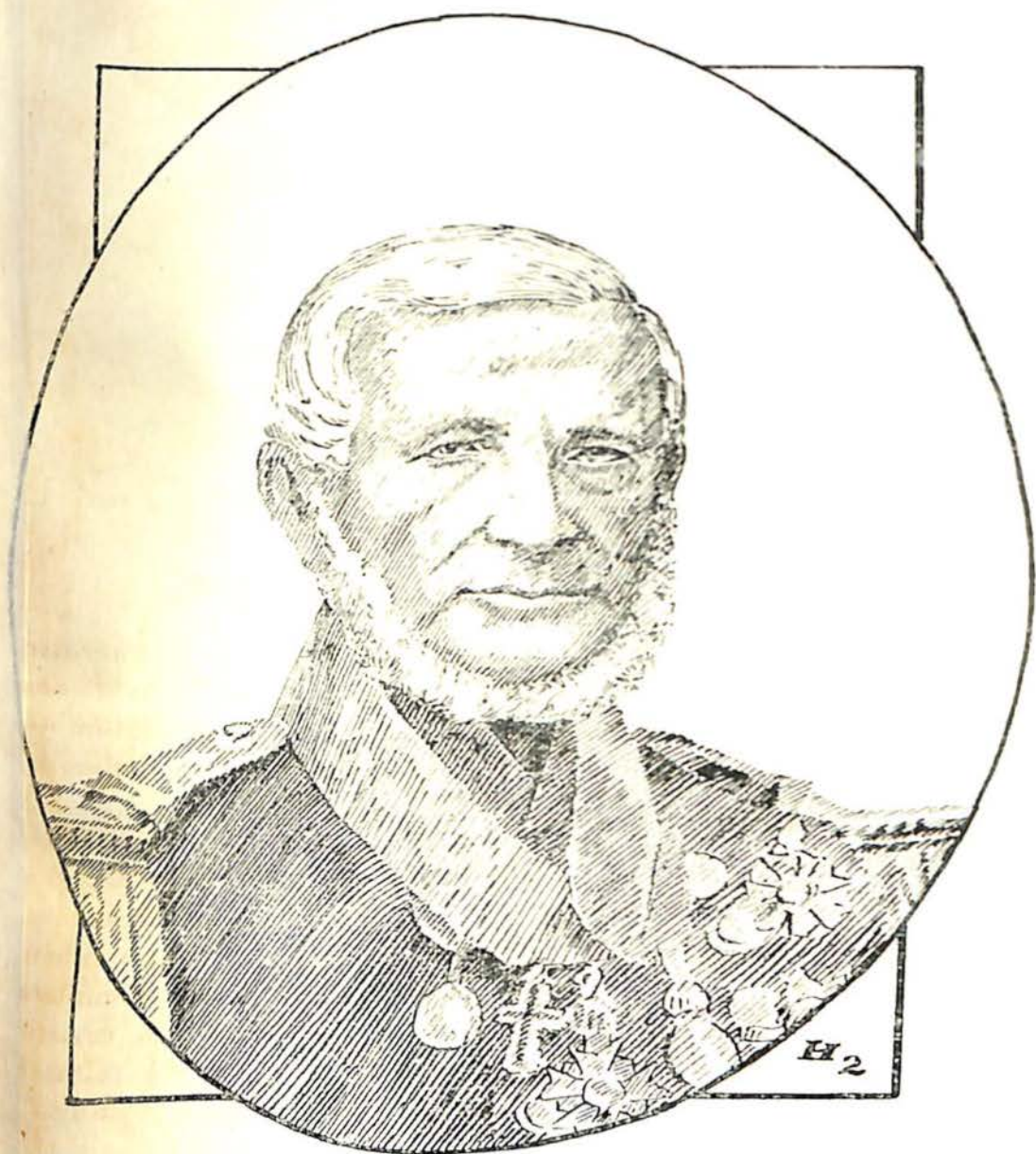
A redacção de “A Defesa Nacional” — no interesse geral da propria revista — solicita encarecidamente aos seus distinctos collaboradores a fineza de enviarem — de preferênciã — os seus artigos redigidos na orthographia usual.

Outrosim, a nossa revista muito penhorada ficaria, si os seus benévoloS collaboradores quizessem dactylographar — com duploS espaçoS — as suas collaboraçõeS, facilitando d'esta'arte, não só a impressãO como também a revisãO orthographica indispensável á sua completa unificaçãO, exigida pela bôa apresentaçãO da revista. As figuras, por ventura existentes, devem ser feitas a nankin ou a lapis bem molle que permitta o decalco.

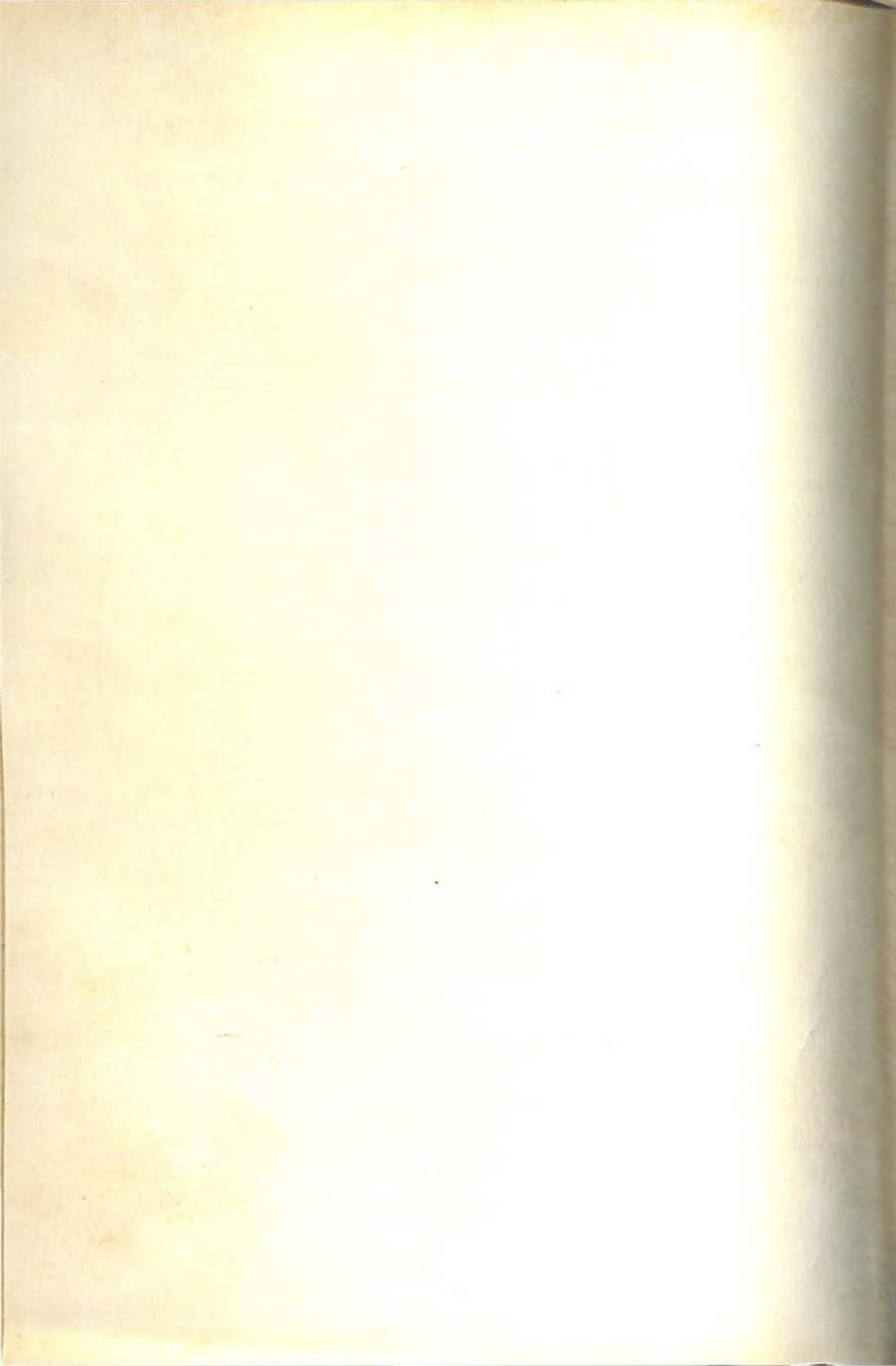
Ex-abundantia cordis.

A REDACÇÃO

RIACHUELO



O ALMIRANTE BARROSO
Barão do Amazonas



EDITORIAL

O recrutamento para o officialato

E' materia inconcussa que a matricula na Escola Militar deve ser processada mediante rigorosa selecção para apurar, d'entre os candidatos, os de *maior aptidão*, pelo menos presupposta, para os encargos do officialato.

Mas, d'essa necessidade á sua satisfacção ha grande distancia. Apesar dos innumeros estudos, e esta revista os conta desde os seus primeiros numeros, e das soluções ensaiadas pelos regulamentos a partir de 1913, ainda não se conseguiu satisfazer, nesse particular, aos altos interesses do Exército e da Patria.

Em regra, o problema, apesar das boas intenções dos dirigentes, tem sido encarado de maneira incompleta e tem-se chocado com os interesses pessoaes de toda a ordem.

Facil é verificar isso recordando factos occorridos com a matricula de 36 e 37, através das campanhas dos jornaes, das reclamações pessoaes e dos mandatos de segurança.

Ainda não se attingiu a uma situação de equilibrio estável e desejado.

Comtudo, deve dizer-se que, pouco a pouco, se vai caminhando para uma solução compativel com os interesses superiores do Exército.

Recordemos ligeiramente os dados do problema.

A selecção deve ser encarada sob o triplice aspecto:

physico,
intellectual
e moral.

SELECÇÃO PHYSICA — Ninguém póde negar que o Exército só tem vantagens procurando aproveitar os candidatos sãos e de maior vigor physico.

Tem sido notável o progresso alcançado nesse particular.

Da portaria de 16 de Outubro de 1915 e o Aviso n.º 777 de 19 de Julho de 1916, em que se exigia do candidato á matricula na Escola não só "a superactividade physica, mas, tambem a cerebral" e se affirmava "a necessidade de uma grande *força moral*", ao exame physico prévio do concurso do corrente anno vae um grande passo alliado á rigorosa e justa inspecção de saúde.

Esse exame physico, digamos de passagem, com exigências muito fracas, a que foram submettidos todos os candidatos, já serviu para alterar a classificação baseada apenas nos dados intellectuaes.

E o simples aspecto das turmas de novos cadetes já patenteia os beneficios da rigorosa inspecção de saúde e do exame physico.

Como dissemos foi um grande passo, mas, é preciso ir adeante.

As provas do exame physico devem ser determinadas de modo a exprimir realmente o vigor physico do candidato, compatível com a sua idade.

E' tarefa da Escola de Educação Physica, em cooperação com o Departamento de Educação Physica da Escola Militar.

Como nas provas intellectuaes, deve haver aqui uma base, um marco de eliminação, e, além disso, o gráu que traduzir o vigor physico deve ter a mesma importancia do das provas intellectuaes.

Numa carreira, em que tudo é execução e muito depende do vigor physico dos quadros, não é possível deixar de equiparar esse vigor physico ás qualidades intellectuaes. Essa exigência redundará em beneficio, não só para melhorar o quadro de officiaes physicamente como intellectualmente, pois, com cadetes fortes é possível exigir esforços

maiores e obter maior rendimento, tanto na instrução como no ensino theorico.

Demais, a exigência da inspecção rigorosa e do exame physico alertará os candidatos á matricula e os levará a cuidar do seu physico para essas provas. Desde que sonharem com a Escola Militar saberão que não bastará ter "mens sana", mas, que é preciso tambem ter "corpus sanus".

Com isso haverá beneficio para o candidato, mesmo que não alcance a matricula.

SELECÇÃO INTELLECTUAL — Ha actualmente duas fontes de candidatos á Escola Militar:

— os alumnos dos Collegios Militares,

— os gymnasianos que enfrentam o concurso de admissão.

Não resta a menor duvida que a melhor solução seria a de fazer passar todos os candidatos pelas malhas de um mesmo concurso de provas intellectuaes, quer provenham dos Collegios Militares; quer não.

Parece ser essa a opinião vencedora nos órgãos responsáveis pelo ensino. E' a solução ideal.

Entretanto, quando se analysa a situação dos Collegios Militares, em face d'essa solução, sente-se que ha qualquer coisa de irregular.

Qual é o destino dos Collegios Militares, com a estrutura tipicamente militar, empregando na Administração e no ensino vultoso numero de officiaes e realizando uma pseudo preparação militar, além da necessaria aos reservistas?

Dirão: — destina-se a facilitar a educação dos orphãos e filhos dos militares.

Si é só para isso, não se justificariam a sua onerosa estrutura militar, a grande preocupação que tem a admi-

nistração da Guerra com a sua direcção e manutenção, o desvio do grande numero de officiaes da activa que lá servem.

Qualquer estabelecimento de carácter civil satisfaria essa finalidade, talvez em melhores condições porque não se perderia o tempo com exteriorisações militares, no caso sem significação e utilidade.

Que o Ministério da Guerra o custeasse e o dirigisse, está certo. Mas, bastar-lhe-hia uma organização civil simplificada.

Si o Collegio Militar não é uma necessidade para o Exército, não vale a pena o sacrificio de sua manutenção com o aspecto e os onus actuaes.

Mas, os Collegios Militares ahi estão e são o que são.

Haverá possibilidade de modificar a sua actual estrutura? Não o cremos.

Então, o mais logico e pratico é procurar-se tirar o melhor partido de sua actuação.

E' consideral-o realmente como uma das *fontes de recrutamento de candidatos ao officialato*, imprimindo aos seus planos de ensino uma orientação que attenda completamente ás condições de admissão ás Escolas Militares.

D'entre as condições necessarias apontamos a de haver dois estagios no ensino dos Collegios Militares:

— um geral — correspondendo ao curso gymnasial;

— outro especializado — vestibular para a Escola Militar, este apenas no Collegio Militar do Rio de Janeiro.

Nesse estagio especializado ingressariam, mediante *rigorosas provas de selecção*, — não só os alumnos dos Collegios Militares mas, tambem, os candidatos extras, com o curso gymnasial completo.

A selecção tanto entre os alumnos dos Collegios Militares, como entre os candidatos extra, se aproxi-

mará das actuaes provas do exame de admissão á Escola Militar (inspecção de saúde rigorosa, provas sobre assumptos essenciaes, idoneidade moral comprovada). Os alumnos dos Collegios Militares poderão concorrer com os gráus de approvação obtidos no curso gymnasial.

Para interessar de perto a Escola Militar nesse estagio especializado, os seus programmas poderiam ser propostos pelo Commando daquelle Escola ao Estado Maior do Exército e em cada banca de exame no fim do estagio deverá figurar, pelo menos, um professor da mesma Escola.

O número de alumnos do estagio especializado deveria ser o numero de vagas prováveis na Escola, augmentado de 50 %.

A vantagem d'esse systema é evidente. O preparo do candidato será consolidado e a selecção se fará, auxiliada por um anno de observação dos professores e instructores (Educação Physica, Ordem Unida, Tiro).

O augmento de despesa será attenuado pelo pagamento de uma cota por parte dos candidatos extra.

A SELECÇÃO MORAL — Pode dizer-se que nesse particular não existe nenhuma restricção para o officialato. A Escola Militar tem acceitado gente de todas as origens e credos, sem que s elle indague as afinidades, os sentimentos, o gráu de educação moral, as idéas politico-sociaes, as predisposições para a carreira, etc..

Essa falta de selecção moral, verificada no ingresso ou durante a estada na Escola Militar, tem sido causa de grandes males para o Exército e constitue grave ameaça, pois, elle fica á mercê da accção infiltradora de elementos perniciosos á propria nacionalidade.

Um dos meios indicados para a selecção moral acha-se expresso no Regulamento de 1914 — a exigência de 6 meses de praça para a matricula, o que revela a intenção de só matricular na Escola moços que nos corpos tenham de-

monstrado aptidão para a carreira, a par das qualidades moraes e physicas que a tropa evidencia, tão facilmente, nos soldados que soffrem a acção da vida real da caserna.

Essa prescripção, apesar de util, nunca teve plena execução. Foi inquinada de inoperante, desde o inicio, pelos conhecedores do meio que julgavam não ser possivel extinguir o "favoritismo" com que na tropa seria tratado o candidato, só pelo facto de ser *candidato*.

Mas não se pode negar que essa exigência poderá ser optimo recurso para a selecção desde que os officiaes da tropa se empenhem na observação dos candidatos e que estes sejam submettidos ao effectivo serviço da tropa, com todos os onus de ser soldado e com todas as exigências do moderno recruta.

A solução apresentada para os Collegios Militares — *estágio vestibular* — tambem concorrerá para realizar em melhores condições essa selecção moral.

A observação durante um ou mais annos de trabalho com provas (tests) psychologicos e de aptidão e as syndincias sobre o procedimento, a origem e o meio frequentado pelo candidato concorreriam para evitar ao Exército futuras desilluseões.

Nesse particular, precisa a Escola Militar romper inteiramente com as velhas praxes de *entrada livre*, explorada pelos fetchistas da Constituição e só recrutar para o quadro de officiaes do Exército individuos compatíveis com os encargos da função e que, acima de tudo, sejam imbuidos dos mais acrisolados sentimentos patrioticos.

O problema exige toda a attenção dos homens de governo e toda a fôrça de vontade de bem servir ao Exército por parte dos executantes das operações de recrutamento para o officialato.

E' uma questão vital.

Solemidade na Escola de Estado-Maior

Realizou-se na Escola de Estado-Maior, no dia 8 de Maio, a entrega solenne do busto de NAPOLEÃO e a inauguração da effigie do Marechal LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA, o DUQUE DE CAXIAS.

O General PAUL NOEL, Chefe da Missão Militar Franceza no BRASIL, recentemente chegado da FRANÇA, onde estivera em gozo de férias regulamentares, fora o illustre emissario que trouxera o symbolico busto de NAPOLEÃO BONAPARTE, commovedora e suggestiva offerta dos nossos camaradas officiaes, alumnos e professores da Escola Superior de Guerra de PARIS á Escola de Estado-Maior do BRASIL.

No salão de honra, todos os officiaes da E. E. M., os representantes do Exmo. Snr. Ministro da Guerra, do Snr. Cmt. da 1.^a Região Militar, do Snr. General Director da Aviação e innumerous outros convidados, agrupavam-se em derredor das duas magnificas effigies.

Debaixo de profundo silencio, pronuncia então o General NOEL este formoso discurso:

“Por occasião da minha recente estada em Paris, passei algumas horas na Escola Superior de Guerra.

“Queria primeiramente apresentar as minhas saudações aos vossos tres companheiros que realizam actualmente um estagio nesta velha Escola: o Major PENHA BRASIL, os capitães ALVIM e CASTELLO BRANCO.

“Queria, além disto, estabelecer uma espécie de ligação entre a Escola de PARIS e a Escola do RIO, ligação intellectual e sentimental, baseada na amizade que une nossos dois Exércitos.

“O General Cmt. da Escola de Guerra e os Officiaes professores reservaram-me uma acolhida particularmente calorosa que me fez plenamente sentir o grande interesse que ligam no estreitamente dos laços entre as duas Escolas.

“A” minha sahida, ao mesmo tempo que me renovavam integralmente a expressão de alta estima que dispensam aos vossos companheiros, pediram-me entregar á Escola de Estado Maior Brasileira este busto de NAPOLEÃO e esta photographia da Escola de Guerra de PARIS, em testemunho dos affectuosos sentimentos, que os futuros diplomados francezes sentem á respeito dos futuros officiaes de Estado-Maior brasileiros.

“E” com o máximo prazer que me desobrigo de tão agradável missão.

“Sinto-me feliz, com effeito, de ver neste salão a imagem da Escola onde toda uma *mocidade estudiosa e profundamente disciplinada* se prepara para seu papel futuro, — d’esta Escola para mim tão querida — porque me recorda a minha propria juventude.

“Quanto a NAPOLEÃO, é bem certo que sua effigie tem seu logar naturalmente designado nos locaes onde se estuda a arte da guerra.

“A historia diz de NAPOLEÃO, que elle foi verdadeiramente o homem excepcional, *forjado em molde a parte*.

“Permanece sempre NAPOLEÃO o GRANDE e seria mesmo mais justo dizer-se: NAPOLEÃO o UNICO.

“Certamente, a nossa admiração não nos deve conduzir a um enthusiasmo sem recordações nem sem cautela. Existem *sombras no quadro* e é mister recordar-nos que não ouvimos mais — hoje em dia — as imprecações, os gritos de dor e de angustia das victimas.

“Não nos sentimos constrangidos em proclamar que não é menos verdadeiro dizer-se que a FRANÇA actual, filha da FRANÇA da Realeza e da FRANÇA da 1.^a Republica, é sempre, nos seus traços physionomicos essenciaes, a FRANÇA do 1.^o Consul e, isto, porque o genio de NAPOLEÃO foi, por excellência, o genio da autoridade e da ordem, estes dois esteios fundamentaes de toda sociedade humana.

“O Imperador, em SANTA HELENA, julgou-se, aliás, muito sensatamente:

“— Na minha carreira, disse elle, notar-se-hão, sem dúvida, muitas faltas. Porém, ARCOLE, RIVOLI, as PYRAMIDAS, MARENGO, AUSTERLITZ, IENA FRIEDLAND são puro granito: o dente da inveja ahi nada consegue.

“ —Minhas instituições e minhas victorias, eis os meus verdadeiros titulos de gloria.

“ — Ah! sem duvida, da ambição, a tive e muita, porém, da mais grandiosa e da mais alta, a de estabelecer e de conservar, finalmente, o imperio da razão e o pleno exercicio de todas as faculdades humanas”.

“Grande lição representa esta vida tão seductora e tão apaixonada.

“E o mundo inteiro não a esqueceu ainda.

“Todos os povos poderiam subscrever hoje em dia, as palavras de um cancionista que foi celebre nos primeiros decados do último seculo: BÉRANGER:

*Falar-se-ha de sua gloria,
Na choupana muito tempo.
O humil tecto, em 50 annos,
Não conhecerá mais outra historia.
Ahi virão os aldeões
Dizer a algumas anciãs
Por contos de outr’ora,
Mãe, abreviae nossa vigilia.
Apesar de dizer-se que elle nos prejudicou,
O povo ainda o venera,
Sim, o venera.
Falae-nos d’elle, vóvó
Falae-nos d’elle.*

“Falam-vos d’elle aqui doctamente. Têm razão, attendendo que NAPOLEÃO permanece sempre actual.

“Quantas vezes durante a ultima guerra o nome do Imperador surgiu nos espiritos dos Chefes militares.

“O Corpo de doutrina que o genio de NAPOLÃO formulara foi bastante maneável para adaptar-se ás condições da guerra moderna.

“E não é exaggerado dizer-se que a victória da FRANÇA e de seus alliados foi a resultante dos métodos napoleonicos.

“NAPOLEÃO, homem de guerra, cresceu ainda mais, si possivel, na opinião do mundo.

“Eil-o aqui no meio de vós outros, neste templo do pensamento e da energia.

“Neste duplo ponto de vista, elle é um professor de primeira ordem cujas lições devem ser cuidadosamente meditadas.

“Ensinou aos homens que tudo pode acontecer e que as possibilidades são indefinidas.

“Mesmo lhes demonstrara que é possível sobreviver a si-proprio.

“Após mais de cem annos, o prestigio de seu nome está intacto e ainda ouvimos através quantidades de outras guerras e revoluções os passos do Imperador que descem lentamente do outro lado da Terra e attingem horizontes novos”.

Enthusiasticas palmas cobriram as últimas palavras do orador. A seguir, o Coronel ISAURO REGUERA, Commandante da Escola do Estado Maior, agradeceu, commovido, a saudação do illustre general francez, pronunciando as suggestivas palavras que se seguem:

“La no cimo do maior accidente orographico sul-americano sitúa-se o lago CHUCUITO, d’onde nasce o UCAIALE que, ao penetrar nossas fronteiras, cresce enormemente para formar o magestoso AMAZONAS.

“Tambem, lá da esphera constellada da genealidade greco-latina a Fonte Napoleonica irradia facho deslumbrantes que, ao illuminarem o ceu da arte militar brasileira, se avolumam accentuadamente por melhor se ajustarem a nossos recursos limitados, vastissimas extensões e meios de comunicação reduzidos.

“Semelhantemente á renovação constante das aguas amazonicas, os ensinamentos da arte napoleonica têm sido rejuvenescidos e modernizados pela vivificação empolgante dos lampejões duradouros de seus legitimos herdeiros — os illustres Generaes GAMELIN, SPIRE, HUNTZINGER e NOÉL.

* * *

“Pertengo á geração dos que pediram a Missão Instructora; tive a honra de servir durante tres annos juncto ao Ge-

neral Camelin; e agora no commando da Escola de Estado Maior sinto-me com autoridade para proclamar desvanecido a proficuidade das preciosas lições ministradas pelos camaradas francezes. E accrescento mesmo que constituís o mais bello exemplo do official essencialmente patriota: sentimentos, pensamentos, actividades, tudo dedicaes *exclusivamente* ao aperfeiçoamento ininterrupto do primacial instrumento da soberania que é o Exército Nacional.

* * *

"Tendes sido, ademais, mestres illustres e companheiros amáveis; e, como requinte de affectuosa camaradagem, quizestes, prezado General NOÉL, offertar á Escola de Estado Maior, em nome da Escola Superior de Guerra de Paris, a plastica representativa da cabeça fascinante do Mestre da Estrategia.

"Vamos guardal-a com respeito, pois que ella tambem nos recordará diariamente a fecunda lição do Grande General:

"Não é um genio que me revela inopinadamente e em segredo o que devo dizer ou fazer, em circumstancias inesperadas para outrem — é a reflexão, a meditação".

Terminada essa parte da solemnidade, passaram todos os officiaes á inauguração do retrato do DUQUE DE CAXIAS, tendo por essa occasião feito uso da palavra o tenente-coronel JOÃO BAPTISTA DE MAGALHÃES, que produziu bellissimo discurso do teor damos a seguir:

"Cumprimos o encargo que nos determinou nosso Com-mandante, dirigindo-vos a palavra nesta oportunidade que é a inauguração solenne da effigie de CAXIAS na Escola de Estado Maior. Ao fazel-o, de inicio, confessemos sentir as grandes difficuldades da empresa. Não é, para nós outros, cousa facil falar sobre o nosso grande soldado no recinto da escola de preparação militar de expressão mais elevada em nosso Exército. E' que, de um lado, trata-se de assumpto de que sois grandes conhecedores e, de outro, da natureza do auditorio habituado ás elevadas cogitações do problema ca-

pital da guerra — *o commando no campo de batalha*. Acresce ainda a tudo isso o facto desta solennidade realizar-se solidariamente, no mesmo dia em que a E. E. M. recebe o busto de NAPOLEÃO que lhe offerta a Escola Superior de Guerra da FRANÇA por intermedio da M. M. F. no BRASIL.

“Mas, Senhores, esse concurso de difficuldades nos estimula e vem em parte facilitar nossa tarefa. Podemos reduzir a expressão de nossos pensamentos ao puro jogo dos symbolos. E assim fazendo seremos verdadeiros, porque CAXIAS e BONAPARTE são dois symbolos; e seremos comprehendidos, por que ao auditorio habituado ao manejo das formulas syntheticas, não escapará o significado real de nosso pensamento. De resto, CAXIAS e NAPOLEÃO, são dois homens de guerra, dois homens de acção e esta Escola tem por principal escopo preparar homens capazes de agir nas altas esferas do commando, homens em que essa faculdade deve primar entre todas as demais.

“Pensamos que assim fazendo, nada melhor poderíamos dizer-vos. Sob a impressão perenne resultante da presença constante das imagens do genio da guerra e da espada do Imperio, devem nossos trabalhos desenvolver-se mais productivamente ainda, cada vez melhor no sentido de nossos convenientes destinos — *saber agir*.

“Agir com firmeza, agir opportunamente, agir conforme as circumstancias, agir até que cousa alguma reste por fazer.

“Essa capacidade de acção que em nós procuramos desenvolver, encontramol-a sob todos os aspectos modelada no decorrer da longa vida de CAXIAS e na deslumbrante trajectoria de NAPOLEÃO.

“Meditando sobre as manifestações de um e de outro nos ambientes em que viveram, levadas em conta as characteristics de cada época, temos a todos os propositos exemplos vividos da capacidade de agir.

“O poder de apprehensão das justas circumstancias do momento; a resolução rapida de intervir e a intervenção oportuna no sentido conveniente; a infatigável tenacidade na realização da idéa assentada e a firmeza na execução sem fadigas nem fraquezas até serem alcançados os designios almejados; a escolha judiciosa dos meios e processos e o habil

conhecimento dos homens, são traços que marcam bem a magistosa vida de um ou de outro d'esses dois grandes homens de guerra.

“Ambos são exemplos a imitar.

“Mas si o conhecimento de **NAPOLEÃO**, o mestre da guerra moderna, é indispensável ao nosso aperfeiçoamento, o de **CAXIAS**, cuja actuação nos campos de batalha não nega ou desconhece o mestre e antes até o imita em gestos espontaneos como o da passagem de **ITORORO**, mais bello mesmo porque, de um ancião que olha o passado com bondosa saudade, enquanto que em **ARCOLE NAPOLEÃO** é o jovem de olhos fitos n'um futuro radiante: esse conhecimento é para nós — talvez — até mais util.

“**CAXIAS**, chefe militar, nunca foi vencido, nem nas luctas internas, nem nas externas, revelando sempre sua conducta notável assimilação das circumstancias do momento.

“Sua só presença infunde respeito a amigos e inimigos, crea a confiança, eleva o moral das tropas. **CAXIAS** é incontestavelmente um grande chefe militar.

“Commandando voluntarios, guardas nacionaes, soldados improvisados, ou tropas aguerridas, profissionaes ou não, a todos manobra, com todos vence. E' chefe.

“E é chefe porque é bem elle quem imprime aos acontecimentos a marcha que conduz aos successos que a historia regista.

“Certos espiritos despercebidos das realidades nacionaes e até esquecidos de si mesmos, pretenderam e pretendem talvez ainda, revelando em si remanescentes mentaes vindos dos tempos da escravatura ou pensando talvez passar por grandes sabedores, menosprezar o extraordinario valor de nosso grande soldado, sómente por que é brasileiro.

“Mas a qualquer bom senso não fugirá a realidade de sua grandeza e não restará dúvidas de que saberia *agir* como agiu aqui, fosse onde fosse. Nenhuma razão em contrario. No **MARANHÃO**, no dobrado planalto paulista, nas montanhas de **MINAS**, nas campinas e coxilhas do Sul, nos pantanos e matagaes paraguayos: contra os mais diversos antagonistas e nas mais variadas circumstancias, de sua acção sempre resultou a victoria. Por que alhures não seria assim?

“Não queremos comparar CAXIAS com NAPOLEÃO, mesmo porque os differencia a época e o meio em que viveram, mas na meditação profunda das duas vidas muitos traços communs se reconhecem.

“Não é, portanto, nenhuma heresia receber a ambos nesta Escola e muito menos avançarmos nós que a meditação de CAXIAS é talvez mais útil que a de NAPOLEÃO, o que não quer dizer que esta seja prescindível.

“Mas é que, si NAPOLEÃO nos ensina a agir na guerra, CAXIAS nos ensina a agir no BRASIL, como soldados.

“Vivamos, pois, aprendendo com NAPOLEÃO e CAXIAS, mas para honrar nosso Exército e nossa Patria, procedamos como CAXIAS”.



Livros á venda na Bibliotheca da A DEFESA NACIONAL

Aide mémoire du mitrailleur	7\$000
Essai sur la psychologie de l'Infanterie	10\$000
Memento de l'Instructeur Fusilier-Voltigeur	10\$000
Problèmes d'Artillerie	16\$000
Deux Manoeuvres	16\$000
Quand et comment Napoleon etc.	16\$000
Le combat des petites Unités	10\$000
Le Leçons de l'Instructeur	16\$000
Principes de la Guerre — Foch	20\$000
Conduite de la Guerre — Foch	20\$000

Reflexões sobre o official do Exército

Pelo cadete OCTAVIO ALVES VELHO

N. da R. — "A Defesa Nacional" acolhe com prazer essa primeira collaboração do cadete. Essa acolhida é um estímulo para aquelles que, embora iniciantes na carreira, têm fé na sua nobre missão. Representa também um convite aos jovens officiaes para que communiquem, através de nossas columnas, o seu ardor e a sua convicção a todos os outros camaradas.

O official é o elemento permanente do Exército, dentro do qual sua vida se deve desenvolver na forma mais pura — physica, intellectual e moralmente. Os rumos da instituição armada estão confiados ao seu patriotismo, e não cabem nelle vacillações, si tem ALMA para sentir a intensidade de seus deveres, CEREBRO para reflectir e instruir seus subordinados e CARACTER para afastar-se das claudicações e sobrepôr-se a todas as fraquezas.

Elle não é apenas o commandante de tal ou qual unidade, porém, o guardião que está sempre de serviço em todos os aspectos da vida militar, sendo responsável pela existência do Exército — symbolo armado da própria PATRIA — e dos principios de força que regulam sua marcha.

Aonde quer que veja alguma falta, desvio ou alguma tibieza, seja em sua unidade ou em outra qualquer, no quartel, na rua, na paz como na guerra, tem o dever iniludível de intervir e restabelecer a ordem, na sua qualidade de defensor juramentado da disciplina e da honra militar.

Sob este aspecto de representante e mestre do dever nacional, o povo na sua habitual perspicacia, tem voltadas suas vistas

para o official; examina sua conducta em todos os momentos, ás vezes mesmo de modo assás rigoroso e acompanha-lhe todos os passos, porque se crê no direito (muito justo, por certo). de esperar que seja o mais perfeito e irreprehensível que se possa imaginar.

O povo, nas democracias, consagra-se ao serviço da PATRIA dando seus melhores filhos ás Fôrças Armadas, na idade em que são mais robustos e virís. São postos nas mãos de seus Chefes militares, resignadamente, na crença de que o official não desperdiçará esses thesouros humanos confiados á sua guarda, na crença de que tem discernimento e cultura para empregal-os utilmente, desinteresse para só os aproveitar em beneficio do serviço, e humanidade para velar por elles e prestar-lhes seu apoio.

Estas são as garantias que a parte civil da Nação espera que lhe offereça o official. E este está na obrigação de prestal-as realmente, evitando toda causa de erros ou de equívocos. pois a confiança e o affecto do povo constituem um dos elementos de fôrça do Chefe. Com suas attitudes dignas e seus gestos de verdadeiro sacerdote do culto civico, o official fórma em torno de si uma atmospha de confiança e respeito, sobremodo valiosa.

Em nosso meio sobretudo, constitue esta ligação um liame psychico entre a Fôrça Armada e a massa civil, ligação esta que é uma das faces mais importante do trabalho do official. Não podemos negar a existência no Brasil, nos dias que correm, de certa falta de confiança, predominante no ambiente frio, em relação á moralidade, utilidade, efficiencia e valôr do official.

Quer seja devido á propaganda communista das doutrinas anti-guerreiras e anti-hierarchicas, quer seja provocado pelo pacifismo systematico e balôfo de certos intellectuaes que desculpam com um pseudo amor á Humanidade a sua indifferença criminosa ante os problemas nacionaes, quer seja ainda inherente á desconfiança inata das massas ignorantes, o certo é que sómente

o official pode, através de suas multiplas actividades, neutralizar esse clima nefasto ao engrandecimento da Raça e da Terra.

Cumpre pois, ao official, em todos os instantes de sua vida, especialmente em publico, dar demonstrações, pela palavra, e mórmente pelo exemplo, de sua consagração exclusiva ao dever e serviço da Patria, tratando os seus commandados do modo mais humano compativel com as exigências da vida militar.

Quando o Exército era mercenario, pouco ou nada importavam ao resto da população as suas condições moraes, bastando-lhe saber que era aguerrido e valente. Hoje não succede o mesmo. O civil quer encontrar em seus eventuaes Chefes na guerra todas as qualidades que lhe inspirem a mais segura confiança. Não lhe agradam os vaidosos, nem os seres brutaes e arrogantes, nem os que se impõem unicamente por suas insígnias e pela força concreta de suas armas. Gosta, em troca, dos seres dignos, moralizados, justos, honestos e humanos.

Nunca é demais repetir que, notadamente o official brasileiro, deve ter em mente que a maioria dos cidadãos que observam as tropas em suas actividades externas não comprehendem a vida militar, a que olham com pouca sympathia, e que, chegado o momento da mobilização geral, na hora suprema de um conflicto, os unicos laços moraes que o unem ao grosso dos incorporados são precisamente aquelles, muito tenues, formados nos instantes em que o official apparece aos olhos da Nação, em sua vida publica ou particular. Jamais se deve esquecer que o povo não é indulgente com o official. Interpreta quasi sempre de forma desfavorável o rigor da disciplina, as palavras, gestos, acções e attitudes que diz e toma; pelo contrario tem em maior consideração o soldado.

Isso provém de outro erro, grave tambem, de julgar o official membro de uma casta aristocratica. O quadro de officiaes está, é bem verdade, constituído por individuos seleccionados; esta selecção, todavia, tem o fim exclusivo de dignificar o serviço.

*Suas fileiras estão abertas a todos os brasileiros capazes de tri-
lharem, sem tergiversações, a senda luminosa dos CAXIAS e dos
OSORIO.*

*Para seguir esse caminho — o da dignidade — o official
não pode nem deve basear seu futuro no apoio de quem quer que
seja, porque todo o favor se alcança geralmente ao preço de
uma abdição moral. O maior bem consiste justamente em não
procura obter por outro o que se pode alcançar sózinho, e em
seguir o destino traçado por suas proprias mãos.*

*O character nacional de sua missão téce em torno do official
uma réde de malhas invisíveis. E' visceralmente opposto a qual-
quer actividade facciosa que o venha forçar a tomar posição
CONTRA O TODO, CONTRA A NAÇÃO. Pois o Brasil confiou-lhe suas
armas, não ao serviço do predomínio de transitorios interesses
pessoaes ou regionaes, mas, para que dellas faça uso leal e nobre
como vestal que é da sagrada chamma do Espirito Nacional.*

*O official só pode estar COM A NAÇÃO, PELA NAÇÃO, PARA A
NAÇÃO. A elle cabe a defesa das tradições gloriosas do Brasil,
a elle cabe a missão de assegurar a continuidade da realização do
nosso destino historico.*

*Para que a noção do dever penetre no coração dos soldados
e desperte nestes a vontade de cumpril-o até o supremo esforço,
é mistér que o official assegure a sua communicação moral com
os commandados, que lhes falle com convicção, com ardor. Não
sendo possivel ordenar actos de abnegação, esta será conseguida
pela acção conjuncta das duas idéas-forças: o anseio da Perfeição,
o ideal do Nacionalismo.*

SECÇÃO DE INFANTARIA

Redactor BAPTISTA DE MATTOS

Instrucções para os exames do primeiro periodo nos corpos da 9.^a Brigada de Infantaria

Pelo General E. LEITÃO DE CARVALHO

Nota da Red — O Snr. General Leitão de Carvalho distribuiu aos corpos da 9.^a Bda. I. Instrucções para os exames dos 1.^o, 2.^o e 3.^o Periodos em 1936. Por julgarmos de grande utilidade a sua divulgação, solicitámos ao Snr. General, um dos fundadores d'esta revista, seu Director em varias épocas e constante collaborador, a devida permissão para aqui reproduzir-as.

I — E'POCA DOS EXAMES

1 — Na primeira quinzena de Novembro, realizar-se-hão os exames do 1.^o periodo de instrucção, conforme prescrevem as Directrizes para a instrucção da tropa, no anno de instrucção de 1936-37 do Cmdo. da 5.^a Região Militar, e de accôrdo com as instrucções expedidas pelo dito Cmdo. em 26 de Setembro.

2 — Nos dias 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13 e 14, em duas sessões diarias, executar-se-hão as differentes provas, devendo os Cmts. de unidades distribuir os assumptos a examinar de maneira que facilite o desempenho da missão das commissões examinadoras, previstas nos ns. 108 e 109 da Introducção do R. E. C. I.

3 — As partes da instrucção a examinar, o local dos exames, a ordem em que se apresentarão as sub-unidades, a duração das provas e o horario para sua execução deverão constar dos planos de exame organizados pelos Cmts. dos corpos.

4 — Os assumptos dos exames são os constantes dos programas pormenorizados das Cias. organizados em cumprimento á determinação constante dos ns. 134 e 140 da Introducção do R.E.C.I..

II — DAS PROVAS E DA MANEIRA DE EXECUTAL-AS

5 — As provas a se realizarem versarão sobre:

- | | | |
|---|---|---|
| A) Educação physica | { | Execução de uma lição completa.
Execução de uma lição de applicações militares. |
| B) Instrucção technica | { | Ordem unida.
Maneabilidade.
Armamento e material.
Tiro de F. O., F. M. Mtr. P. e L.
Organização do terreno. |
| C) Instrucção tactica | { | Combate.
Serviço em campanha.
Marchas (diurna, 24 km., nocturna, 18). |
| D) Educação moral e civica e Instrucção geral | | |

A) EDUCAÇÃO PHYSICA

6 — O exame de Educação Physica far-se-ha no estadio do quartel (as sub-unidades deverão estar ali 10 minutos antes da hora marcada no plano de exames, afim de que não tenham de esperar por ellas as autoridades presentes).

7 — **Formatura para apresentação da sub-unidade:** em turmas de 12 homens, dispostas em columna por dois, uma ao lado da outra, cada uma tendo á frente um monitor. A' direita da formação, correspondendo á linha das testas das columnas e a dois passos do primeiro, o official instructor. A igual intervallo d'este, o Cmt. da Cia.

8 — O Cmt. da Cia. sahirá de forma para receber o Cmt. do Btl., quando este se dirigir para a formatura. Antes de sahir ao seu encontro (do R. I. nas Cias. Extras. e C. M. R.), mandará: **Sentido!** e **Olhar á direita!** (esquerda). Fará a apresentação da unidade e acompanhará a autoridade na revista á tropa finda a qual mandará: **Olhar-frente!** Prestará á autoridade todos os esclarecimentos que lhe forem pedidos.

O official instructor sahirá de fôrma á voz **Olhar-frente!** e, obtida a permissão da autoridade, dará começo ao exame. Intervallará previamente as turmas e os homens com espaços convenientes, de modo que a autoridade possa avaliar o aproveitamento de cada homem. Procede em seguida ao exame successivo das turmas (n. 112, art. 2.º, cap. II da Introd. do R. E. C. I.), e, terminado este, faz executar a lição completa por todo o pelotão de recrutas.

9 — Para cada sub-unidade, o official regimental de Educação Phisica organizará varias lições completas, destinadas a normaes e poupados, que submetterá á escolha da Commissão examinadora, na occasião da demonstração. Realizada esta, a escola reunir-se-ha em linha, em tres fileiras, indo postar-se de modo a deixar espaço livre para a sub-unidade seguinte.

10 — Depois da prova de cada sub-unidade, o Cmt. d'ella, o instructor e os officiaes assistentes se reunirão para a critica (n. 116, da Introd. do R. E. C. I.) do Cmt. do Btl. (Regimento), o qual, uma vez feitas as suas observações, se apresentará ao Cmt. do R. L. que a seu turno, externará seu julgamento sobre o gráu de instrucção revelado pela tropa, si assim o entender. Si estiver presente autoridade de gráu mais elevado, o Cmt. do corpo procedera de maneira analoga para com ella.

11 — Emquanto se effectua a critica, a sub-unidade examinada retirar-se-ha para o alojamento, sob o commando de um sargento. Os seus officiaes permanecerão, porém, junctos ás autoridades, afim de assistir ao exame da sub-unidade seguinte.

A' assistencia é vedado conversar durante o exame.

Os meios materiaes deverão ser postos á disposição do instructor no local.

12 — **Uniforme:** Officiaes, 5.º uniforme, desarmados e de capacete. Sargentos e praças: uniforme de gymnastica.

B) INSTRUCÇÃO TECHNICA

A) Ordem Unida

1) Instrucção individual

13 — O exame de ordem unida comprehende os movimentos da Escola do Soldado, da Escola do Grupo e da Escola do Pelotão. Começa pelos movimentos individuaes, sem voz de commando.

14 — Os grupos de combate formam em linha, numa fileira, os homens separados por intervallos de 2 passos; um grupo atrás do outro, cobrindo, á distancia de 8 passos. A' direita de cada grupo, o sargento monitor. A' direita do grupo de testa, separado por 2 passos do sargento, o official instructor. A' direita e a igual distancia d'este, o Cmt. da sub-unidade.

Formatura no centro do estadio do Quartel (ou praça de exercicios).

15 — Apresenta a fôrça o Cmt. da sub-unidade, pelo módo estabelecido para a prova de Educação Physica. Depois que a autoridade tiver passado revista á tropa, o official instructor deixará o lugar que occupa, para collocar-se á esquerda da dita autoridade. Os homens permanecem na posição de sentido.

16 — Em cada grupo, da direita para a esquerda, a autoridade que procede ao exame colloca-se successivamente deante de cada soldado e este, sem voz de commando e á indicação do instructor, executa os seguintes movimentos: Olhar á direita!, Olhar frente!, Olhar á esquerda!, Olhar frente!, Hombro-arma!, Apresentar-arma!, Descançar-arma!, Apresentar-arma!, Descançar-arma!, Descançar!, Sentido!, Armar-bayoneta!, Desarmar-bayoneta!, Descançar!.

17 — Terminada essa parte do exame, a autoridade volta á testa da formatura, procedendo como anteriormente, afim de assistir aos movimentos individuaes de: Ajoelhar! (levantar) e Deitar! (levantar), que os homens irão executando successivamente, sem voz de commando.

18 — Depois, toda a escola executa **direita volver** e, a partir do G. C. da direita, o homem da testa do grupo faz — Hombro-arma!, marcha em frente, em passo ordinario, até uma distancia de 30 metros; faz ahi meia-volta !e Alto! descança e fica esperando que o seu grupo se reconstitua. O homem seguinte parte quando o antecedente tiver descançado.

2) Escola do G. C.

19 — Finda essa parte, volta a autoridade á testa da formação, para assistir á execução collectiva, por G. C., dos movimentos anteriores, feitos á voz de commando dos respectivos sargentos monitores.

20 — Passa-se em seguida a **voltas e marchas**.

21 — O sargento monitor, á voz de commando, fará executar voltas a pé firme e em marcha, Olhar á direita !e Olhar á esquer-

da! marchar em passo ordinario, sem cadência, em acelerado e em marche-marche, e praticar pequenos deslocamentos com arma suspensa e o alinhamento. Terminará por: Ensarilhar armas! Fôra de forma-marche!. Depois, commanda: Columna por um! Frente para..... Faz em seguida os homens desfilar em perante a autoridade, separados pela distancia de 5 passos, para executarem a continência individual. O G. C. volta ao sarilho e retoma as armas á voz de commando do sargento monitor, o qual o leva ao lugar que occupava inicialmente na formatura. Tem início o exame do grupo seguinte.

22 — Terminado o exame do ultimo G. C., a sub-unidade retoma, no lugar em que está, a columna por tres e fica na posição de descansar e em silencio.

3) Escola do Pelotão

23 — Passa-se em seguida á segunda prova pratica, para que a autoridade avalie o gráu de instrucção da Escola do Pelotão (Secção).

24 — A formação para essa parte do exame é a seguinte: os pelotões em columna por tres, um atrás do outro, tendo á frente o official instructor.

25 — Os movimentos são executados em conjuncto e com arma, á voz de commando dos respectivos officiaes instructores.

26 — Formado o pelotão, o official instructor fará executar, á voz de commando, a pé firme e em marcha: Olhar á direita! Olhar á esquerda!, Olhar frente!; marcha sem cadência, marcha em passo ordinario, em acelerado e marche-marche; pequenos deslocamentos, com arma suspensa, nas diversas formações; alinhamento e cobertura. Terminará por Ensarilhar!, Desensarilhar-armas!, Fôra de forma-marche!. Depois commanda: Em forma!, Columna por tres! Conduz, em seguida, os homens ao lugar que occupavam inicialmente na formatura. E tem início o exame do Pelotão seguinte.

27 — Terminado o exame do segundo pelotão, a sub-unidade retoma a formatura inicial, no local em que está, e fica na posição de descansar e em silencio.

28 — Os officiaes instructores vão assistir a critica. Apresentam-se ao Cmt. da Cia. e este, por sua vez, com elles, ao do Btl. ou Regimento, dizendo: Officiaes de tal Cia.

29 — Durante a critica, a sub-unidade seguinte toma o dispositivo para o exame. A sub-unidade examinada, finda aquella, retira-se para o alojamento, em perfeita ordem, sob o commando de um sargento.

30 — Uniforme: officiaes, 5.º, armados e de capacete. Sargentos e praças, armados e equipados.

31 — As C. M. B. e C. M. R., além dos exercicios determinados na prova acima, apresentarão: formações, alinhamento e movimentos (material carregado).

B) Maneabilidade

32 — O exame de maneabilidade, como o de ordem unida, comprehende duas provas: uma em turmas de doze homens, para que a autoridade possa avaliar o aproveitamento individual; outra de pelotão, para que ella avalie o gráu de instrucção em conjuncto, no ambito do G. C. (peça) e do Pelotão (Secção). — Introd. do R. E. C. I., n. 12.

33 — As provas realizam-se no local indicado no plano de exames. devendo as sub-unidades ali se encontrar nos dias e horas prefixados. A execução é dirigida pelo official instructor, fazendo a apresentação de cada G. C. o sargento monitor.

34 — Este sargento conduzirá o G. C., em columna por dois, ao local determinado pelo official instructor, ficando ahí os homens em posição de descanso, com a frente para a direcção indicada.

35 — Sob o commando do sargento, o G. C. tomará as diversas formações: columna por um; esquadras successivas, em columna; esquadras successivas, a da testa desenvolvida; esquadras successivas, ambas desenvolvidas; esquadras juxtapotas em columna; esquadras juxtapostas, desenvolvidas, e em linha para o assalto. O sargento indicará os intervallos e as distancias entre as esquadras e entre os homens, bem como as mudanças de frente e de formação.

36 — Depois das formações referidas, o G. C. executará o mecanismo para a execução dos fogos, aos commandos: **Preparar para o combate — Frente para tal ponto! Em posição! — Frente para tal ponto! Preparar a posição! Em posição! Grupo, reunir!**

37 — O G. C. executará em seguida, o mesmo mecanismo, suppondo-se sob as vistas e os fogos do inimigo.

38 — Terminado o exame do ultimo G. C., a sub-unidade volta ao local em que estava no inicio do exercicio, fica em posição de descansar e em silencio. Passa-se em seguida, a outra prova pratica.

39 — O Pelotão, ao commando do respectivo chefe, tomará as diversas formações: columna por tres os grupos juxtapostos, os grupos successivos; em escalão — com a direita ou esquerda avançada; em triangulo — com um dos grupos na frente.

40 — Depois d'essas formações, o Pelotão executará o mecanismo para a execução dos fogos, ao commando: Preparar para o combate — Frente para tal ponto! Em posição — Frente para tal ponto! Preparar a posição! Em posição! e Reunir!.

41 — O Pelotão executará depois o mecanismo suppondo-se sob as vistas e os fogos do inimigo.

42 — Nas Cias. de Metralhadoras, as Secções, ao commando dos respectivos chefes, executarão a maneabilidade que lhes corresponde (movimentos, formações, entrada em posição, mudança de posição etc.).

43 — Terminadas as provas de todos os pelotões (Secções) da sub-unidade, o cmt. do Btl. (Regimento) fará a critica do exame, a ella assistindo os officiaes presentes.

44 — Uniforme: o mesmo da prova anterior.

C) Armamento e material

45 — O exame da instrucção do armamento realiza-se em sala ou alojamento, a ella comparecendo de uma só vez, todos os homens de cada sub-unidade, os quaes devem estar no local 10 minutos antes da hora fixada no plano de exame.

46 — No centro ou outro local conveniente da sala, sobre uma mesa, encontrar-se-hão as armas: fuzil, mosquetão, F. M., pistola, bem como a munição correspondente e a maquina de carregar. Quando a sub-unidade fôr de metralhadoras, além das armas referidas, deverão achar-se no recinto, collocadas no chão, as Mtrs. pesada e léve, bem como arreiaamentos, cangalhas, estribos, telemetros, cofre de accessorios, de munição,, canos sobresalentes, etc.. Com a metralhadora Madsen, o material correspondente.

47 — Nas mesmas condições do item anterior, encontrar-se-hão no local: mascara contra gazes, material de sapa, facão de matto, serra articulada, alicate, paineis, equipamentos, bornaes, talabartes, bolsas de munição, etc..

48 — A prova consta de duas partes praticas: uma realizada por turmas de 3 a 4 homens, destinada a evidenciar a habilidade individual; outra (armas automaticas), com a esquadra ou peça completas, para julgar de sua aptidão no trabalho colectivo.

49 — A arguição versará sobre os assumptos escolhidos pelo official responsável pela instrucção, caso o Cmt. do Btl. (Regimento) não prefira indicar elle proprio as partes sobre que se farão as perguntas.

50 — Para a nomenclatura e funcionamento das armas, o soldado interrogado adeantar-se-ha e mostrará a peça a que corresponde o nome enunciado, fazendo funcionar o mecanismo, si fôr o caso.

51 — Uniforme: o de exercicio, gôrro sem pala e desarmados.

D) Instrucção de tiro

52 — A prova de instrucção technica de tiro realizar-se-ha no estadio do quartel ou praça de exercicios.

53 — As sub-unidades deverão achar-se no local 10 minutos antes da próva; os homens formados em linha, em tres fileiras, em logar conveniente do estadio. A apresentação, como ficou dito para as outras provas fóra de alojamento ou sala.

54 — As sub-unidades farão collocar no local do exame, com a antecedência necessaria, o material empregado na instrucção de tiro, que será installado a 10 metros na frente da tropa.

55 — Os homens serão chamados tres a tres (uma fila), a partir da direita; effectuada a prova, collocar-se-hão á esquerda, afastados 10 m., ahi se reconstituindo a formatura.

56 — O exame versará sobre os assumptos constantes dos programmas pormenorizados das Cias., referentes á materia.

57 — Todos os homens terão de mostrar o gráu de instrucção que adquiriram:

No carregar e descarregar a arma.

No manejo e emprego da alça.

No assestamento da arma nas tres posições de tiro.

No disparar a arma.

Na pontaria.

58 — A prova começa pelo carregamento da arma com cartuchos de manejo, o homem de pé. Segue-se o manejo e emprego da alça, para as distancias que forem determinadas. O homem res-

Quadro da organização do G. C. e Pelotão com effectivo reduzido para a realização dos exames do 1.º Período de Instrução — (de accôrdo com o effectivo da tropa para o corrente anno).

GRUPO DE COMBATE

DESCRIMINAÇÃO	Fraças				Armamento				Ferramenta				OBSERVAÇÕES		
	3.º Sargento	1.º Cabo	2.º Cabo	Soldados /	Fuzis c/sabre	Mosq. c/sabre	F. M.	Pistolas	Pás	Picaretas	Machadinhas	Facões de matto		Serra articulada	Alicate
Comandante do G. C.	1				1								1	1	a) — com boccal
1.ª esquadra (fuzileiros)		1			1		1	1	1			1			
				1											
				1		1				1					
				1		1				1					
				2		2					1				Pel. { 3 G.C. — 39 homens Ten. — 1 2.º Sgt. — 1 Somma 41
2.ª esquadra (volteadores)			1		1							1			
				1	1				1						
				3	3				1	2					
				1	1a				1						
Somma	1	1	1	10	8	4	1	1	6	3	1	2	1	1	

3 G.C. — 39 homens
 Pel. { Ten. — 1
 2.º Sgt. — 1
 Somma 41

Quadro da organização da Secção Mtr. L. e P. com effectivo reduzido para a realização dos exames do 1.º Periodo de Instrução — (de accôrdo com o effectivo da tropa para o corrente anno).

SECÇÃO DE METR. P.

DISCRIMINAÇÃO	1. ^o ou 2. ^o Ten.	2. ^o ou 3. ^o Sgt.	Praças			Armamento			Ferramenta					Animaes		OBSERVAÇÕES	
			1. ^o Cabo	2. ^o Cabo	Soldados	Mosq. c/sabre	Metralhadoras	Pistolas	Pás	Picaretas	Machadinhas	Facões de matto	Serra articulada	Alicate	De sella		De carga
Cmt. da Secção Auxiliar	1	1				1		1							1		a) — Em cargueiros
auxiliar Telemetrista					1b	1			1				1	1			
Grupo Ordenança					1	1											
Duas peças {			1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	1	6d	Na Sec. Mtr. L.
																	b) — não tem teleme-
																	tristas
																	c) — 4 conductores
																	d) — 4 animaes de
Conductores					6c	6	2a	2	1	1							carga
Somma	1	1	1	1	18	17	2	5	9	5	1	2	1	1	1	6	

(Continú)

Bom — si realizou toda a série dos tiros de instrucção.

Regular — si realizou o tiro n.º 8 de instrucção

102 — F. M. (para seis atiradores no mínimo):

Optimo — si realizou dois tiros de combate.

Bom — si realizou toda a série dos tiros de instrucção.

Regular — si realizou o tiro n. 7 de instrucção.

103 — Mtr. (para seis atiradores no mínimo):

Optimo — si realizou dois tiros de combate.

Bom — si realizou toda série dos tiros de instrucção.

Regular — si realizou o tiro n. 7 de instrucção.

c) Aproveitamento individual no lançamento de granadas.

104 — **Optimo** — Além de 30 metros.

Bom — entre 30 e 25 metros.

Regular — aquém de 25 metros.

d) Aproveitamento individual nas demais provas

105 — Nas demais provas, o aproveitamento individual será avaliado tomando-se por base o estabelecido no n.º 99.

e) Instrucção Physica (Por escolas no ambito de cada Cia.).

106 — **Optimo** — si a escola executar correctamente todos os movimentos de uma lição que satisfaça os caracteristicos regulamentares.

Bom — si menos de 10% dos homens não executarem correctamente os movimentos da lição preparada nas condições acima;

Regular — si mais de 10% dos homens deixarem de executar os movimentos correctamente.

f) Julgamento de cada parte da Instrucção no ambito da Cia.

107 — **Optimo** — si todos os recrutas demonstrarem **bom** ou **optimo** aproveitamento, admittindo-se até 10% de **regular**.

Bom — si 60% dos recrutas demonstrarem **bom** ou **optimo** aproveitamento.

Regular — si não fôr attingida esta ultima percentagem.

g) Julgamento de cada Cia.

Optimo — si a sub-unidade obtiver 80% de resultados **optimos** e 20% **bons**.

Bom — si obtiver 60% de resultados **optimos e bons**.

Regular — si tiver mais de 40% de resultados **regulares**.

B) RECOMMENDAÇÕES PARTICULARES

109 — Para a realização da prova de combate do Pelotão (Secção), o Cmt. da sub-unidade apresentará no dia anterior á commissão examinadora um thema simples, que trate exclusivamente do emprego da Cia. e, dentro d'esta, dá missões a um Pelotão (Secção), cabendo aos tenentes e sgts., em consequência, a redacção de ordem ou ordens decorrentes que lhe dizem respeito, sendo ainda importante que todos os examinandos conheçam perfeitamente o terreno.

A prova comportará, além do desenvolvimento em conjuncto, a conducta individual dentro do G. C., vendo-se o emprego da ferramenta de sapa, a utilização das mascaras contra gazes e dos paineis de demarcação.

De modo analogo ao acima referido, procederão os Cmts. de sub-unidades na organização da prova de serviço em campanha e organização do terreno.

110 — Durante as provas de exame é prohibido aos instructores e monitores fazer qualquer correcção.

111 — Quando uma das provas estiver sendo executada por forma contraria ás presentes instrucções ou quando dê uma falsa noção do combate ou serviço em campanha, a commissão deverá intervir para corrigir o que foi violado, mediante previa consulta á autoridade que preside o exame.

112 — A's provas de instrucção tactica comparecerão todos os officiaes combatentes do corpo.

113 — Na apresentação das sub-unidades, não é demais lembrar que os homens compareçam rigorosamente uniformizados, o equipamento bem ajustado ao corpo, mochilas adherentes ao dorso (barba feita, cabellos cortados, botinas e perneiras engraxadas).

114 — Nos exames de maneabilidade, serviço em campanha e combate, os G. C., Pelotões e Secções, comparecerão com as dotações em material e armamento constantes do quadro annexo.

115 — Após os exames, serão escalados por sub-unidades alguns homens para o restabelecimento do terreno onde se abriram as trincheiras, sapas, abrigos, etc., em obediência ás determinações em vigor.

A Infantaria e os Carros

Pelo Cap. AUGUSTO MAGGESSI

GENERALIDADES

A importancia do fogo é uma verdade historica.

Desde a guerra Russo-Japoneza — (para não nos reportarmos ás campanhas mais distantes) — com o emprego da arma mortifera por excellência — a metralhadora, — foram esclarecidas certas verdades até então perdidas de vista; por exemplo, a necessidade de não exaggerar o espirito offensivo. (1)

O movimento antes do fogo ou movimento sem a superioridade do fogo, tornou-se praticamente inexequivel.

E a concepção hodierna do combate, naturalmente sanccionada pela Grande Guerra — e outras campanhas de menor vulto desenvolvidas até o momento, elevaram esta affirmativa á categoria de principio.

Seja qual fôr a phase da batalha, o problema do ataque para uma unidade de Infantaria, é sempre o mesmo: avançar, apesar do fogo inimigo, num dispositivo apropriado até seu objectivo e nelle manter-se.

Ora, para avançar é necessario destruir ou pelo menos neutralizar o fogo do adversario por uma acção de fogo superior. Esta

(1) A essência da Guerra é a violência; mas esta feita com balanceamento de possibilidades. Sinão, incorre-se, por exemplo, nas erroneas e exageradas concepções do General CARDOT, veterano da guerra de 1870, que, em suas obras publicadas em 1897, chegou a formular phrases como esta: "Apprendre aux hommes à se défilier, à se cacher, à s'abriter, c'est leur donner des leçons d'immoralité et de lâcheté".

De facto, a adopção de doutrinas edificadas em tempo de paz, deve ser cuidadosamente controlada pelo órgão competente.

Ainda na França, antes de 1914, como nos ensina o Tenente-Coronel LANÇON ("Quelques reflexions sur l'évolution de la tactique" — 1935), a doutrina da offensiva sempre verdadeira no dominio strategico (e da Grande Tactica como diz o Coronel NALOT), foi generalizada sem discernimento no campo tactico, até os menores elementos. Espiritos brilhantes e de indiscutível prestigio, como o Cel. GRANDMAISON e outros, bateram-se pelos processos offensivos "à outrance", esquecendo-se de que os acontecimentos do campo de batalha, escapam a toda medida.

acção de fogo abre o caminho, acompanha e protege a acção de movimento. Na offensiva o fogo e o movimento são inseparáveis.

D'onde, em definitivo, para um chefe de infantaria, — montar um ataque com possibilidade de successo, é organizar e combinar as duas acções constitutivas do mesmo, isto é, effectuar a synthese — fogo - movimento.

A acção do fogo, objecto essencial d'este introito, sendo encarada de modo geral, visa: Destruir ou pelo menos neutralizar o fogo inimigo: fogo de artilharia, fogo de infantaria afastada, fogo de infantaria aproximada.

Para tanto, conforme os meios a applicar no combate: infantaria, artilharia, às vezes carros e aviação, a acção em apreço admite modalidades cujo total fórma o "Plano de fogos".

Tal plano vem a ser então o conjuncto coordenado de todos os tiros previstos para conseguir o fim acima definido. (2)

Dentro d'estas idéas, o plano de fogos comprehende principalmente:

A) Fogos de Artilharia, actuando contra:

— a artilharia inimiga: contra-bateria, geralmente organizada no escalão Exército;

— os fogos longinquos da infantaria inimiga :tiros de protecção, organizados no escalão Divisão, sem embargo de alguns d'elles, consoante a situação, serem executados a pedido da infantaria;

— os fogos aproximados da infantaria inimiga: tiros de apoio directo, organizados e coordenados no escalão R. I. — Agrupamento de apoio directo, levando em conta os pedidos formulaos pelos Batalhões.

B) Fogos de Infantaria, destinados não só a completar os da Artilharia — com o fim de neutralizar os fogos afastados e sobretudo aproximados da infantaria inimiga, — como tambem a substituil-os, caso sejam insufficientes. (Aliás os fogos da infantaria são os unicos com os quaes esta arma pode contar permanentemente).

São fornecidos:

— pelo escalão de fogo, composto dos pelotões de primeiro escalão das Companhias de Fuzileiros participantes do combate, e, eventualmente, pelas metralhadoras que marcham logo trás d'este escalão;

(2) R. E. C. I. — 2.^a Parte — n.º 126.

ponderá ás perguntas feitas sobre o emprego do fuzil no tiro individual, contra homens isolados e em grupos.

No assentamento da arma, executado na posição de tiro que o instructor determinar, o recruta fará os movimentos necessários, lentamente, visando, por fim, um ponto do alvo collocado a 10 metros na sua frente (alvo de um metro). Depois de feita a pontaria, o recruta dirá o ponto do alvo que visou.

59 — O exame de pontaria far-se-ha num segundo turno, quando tenha findado a prova acima referida, para todos os homens. A arma é collocada no cavallete, sobre o sacco de areia. O homem de pé visa o bordo inferior do centro do alvo, a 10 ms. de distancia. Quando julgar a pontaria boa, avisará: "pontaria feita". Os membros da commissão verificam o resultado. Outros tres homens substituirão os que tiverem terminado a prova.

60 — Nas Cias. de fuzileiros, o exame da instrucção technica de tiro termina com a apresentação de 12 atiradores de F. M., que executarão, com essa arma, a prova de carregar, assestar, visar o alvo, disparar e do manejo e emprego da alça nas diversas posições de tiro (execução dos tiros continuos e intermitentes).

61 — Os recrutas das sub-unidades de metralhadoras, além das provas acima indicadas, farão ainda a da escola da peça. A apresentação dos homens será na formação para inspecção do material, dirigida pelo sargento monitor, mediante ordem do official responsável pela instrucção.

62 — Depois da apresentação, seguir-se-hão as provas por guarnições completas: collocação da peça em posição baixa, intermediaria e alta, funcionamento da arma com munição de festim; pontaria contra alvos collocados a 50 metros, etc..

63 — As guarnições succedem-se na mesma peça, até que todos os homens tenham feito o exame.

64 — A prova terminará com a verificação dos resultados obtidos nos tiros reaes ao alvo, consignados nos respectivos registros.

65 — Uniforme: Officiaes, de serviço, desarmados, capacete; Praças, de serviço, armados, capacete.

E) Organização do terreno

Sub-Unidade de Fuzileiros

66 — O exame consiste na arguição, no terreno, sobre os elementos constitutivos de uma organização para G. C., preparada

com antecedência e na qual haja uma plataforma, postos de granadeiros, um posto de espreita, etc..

67 — A arguição versará sobre a nomenclatura da trincheira, da sapa, da paralela, da normal, etc..

68 — Procurar-se-ha verificar si o G. C. sabe como se deve conduzir na organização, tanto de dia como de noite.

Sub-Unidade de Metralhadoras

69 — Para as sub-unidades de metralhadoras, o exame constará de arguição analoga sobre os elementos de uma organização de secção: dimensões dos espaldões, postos de observação, de commando, de remuniamento, abrigo.

70 — Será igualmente observado o funcionamento da secção dentro da organização construida.

C) INSTRUÇÃO TACTICA

A) Combate

Sub-Unidade de Fuzileiros — Instrução Individual

71 — O exame da instrução tactica individual realiza-se em local adequado, previamente escolhido e constante do plano de exames. As sub-unidades devem ahi se encontrar nos dias e horas fixados no dito plano.

72 — A prova far-se-ha por G. C. sob o commando de um dos sargentos e sob a direcção do instructor. Os homens formarão todos como volteadores.

73 — O Cmt. do G. C. collocar-se-ha no ponto do terreno que lhe fôr determinado pelo official instructor; ahi disporá os homens na posição que o terreno e a situação tactica creada o exigirem; inicialmente, de pé, frente para o trecho do terreno escolhido; reptirá claramnte as indicações concernentes á materia da prova, recebidas do official, e dá começo ao exame.

74 — A prova principia pela descoberta e designação de objectivos, estando os homens em differentes posições de tiro, — objectivos naturaes e alvos de combate. O sargento monitor escolherá um ponto notável do terreno e, a partir d'elle, irá chamando a attenção dos soldados para os differentes accidentes bem visiveis; faz, depois, a cada homem as perguntas que julgar necessarias, guiando-os, assim, na descoberta dos objectivos difficeis, que elles

- como vigia, fixo e movel, e como observador;
- como vigia das armas;
- fazendo parte de um posto.

88 — A prova para o Pelotão realizar-se-ha noutro dia, dentro de uma situação tactica simples, de modo que se possa observar a conducta do Pel. no escalão de reconhecimento, e, dentro do Pel., a do G. C. como patrulha de flanco, de ligação e de esclarecimento.

89 — Uniforme: o da prova anterior,

C) Marchas

90 — A prova de marcha será realizada por ultimo e de accôrdo com a letra d, do art. 112 — Intr. do R. E. C. I., ficando o criterio da commissão examinadora escolher, se á noite (18 kms.) ou de dia (24 kms.), por unidades isoladas ou simultaneamente, no ambito do Btl.

91 — Durante a marcha, será observada a conducta dos homens: quanto á disciplina de marcha, na aproximação de avião inimigo, nos altos horarios, quanto aos deveres dos conductores, ordenanças, etc..

Si realizada á noite, ter-se-hão ainda em conta todas as prescripções relativas ao assumpto, com relação a itinerario, ligações, etc..

D) INSTRUÇÃO GERAL, MORAL E CIVICA

92 — O exame da instrucção geral realizar-se-ha em sala ou alojamento e obedecerá, em tudo, ao que foi determinado para o exame do armamento (n.º 45).

93 — O Cmt. da Cia. escolhe a parte da instrucção sobre que os homens devem ser arguidos (quando o Cmt. do Btl. ou Regimento não o preferam fazer), e o official instructor começa a expôr a materia, encaminhando o assumpto de forma que, chegado a certo ponto da exposição, se tornem necessarias affirmações que encerrem o sentido da proposição. as quaes devem ser obtidas mediante perguntas aos homens.

94 — Cada homem será arguido ao menos uma vez. Si a resposta não satisfizer, o instructor formulará segunda e terceira perguntas, sem que a arguição exceda a um minuto para cada recruta. Os que não responderem satisfactoriamente terão que repassar esse ramo do ensino durante o 2.º periodo.

95 — O exame versa sobre a materia constante dos programas de instrucção. Exgotado um assumpto, o instructor passara a outro, comprehendido na parte da instrucção que lhe foi indicada, afim de percorrer na arguição toda a materia, embora cada recruta responda apenas perguntas concernentes a um só ramo.

96 — A prova de educação moral e civica realizar-se-ha em seguida á anterior, procedendo o instructor á interrogação como foi dito: explanará cada ponto do programma e, no decurso de sua exposição interrogará os recrutas.

97 — A prova terminará com o canto do Hymno Nacional, do Hymno da Bandeira e de uma canção militar, dirigidos por um sargento monitor.

98 — Uniforme: de exercicio, gorro sem pala, desarmados.

III — PRESCRIÇÕES GERAES

A) PROCESSO DE JULGAMENTO

a) Aproveitamento individual em geral

99 — Individualmente, o recruta será julgado com aproveitamento quando, no minimo:

— Souber manejar o F. O. e carregar o F. M. e atirar com elles (Mtrs. para os recrutas das Cias. de Metrs.);

— Tiver feito a 8.ª Posição dos tiros de instrucção com F.O.;

— Souber executar os movimentos individuaes essenciaes da Escola do Soldado;

— Tiver feito a marcha da prova;

— Conhecer a parte essencial da instrucção do volteador (ocupar uma posição e progredir), exigindo-se, além disso, para as Cias. Mtrs. o desempenho das funcções de qualquer servente da peça ou de conductor;

— Conhecer os pontos essenciaes da Instrucção Geral e da Educação Moral.

100 — O recruta que não satisfizer ao minimo acima estabelecido será declarado retardatario.

b) Aproveitamento individual na instrucção de tiro

101 — F. O. (para as Cia. de Fuz.):

Optimo — si realizou o tiro de combate n. 4.

— pela base de fogos formada do conjunto dos meios de fogo da infantaria mantidos provisoriamente em posição. Esta base de fogos tem por missão apoiar e flanquear constantemente o ataque.

Mas, nem sempre esta combinação básica de fogos Infantaria-Artilharia, satisfaz por si só á execução das operações.

Registam-se muitos casos nos quaes este trabalho normal de cooperação das duas armas, torna-se insufficiente para aniquilar as armas automaticas inimigas e demolir redes de arame; quando mais não seja, sua applicação unica exige tempo e munições supplementares.

2) — Para remediar tal inconveniente appellou-se desde 1916 para os novos engenhos: os carros.

Trata-se de engenhos de fogo blindados, de tracção mecanica que se movem sobre lagartas e têm por fim destruir ou neutralizar as resistências inimigas. (3)

Utilizados pela primeira vez nas operações do SOMME em 1916, os carros tiveram evolução rapida, sendo successivamente empregados pelos alliados em 1917 e 1918. (4)

(3) Exemplos da Grande Guerra:

— Operações dos Inglezes no SOMME em Setembro de 1916.

— Offensiva Franceza de 16 de Abril de 1917.

— Ataque de CAMBRAI pelos Inglezes a 20 de Novembro de 1917.

— Contra-offensiva do X.º Exército em Julho de 1918.

— Offensiva do IV.º Exército na CHAMPAGNE a 26 de Setembro de 1918.

(4) Convém notar preliminarmente, o seguinte:

A concepção do emprego de engenhos similares, remonta aos tempos mais longínquos.

XENOPHONTE, grego, illustre escriptor, notável pelas suas sentenças e o maior génio guerreiro da antiguidade, attribuiu a CYRO a idéa de empregar os carros para romper os batalhões inimigos.

Em épocas mais proximas, LEONARDO DA VINCI (1452-1519) — o génio inigualável da renascença italiana — parecia adivinhar o modo de emprego dos carros, quando assim se expressava: "Atrás d'elles a infantaria poderá avançar sem perigo e sem difficuldade". No seculo XVIII, VOLTAIRE (1694-1778) tambem alludiu ao assumpto.

Em 1770 na Inglaterra e 1811 na America do Norte, registaram-se invenções com o fim de passar das concepções imaginativas ao dominio da realidade.

Mas, sómente em 1914 com o desencadeamento da maior guerra de todos os tempos, taes engenhos foram effectivamente incluídos nos exércitos francez, inglez e allemão, embóra a extensão de sua efficácia no campo de batalha só fosse sancionada na ultima phase da lucta.

No SOMME, seu numero era muito reduzido e a infantaria não sabia ainda operar em ligação com elles. Assim, os inglezes só fizeram despertar a attenção dos allemães sobre o meio de os combater, como mostram os regulamentos d'estes, no pertinente á guerra de posição, em fins de 1916.

Na batalha de 16 de Abril de 1917, os carros de assalto francezes (82 carros Schneider e Saint-Chamond) appareceram pela primeira vez, mas em condições desfavoráveis. Os allemães alertados, como vimos acima pelas operações do anno anterior, haviam já preparado a defesa conveniente. (5)

"La surprise produite par l'apparition d'un engin inconnu n'a pas eu lieu, parce que les Anglais, malgré les prières du G. Q. G. français, ont engagé leurs "tanks" dans des actions de détail dès septembre 1916" (Lieutenant-Colonel PERRÉ).

Com effeito, a fraca penetração dos francezes, em columnas profundas de carros através um terreno muito revolvido, deixou os observatorios nas mãos do inimigo, cuja artilharia poude actuar facilmente contra esses engenhos mesmo antes do desenvolvimento (6); emfim a infantaria pouco habituada a actuar em ligação com os carros, não sabia aproveitar-se das vantagens momentaneas por elles obtidas, votando-se assim a um sacrificio quasi inutil. Não obstante esse lamentável acontecimento, dois excellentes ensinamentos se registaram (como previsão):

— a efficácia do novo engenho de guerra contra os obstáculos da fortificação de campanha;

— seu emprego em massa, permittindo reduzir sem contudo supprimir a preparação da artilharia, por conseguintes, obter com mais facilidade a surpresa. (Aliás a nova Instr. sobre o Emprego Tactico das G. U. francezas de 12 de Agosto de 1936 é taxativa: "O emprego dos Carros não exclúe a preparação da artilharia").

A offensiva de CAMBRAI a 20 de Novembro de 1917 teve por fim obter exito local pela surpresa, escolhendo-se parte da frente inimiga sufficientemente desguarnecida da tropa. A preparação da artilharia foi completamente supprimida graças ao emprego de

(5) Além disso, o Commando Allemão, já havia nomeado Comissão para estudar um aparelho novo, muito embora os carros allemães só apparecessem pela primeira vez no campo de batalha em SAINT QUENTIN, em Março de 1918.

(6) "...en une seule journée de combat, 43 chars demolis par l'artillerie..." (Lieutenant-Colonel VELPRY — L'Avenir des Chars — 1923).

terão de referir a um dos pontos notáveis do terreno e de que terão de dar as características; avaliarão, em seguida, a distancia a que se acham do observador ou de outro ponto escolhido pelo sargento monitor. Os objectivos naturaes não devem estar a distancia superior a 1.200 metros; os alvos de homens isolados, a mais de 400; os de grupos de homens, a mais de 600.

75 — D'essa mesma posição ou de outra proxima que offereça maiores vantagens, cada soldado será interrogado sobre os accidentes do terreno e sua utilização como protecção contra as vistas e abrigo contra o tiro, etc.. Pode-se aproveitar a occasião para interrogar os sobre os indicios que revelam a presença ou aproximação do inimigo; sobre a orientação no campo, etc..

76 — A prova terminará pela progressão do G. C., na direcção de um objectivo dado, tirando proveito do terreno, seguido as exigências de uma situação tactica simples, creada pelo official instructor. O sargento monitor indicará a posição que o G. C. vae occupar e os homens, um a um, ou em grupos, progredirão na direcção dada, até attingil-a; ahi escolherão, por si mesmo, a posição de fogo, melhorando-a com a ferramenta de sapa, quando necessario. O sargento designará o objectivo, os homens escolherão a alça, dentro do limite do tiro individual.

77 — Terminadas em cada sub-unidade as provas dos G.C., constituídas como foi dito acima, o Cmt. do Btl. (Regimento) fará no local a critica do exame, que será assistida pelos officiaes presentes e sargentos monitores da sub-unidade.

78 — Uniforme: Officiaes — 5.º uniforme, desarmados, capacete e binoculo. Sargentos — 5.º uniforme, capacete, armados, equipamento de guarnição. Soldados — 5.º uniforme, capacete, armados e equipados (sem páu de barraca), mochila vazia.

Instrucção do Pelotão

79 — O exame de instrucção tactica do pelotão realizar-se-ha noutro dia, em terreno variado. O Cmt. da sub-unidade creará, para cada pelotão, uma situação tactica simples, no quadro da Cia., que permittirá desenvolver uma marcha de aproximação em 1.º escalão e, em seguida, uma acção de combate, durante a qual se possa apreciar a forma por que são empregadas os F. M. e avaliar a actividade dos homens no ambito da unidade elementar.

80 — A situação creada deve ser tal que permita ao Cmt. do Pel. empregar judiciosamente os seus G. C. e cada Grupo tenha de

tomar uma formação de combate, progredir por lances, occupar uma posição de tiro e desenvolver a acção dos fogos. O Pelotão será commandado por um official, os Grupos pelos respectivos Cmts., cada esquadra por um cabo monitor; na falta d'estes, por um candidato a cabo. Os F. M. serão effectivamente utilizados com munição de festim.

81 — Após o exame dos pelotões de cada sub-unidade, o Cmt. do Btl. (Regimento) fará no local a critica, a que assistirão os officiaes presentes.

82 — A sub-unidade examinada será reconduzida ao quartel pelo sargento mais graduado. Os officiaes permanecem no local para assistir ao exame da sub-unidade seguinte.

83 — Uniforme: o da prova anterior.

Sub-Unidade de Metralhadoras

84 — O exame de combate das sub-unidades de metralhadoras comprehende:

— Instrucção individual, examinada por forma analogia á que foi prescripta acima para as sub-unidades de fuzileiros e apresentada por peça;

— Instrucção tactica da Secção.

85 — A prova da instrucção de combate da Secção, que se effectuará em outro dia, far-se-ha por Secção, commandada por um official, as peças por cabos monitores.

86 — Para a execução d'essa prova. o Cmt. da Cia. creará situações tacticas simples, no quadro das quaes se possa observar o emprego da Secção das missões: em apoio, á disposição e em acompanhamento (no coroamento de uma posição). No cumprimento d'essas missões, verificar-se-ha a entrada em posição, a preparação e execução do tiro (contra objectivos que o Cmt. da Secção designará), o remuniamento e a mudança de posição de tiro (se fôr o caso).

B) Serviço em campanha

87 — O exame do serviço em campanha será realizado no terreno. A prova individual consistirá na verificação dos conhecimentos adquiridos pelos recrutas sobre a conducta do soldado nas seguintes situações:

— fazendo parte de uma patrulha de ligação e de esclarecimento;

grande numero de "tanks" encarregados da destruição das rédes de arame no momento do assalto; quasi nenhum trabalho preparatorio, mas utilização esmerada do disfarce; todos os movimentos effectuados á noite e a collocação do dispositivo em grande parte feita mesmo na vespera do ataque, taes foram as medidas tomadas pelos inglezes para realizar a surpresa.

O III.º Exército Britannico (BYNG) atacou com o fim de romper a frente allemã numa largura de 11 kilometros, com 2 C. Ex. (de 4 D. I. cada um), auxiliados por 450 carros (Tanks Marks, IV capazes de atravessar trincheiras de 3 metros).

Este caso constitúe um exemplo empolgante do rendimento considerável dos carros, quando empregados sem prejuizo da acção concordante das differentes armas.

Mais uma vez ficou constatada a extrema potência da massa de carros, permittindo supprimir a preparação da artilharia, por conseguinte, realizar a surpresa tactica e, até certo ponto, a surpresa strategica. (7)

A contra-offensiva do Xº Exército Francez do Norte de OISE (General MANGIN) de 11 de Junho de 1918, teve em vista egualmente a obtenção da surpresa.

O Exército, composto de 18 D. I., 470 baterias, 244 carros médios e 225 carros leves, tinha a missão de romper a frente inimiga entre o AISNE e o OURCQ e aproveitar o exito na direcção de FÈRE-EN-TRADENOIS, em ligação com uma offensiva do VIº Exército.

A batalha durou 5 dias entre 18 de Julho ás 04,35 horas quando teve inicio sua preparação de artilharia e o dia 23 de Julho á tarde. Caracterizou-se pela ruptura da frente momentaneamente estabilizada, durante a guerra de movimento.

O exito devido aos carros tornou-se incontestável, muito embora as perdas d'esses engenhos tenham sido bastante sérias. Taes

(7) Antes da batalha, o unico processo offensivo admittido era a conquista successiva dos compartimentos de terreno pelos projecteis da artilharia. Quanto á surpresa no caso, póde admittir-se controversia. O Gen. austriaco Von Eimannsberger, por exemplo, em sua obra: "Der Kampfwagenkrieg" — "A guerra dos carros" — refere que os allemães não foram surprehendidos. Souberam do ataque pela arguição de prisioneiros e tomaram disposições de alerta costumeiras. Apenas, estas foram insufficientes face á "massa" de carros empregada pelos inglezes ("Revue Militaire Française" — Junho de 1925). Si assim occorreu, mais uma prova da efficiência do emprego massivo desses engenhos.

perdas decorreram não só da insuficiência de protecção contra a artilharia inimiga como também do emprego defeituoso por parte de algumas unidades. Perdas proporcionaes ás de 16 de Abril de 1917.

Finalmente a Offensiva do IVº Exército Francez na CHAM-PAGNE a 26 de Setembro de 1918, visou a ruptura de uma frente poderosamente organizada, mantida por inimigo possuidor de todos os meios materiaes.

A batalha durou até o dia 3 de Outubro á tarde. Quanto aos carros, infelizmente, não foram empregados numa operação regularmente montada.

Até o dia 28 de Setembro não tinha havido um exemplo de emprego simultaneo dos mesmos em quantidade sufficiente. E quando o general commandante sentiu a necessidade de montar uma operação de conjuncto para o dia 29, das unidades de carros, seriamente esgotadas, apenas puderam entrar em linha 4 companhias para serem repartidas por 3 C. Exército.

O resultado não se fez esperar: "en présence des nombreuses mitrailleuses ennemies, les quelques sections de chars employés, agissant pour ainsi dire isolément, furent la plupart du temps incapables de réduire suffisamment l'intensité du feu de l'infanterie ennemie pour permettre à nos fantassins de progresser".

Após estes justos exemplos, pelos quaes o emprego dos carros decorrentes da época e das circumstancias não logrou desultados muito apreciáveis, convém entretanto notar que taes engenhos prestaram aos Alliados, como reconhecem os allemães, importantes serviços durante a guerra. (8)

Por occasião do armistício, com a denominação geral de artilharia de assalto, já representavam uma potência considerável, especialmente indicada nos ataques de ruptura das frentes organizadas.

Sua classificação, ainda hoje em vigor, — com as modificações decorrentes do progresso de fabricação, — era a seguinte:

- carros de ruptura (pesados) — inglez Marks IV; franco-americanos typo "Liberty" e francez de 70 toneladas);
- carros médios — (St. CHAMOND e SCHNEIDER);
- carros leves — (Renault).

(8) Exemple III — Centre d'Etudes des Chars de Combat — Versailles
— 1922 — Documento fornecido pelo Cmt. DEMIAU.

Este ultimo typo, do qual nos occuparemos com especial cuidado neste artigo, surgiu da necessidade de se aligeirarem os carros St. Chamond e Schneider, os quaes se revelaram muito vulneráveis nos primeiros combates realizados no "Chemin des Dames" e no "plateau de La Malmaison".

Concebido desde o mez de Outubro de 1916 por LOUIS RE-NAULT, constructor de automoveis, com apoio decisivo do General ESTIENNE, (9) este carro constituiu uma excellente transformação. Após experiências coroadas de exito, realizadas no campo de CHAMPLIEU, e a pedido do Marechal PETAIN, o Snr. PAIN-LEVÉ, então Ministro da Guerra, resolveu encommendar á usina Renault, 3.000 d'esses engenhos.

A respeito, refere o nosso saudoso instructor Commandante DUMAY, em uma de suas conferências:

"Un des pilotes, que le monta le premier, le décrivait ainsi: il a un faux air d'avion auquel on aurait changé ses aile de libellule en chenille afin de l'utiliser sur terre".

Que não diria o alludido mecanico, si tivesse de dirigir na época presente os modernos typos francezes (leve, D. e C. e outros), os inglezes "Vickers", os americanos (systema "Christy" de grande velocidade), os italianos, etc....?! (10)

Enfim, após esta exposição succinta, podemos completar o nosso Plano de Fogos, oriundo dos processos cada vez mais aperfeiçoados de emprego dos carros:

C) Fogos dos carros, destinados a substituir ou completar os da artilharia e da infantaria contra os órgãos de fogo aproximados (carros de acompanhamento) ou mesmo, em certos casos, afastados do inimigo (protecção).

(9) Na FRANÇA acaba de ser constituido um Comité para erigir um monumento ao General ESTIENNE, considerado — "o pae dos carros de assalto". (Fevereiro de 1937).

(10) Consultar a respeito:

— A obra "Echos Tactiques à l'Etranger — Infanterie et Chars" — 1932 — do Commandant G. LOUSTAUNAU LACAU.

— A Conferência sobre "Carros de Combate", realizada na E. E. M. em 1935, pel Major PARANHOS.

— O Tomo III — do Curso de Emprego das Armas da E. Ap. de Artilharia da França — 1935.

— O artigo "Quelques reflexions sur l'evolution de la tactique" — 1935 — Lieut-Cel. LANÇON.

Chegados a este ponto podemos recordar os tres aspectos essenciaes da concepção do combate das armas em ligação:

1.º) Antes da Grande Guerra (esquecidos os ensinamentos da Guerra Russo-Japoneza, 1904-05), a infantaria conquistava e occupava o terreno.

2.º) Após o primeiro mez da Grande Guerra, a artilharia conquistava e a infantaria occupava o terreno.

3.º) Concepção moderna: "A infantaria auxiliada pela Artilharia, os Carros, a Aviação e mesmo a Engenharia, conquista e occupa o terreno.

PRIMEIRA PARTE

I — CATEGORIAS, CARACTERISTICAS E POSSIBILIDADES DOS CARROS — ORGANIZAÇÃO

1) CATEGORIAS DE CARROS:

No combate, os carros são utilizados de dois modos differentes:

— seja como carros de acompanhamento, **encarregados de apoiar de mais perto possivel a Infantaria, progredindo com o primeiro escalão;**

— seja como carros de manobra de conjuncto, dotados de maior potência e velocidade que lhes permitem neutralizar successivamente os compartimentos de terreno e garantir assim a protecção afastada da Infantaria.

2) CARROS LEVES:

O carro leve de que nos occuparemos com minudência tem por objecto approximar-se das resistências inimigas para destruil-as por um tiro a curta distancia, rapido e preciso.

Costuma-se attribuir-lhe a propriedade de levar o fogo "a domicilio".

Trata-se, repetimos, de um engenho de fogo blindado, de tracção mecanica, movendo-se sobre lagartas.

A) Dimensões e peso:

Altura: 2 metros, dando ao armamento um campo de tiro sufficiente, apesar do carro se tornar muito visivel.

Peso: 7 toneladas (carro metralhadora 6T.500 — carro canhão 6T.700), por conseguinte possibilidade de utilizar as pontes de equipagem e as portadas.

Armamento: — uma metralhadora Hotchkiss ou um canhão 37. Em virtude das dificuldades de visão: alcance util para o tiro sobre ponto — 400 ms.; alcance util para o tiro de neutralização sobre objectivos definidos — 800 ms..

B) Velocidade e capacidade de marcha:

Para os deslocamentos a grande distancia os carros são transportados por via ferrea ou em caminhões.

No primeiro caso, apresentam-se dois typos de composições. Calcula-se uma composição para cada companhia de carros e 3 por batalhão. Tratando-se de bitola estreita (1 metro), deve-se calcular no minimo 2 composições para cada Cia. e 7 por batalhão.

No segundo caso, uma secção especializada de 30 caminhões ta-carros a cada regimento de carros, tem capacidade para transportar uma companhia, sejam 21 carros ou 5 secções de combate.

Velocidade de marcha sobre lagarta: 3km,500 por hora (alto horario inclusive);

Velocidade no combate: 2 km. por hora;

Velocidade de progressão: relativamente silenciosa: 800 metros por hora.

Velocidade maxima: 7 km. por hora. (11)

Comprimento das etapas diarias sobre lagartas: — 15 a 20 km. durante 2 ou 3 dias consecutivos, com uma revisão de 3 horas todos os dias e um dia de repouso todos os 3 dias.

Travessia de obstaculos: — O carro leve passa quasi em toda parte, salvo nos terrenos revolvidos por bombardeio prolongado de artilharia de grosso calibre ou naturalmente pantanosos.

As trincheiras de mais de 1m,50 de largura não podem ser atravessadas; neste caso a progressão só é possivel depois de um preparo do terreno. Todas as rêdes de arame correntemente usadas são demolidas pelos carros.

(11) Os modernos typos leves attingem 40 km. sem falar do carro americano ultra-rapido de fraca blindagem.

— Para operar em todos os terrenos, a velocidade média do carro leve moderno, não deve ser inferior a 16 km.; e o seu raio de acção, tambem muitissimo superior ao do actual Renault.

C) Condições de visibilidade:

A visibilidade é mediocre; d'onde dificuldade:

— de commando no interior das unidades;

— de ligação com a infantaria; (12)

— de busca de objectivos.

D) Protecção:

O carro leve está á prova dos projecteis de metralhadoras de pequeno calibre.

A carro não resiste ao tiro directo do canhão. Em particular, o canhão anti-carro, do qual são actualmente dotados os Exércitos, é o seu maior inimigo. As metralhadoras de grosso calibre (13 a 15 m/m), são também a temer.

E) Organização:

A secção constitue o grupo de combate dos carros leves. A não ser nos casos de combate sob bosque ou no interior de localidades, ella não deve nunca ser fraccionada.

Compõe-se de duas semi-secções, que comprehendem cada uma: um carro canhão (dirigido pelo sargento ou sub-tenente Cmt. da semi-secção) e um carro metralhadora. O Cmt. da secção (Tenente ou Sub-Tenente) conductor de um carro canhão, colloca-se na testa ou no centro da secção.

A secção de combate habitualmente em batalha desenvolvida numa frente de 200 metros (aproximadamente a frente normal de combate de uma Cia. Fuz. no ataque a uma posição sólidamente organizada).

A Companhia (3 Secções de combate, 1 Secção de commando e transmissões, 1 Secção de reaprovisionamento e reparação de avarias) é a menor unidade de carros em condições de garantir a permanência do apoio numa zona de batalhão de infantaria, durante uma jornada de combate.

Graças á possibilidade de escalonar em profundidade suas tres secções de combate e também aos meios de reconstituição, reapro-

(12) Vide "La Revue D'Infanterie", 1.er Janvier 1936 — "Liaison Infanterie-Chars".

visionamento e reparação de avarias, é a mais forte unidade de carros leves cujo chefe garante pessoalmente o engajamento.

A secção de escalão (reaprovisionamento, etc.) é exclusivamente um órgão de conservação; ella não deve de modo algum ser empregada como uma secção de combate.

Assim, para o ataque a uma posição fortemente organizada, quando se prevê progressão profunda, uma secção apoia normalmente uma Cia. de Fuzs. e uma Cia. de Carros apoia o Batalhão de Infantaria.

3) CARROS DE MANOBRA DE CONJUNTO OU DE PROTECÇÃO

O typo actualmente empregado na França é o Carro D. E' muito superior ao F. T.; além de ser armado com um canhão e duas metralhadoras e ser **equipado com T. S. F.**, sua blindagem e superior velocidade permitem-lhe distanciar-se rapidamente da infantaria e attingir o fundo do compartimento a conquistar, (ou melhor, o horizonte visível).

Como os carros leves, os Carros D são organizados em secções de 5 carros e em companhias de 3 secções. A frente normal de combate (zona a neutralizar para a secção é de 300 a 400 metros; para a Cia., de 600 a 800 metros, correspondente á do Btl. de Infantaria.

Podem ser utilizados, na falta de carros leves nas missões de acompanhamento; este emprego, porém, deve ser excepcional; sua missão normal é de apoio e protecção á Infantaria. Facilitam de muito a acção da Artilharia, em certos casos, substituindo até o de apoio directo. Assim á artilharia na offensiva caberão mais particularmente as missões de protecção afastada e contra-bateria. (Vide quadro das características dos carros actualmente em serviço no Exército Francez).

II — REGRAS DE EMPREGO DOS CARROS

1) CARROS LEVES:

Da exposição acima, resultante da experiência da guerra, concluimos serem os carros aptos a auxiliar efficazmente a infantaria, não só para arrazar os obstaculos passivos e para quebrar as

resistências activas encontradas no terreno e capazes de dificultar a progressão, como igualmente realizar o effeito de surpresa sob condição, bem entendido, de serem empregados em terreno praticável.

Verifica-se também sua capacidade para conquistar o terreno, mas não occupal-o; portanto, sua acção deve ser estreitamente combinada com a da infantaria.

D'estas conclusões, decorrem então os principios geraes de emprego dos carros, ora claramente desenvolvidos nos regulamentos dos quaes fazemos um resumo:

- a) Os carros são empregados nas acções offensivas (ou nos actos offensivos da batalha defensiva, isto é, em contra-ataques).
- b) No combate, as unidades de carros fazem parte integrante do dispositivo da infantaria. O emprego dos carros em ligação com a infantaria exige uma cooperação minuciosa e prévia-mente estabelecida. Ella é garantida pela subordinação das unidades de carros aos commandantes das unidades de infantaria de 1.º escalão, sem descer entretanto do escalão batalhão.
- c) A marcha de aproximação e a collocação dos carros devem ser dissimuladas ás investigações inimigas e para isto executadas normlmente á noite, de maneira que se aproveite o beneficio da surpresa.
- d) O terreno conveniente aos carros deve permittir-lhes uma velocidade de progressão sensivelmente igual á da infantaria. Assim o emprego dos carros leves:
 - exige reconhecimentos minuciosos do terreno;
 - é indicado num terreno medianamente coberto e compartimentado (particularmente favorável á sua acção), onde as possibilidades de observação sejam limitadas;
 - é contra-indicado num terreno fortemente organizado ou revolvido. (13)

Unidades de trabalhadores são previstas, conforme o caso, para facilitar aos carros a travessia de uma zona impraticável aos mesmos sem soccorro.

- e) Em todo ataque montado, os carros em maior numero possível são engajados simultaneamente e numa larga frente e escalo-

(13) Pelo contrario, os carros francezes conhecidos, de grande capacidade de travessia (2 C.),ahi podem ser empregados com vantagem.

nados em profundidade para escapar às concentrações da artilharia inimiga.

- f) Face a um inimigo sólidamente instalado e bem provido de artilharia, os carros (14) devem ser empregados em ataques profundos que visem pelo menos romper o dispositivo da artilharia adversa; e isto para evitar a destruição certa dos carros immobilizados no terreno por uma artilharia em condições de actuar após o ataque.
- 7) Os carros devem ser na medida do possível, protegidos pela infantaria, a aviação e, principalmente, pela artilharia, contra o canhão inimigo.
- h) Si a presença dos carros não modifica essencialmente os processos de combate da infantaria, é susceptível de exercer influência sobre:
- a escolha das zonas de ataque e dos objectivos;
 - as disposições preparatorias a tomar para o ataque;
 - a repartição dos meios de fogo pela infantaria e seu ponto de applicação.

2) CARROS D.:

- a) Seu emprego não se limitará á offensiva. Pela sua mobilidade podem ser utilizados com vantagem na defensiva (15) nos seguintes casos:
- Contra-ataque com infantaria. Missão de apoio e protecção.
 - Contra-ataque sem infantaria. — Caso de crise, para deter um avanço particularmente ameaçador. E' a carga de

(14) Ahí comprehendidos os de protecção.

(15) O General von Eimannsberger, já citado, acha impossivel "contra-atacar" com infantaria contra carros; julga inutil o emprego de carros em contra-ataques e considera igualmente impossivel a "manobra em retirada" pela infantaria quando o ataque dispõe de carros rapidos. E argumenta:

1.^o — Os carros á disposição de uma D. I., em geral pouco numerosos, só poderão actuar em "frente estreita". Resulta d'isso que serão rapidamente envolvidos e destruidos pela massa de carros adversos antes de obterem resultados apreciáveis. Só um verdadeiro ataque, montado com meios comparaveis aos do inimigo poderá reconquistar o terreno.

2.^o — O processo de "defensiva elastica", isto é, a "manobra em retirada" não pode subsistir á acção dos carros rapidos. Tão logo a infantaria se oculte será alcançada pelos carros e não poderá recusar o combate. E accrescenta: "Les armées des pays pauvres voient ainsi leur échapper un procédé de manoeuvre des plus précieux".

cavallaria contra inimigo em movimento, de efeitos por vezes consideráveis.

- Facilitar o retrahimento da infantaria em situação de combate em retirada. Os carros recebem a missão de neutralizar zonas de terreno que possam abrigar engenhos de fogo capazes de impedir o "desprendimento" da infantaria.
- Contra-ataque de engenhos blindados.

- b) A missão normal dos Carros D não impõe, como no caso do acompanhamento, a subordinação absoluta d'esses engenhos á infantaria. Sendo de apoio e protecção, esta missão escapa muitas vezes ao quadro das pequenas unidades. Exige, porém coordenação estreita entre a progressão dos carros e os fogos da artilharia. Portanto, á dada no quadro da unidade encarregada de coordenar os apoios de fogos, isto é, a Divisão.
- c) A natureza do terreno, sua profundidade e a quantidade de carros, constituem a base de emprego d'esses engenhos. Sempre que possível, as zonas de acção das unidades de carros devem coincidir com as das unidades de infantaria. D'este modo será facilitada a ligação infantaria-carros.
- d) No ataque, visto que os carros trabalham adeante da infantaria, occorre o seguinte:
 - Os carros estacionam durante algum tempo antes de serem atingidos pelo 1.º escalão; em consequencia da necessidade de se reduzir este tempo, pelo emprego da infantaria alliviada e dotada de meios mecanicos, que transportem rapidamente para frente suas bases de fogo.
 - os carros D não gozam normalmente da protecção da infantaria; e como esta protecção é indispensável, passa a cargo:
 - da artilharia de apoio directo que, desobrigada da missão de apoio á infantaria, deve garantir a segurança dos carros;
 - dos proprios carros entre si que tomam dispositivo escalonado em profundidade, os escalões da retaguarda tendo para missão proteger os escalões da frente.
- e) Como no caso dos Carros Leves, a presença dos carros D, não altera essencialmente os processos de combate da infantaria; exerce, porém, influência sobre:
 - a escolha das zonas de ataque e dos objectivos, estes podendo ser mais distantes;

- as disposições preparatorias para desembocar o ataque;
 - o emprego da artilharia; (16)
 - o rythmo do ataque que pode ser accelerado.
- f) Além da sua missão normal, os carros D podem ter emprego eventual; fazer parte de Destacamentos mecanicos encarregados de operar contra inimigo fraco ou desorganizado.

III — MODIFICAÇÕES NO MECANISMO DO COMBATE:

O emprego dos carros com o objectivo acima indicado, ora regulamentado entre nós (quanto aos carros leves), torna-os parte integrante da infantaria, sem crear para esta uma tactica differente da praticada em consequência da Grande Guerra.

Sua utilização conduz apenas a modificações de minucia no mecanismo do combate até o presente em vigor.

Resaltar essas modificações, tal é o objecto d'este estudo.

Para isto, examinaremos successivamente, em itens especiaes devido á sua importancia:

— Particularidades e mecanismo do combate de Infantaria; a Artilharia e a Aviação com os Carros Leves comprehendendo o ataque, a ligação infantaria-carros, as outras phases da batalha offensiva.

— Ataques com carros de manobra de conjuncto.

— Emprego dos Carros: — Trabalho em commum indispensável.

IV — PARTICULARIDADES DO EMPREGO DOS CARROS LEVES COM A INFANTARIA, A ARTILHARIA E A AVIAÇÃO. MECANISMO DE COMBATE DA INFANTARIA COM OS CARROS

A) Particularidades:

O Carro Leve, — ainda bastante visivel, lento, ruidoso e de campo de vista limitado; sem couraçamento sufficiente para resistir

(16) "Lorsque les groupements mixtes: "infanterie-chars d'accompagnement" sont précédés par des "chars de manoeuvre d'ensemble", ce sont ces derniers qui sont appuyés par des groupements d'appui direct. "L'ensemble des tirs de soutien immédiat et de protection revêt la forme d'engagements successifs, sortes de champs clos à l'intérieur desquels les "chars de manoeuvre d'ensemble", puis les groupements mixtes" infanterie-chars d'accompagnement" progressent par bonds, maîtrisant par leurs propres moyens les résistances immédiates" ("Instr. sur l'emploi tactique des G. Unités" — 1936).

aos projecteis percutentes da artilharia e das armas anti-carros, — para cumprir efficazmente sua missão (destruição ou neutralização a pequena distancia das armas automaticas inimigas), necessita do auxilio e protecção das outras armas: Infantaria, Artilharia, Aviação.

Com effeito, contrariamente aos factos passados em 1918, o carro encontrar-se-há na primeira guerra, em face de poderosos engenhos anti-carros capazes de actuar a distancias da ordem de 900 a 1.000 metros, contra os quaes nada poderá fazer.

O commando, para augmentar o effeito de surpresa com o emprego dos carros, pode reduzir ou supprimir a preparação de artilharia. Este inconveniente de deixar intactos os engenhos anti-carros inimigos, confirma a asserção acima.

Por conseguinte, o auxilio ou a protecção deverão consistir na procura, destruição ou neutralização dos citados engenhos, cujo tiro é de trajetória tensa.

A busca d'essas armas será pedida á aviação e tambem a todos os orgãos de observação.

Um avião poderá ser empregado especialmente no acompanhamento dos carros. Sua missão primordial será então a procura da artilharia anti-carros inimiga. Quando perceber uma peça, assinala-a por T. S. F. ou precisará seu local, atacando-a á metralhadora. Informará periodicamente sobre a linha attingida pelos carros. Na falta de avião para esta missão especial, o avião de acompanhamento da infantaria, tanto quanto lhe permittam as obrigações, encarregar-se-há da mesma.

A destruição e a neutralização das armas anti-carros serão confiadas ao fogo da infantaria e da artilharia.

Vemos assim apparecer uma nova missão a dar á base de fogos e tambem ao escalão de fogo: — bater preventivamente os pontos ou zonas suspeitas onde poderão abrigar-se engenhos anti-carros e, no decurso da acção, ataca-los de preferéncia, caso se revelem.

Então, o fogo da infantaria deve casar-se ao movimento dos carros. Esta obrigação fixa a distancia maxima além da qual os carros não se devem afastar do escalão de fogo: cerca de 800 a 1.000 metros (em terreno descoberto).

Mesma missão suplementar a dar á artilharia seja a encarregada do apoio directo, seja a de protecção ou contra-bateria. Esta

missão poderá ser realizada com o emprego de projecteis fumígenos que estenderão deante das armas anti-carros, uma cortina de fumaça impedindo-as de atirar e cegando os observatorios do inimigo.

E' preciso notar porém, que esta cortina de fumaça estendida adeante do ataque, pôde difficultar a acção dos proprios carros, si se fórmar muito perto d'elles, sem por outro lado, impedir sempre o desencadeamento do plano de fogos systematico do inimigo capaz de deter a progressão da Infantaria.

Portanto, encargos novos para a Infantaria e a Artilharia; encargos esses aliás, que, si considerados de perto, não aggravam, em excesso, os já existentes.

De facto, as armas anti-carros sendo de trajectoria tensa, seu emprego, com relação ao terreno, está sujeito a regras identicas ás existentes para o tiro das armas automaticas. Encontraremos, pois, umas e outras na mesma zona.

Do mesmo modo, o plano de fogos offensivos da infantaria e da artilharia não mudará consideravelmente, quer os carros participem, ou não, do ataque.

As modalidades a prevêr ligam-se:

— á repartição do fogo contra os objectivos e, em consequência, á repartição dos meios de fogo;

— á fórma do apoio, isto é, melhor maneira da artilharia tomar parte no trio: infantaria, carros, artilharia. Certamente o apoio por meio de bombardeios successivos, bem applicados nos pontos perigosos, é mais efficaz na lucta contra os engenhos anti-carros do que a barragem rolante. Mas, de modo geral, não nos devemos esquecer que as economias de fogos de artilharia são pagas normalmente com sacrificio no campo de batalha. Em particular, repetimos, no combate moderno, o grande perigo para os carros é o fogo do engenho anti-carro cujo effeito só se faz sentir no ultimo momento com toda sua brutalidade. Assim, no emprego da artilharia respeitadas as disponibilidades, será preferivel prevenir quanto possivel, a intervenção d'esses engenhos, cobrindo systematicamente todo o terreno de projecteis e com uma densidade mais forte nas frentes suspeitas de sua localização.

O Coronel francez V. BUCHALET é de opinião que a adjuncção dos carros, á infantaria não proporciona ao commando, uma economia considerável de artilharia.

Effectivamente seu conceito é bem fundado. Além do perigo acima referido, os carros são quasi sempre em numero reduzido; por esta razão, pelo menos em parte, a artilharia permanece com as missões de combate aproximado em beneficio da infantaria.

EXEMPLO ESCHEMATICO (Vide Eschema n.º 1)

Baseado nas características dos carros, cuja acção em ligação intima com a infantaria de ataque reside no tiro ao alvo num raio de 400 m. e a na neutralização até 800 m. contra os engenhos oppostos á progressão da infantaria, o alludido Coronel preconiza para a artilharia o seguinte emprego:

- parcialmente, missões de combate aproximado em beneficio da infantaria;
- protecção aproximada dos carros;
- protecção afastada dos carros.

Nas missões parciaes, a artilharia de apoio directo actúa por meio de bombardeios successivos, quando a dotação de carros não permite apoiar convenientemente a infantaria na totalidade da frente de ataque.

Na protecção aproximada, ainda a artilharia de apoio directo actúa com rajadas alternativamente progressivas e regressivas numa zona de 500 a 600 metros de profundidade, além da linha 300 a 400 m. na frente dos carros.

Do ponto de vista technico é aconselhado o tiro de varrer com schrapnell, de grande rendimento contra o pessoal e inoffensivo aos carros. (17)

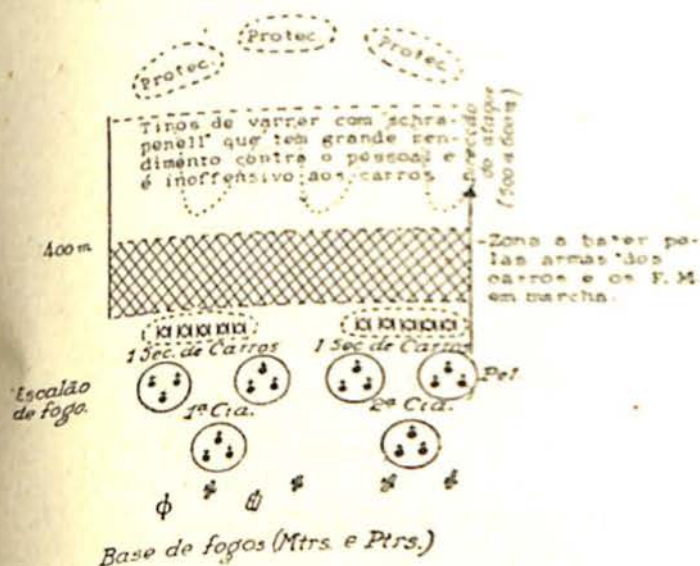
Na protecção afastada, as baterias ou engenhos inimigos longinquos munidos de bons observatorios aproximados, são tomados, em particular, pela artilharia de acção de conjuncto.

O eschema annexo representa um Dispositivo de ataque de Batalhão de Infantaria — 2 secções de carros — artilharia divisionaria.

(17) Sabemos que os technicos procuram actualmente obter um projectil que substitua com vantagem o schrapnell.

DISPOSITIVOS DE ATAQUE

(Infantaria — Carros — Artilharia)



A artilharia de acção de conjunto faz a protecção afastada dos carros. A artilharia de a. d. faz a protecção aproximada dos carros: rajadas alternativamente progressivas e regressivas.

Notas — a) 1 Bia em fogo de varrer com schrapnell bate 200 m. e 1 Gr. 600, ao passo que num ataque sem carros, haveria necessidade de dois Grupos. b) Figuradamente, os tiros dos carros substituem a barragem rolante da artilharia.

B) MECANISMO DO COMBATE DA INFANTARIA COM OS CARROS LEVES

O emprego dos carros não altera as grandes linhas do combate da Infantaria.

Apenas impõe a observancia de algumas particularidades, sem as quaes a solução dos diversos problemas suscitados pelo ataque ou por outra qualquer phase do combate com auxilio d'esses engenhos, terá um resultado aleatorio ou mesmo desastroso.

Abordaremos primeiramente o ataque, para examinar em seguida as demais phases do combate.

§ 1.º — Os Carros Leves no ataque

Em se tratando de um ataque, a influência dos carros se faz sentir:

- na escolha da zona de ataque e dos objectivos; pois, da natureza do terreno depende em grande parte o rendimento d'estes engenhos;
- nas medidas preparatorias do ataque;
- na repartição dos meios de fogo da infantaria e seus pontos de applicação.

Vejamos o mecanismo:

1.º Medidas preparatorias para o combate.

As unidades de carros são conduzidas na noite antecedente ao ataque, das suas posições de espera para a posição de partida. Durante este trajecto, tomam-se todas as precauções (balizamentos, guias, etc.), para não despertar a atenção do inimigo. Pois, o apparecimento prematuro dos carros denuncia a imminência do ataque e reduz sensivelmente as probabilidades de surpresa.

Em media, as posições de espera ficam de 6 a 10 km. da frente. A posição de partida deve ser attingida 2 ou 3 horas antes da hora H.

Em principio, a posição de partida será a ultima coberta immediatamente á retaguarda da base da partida da infantaria a apoiar ou mesmo esta base si ficar no limite de uma coberta, ou ainda, si a hora H tiver sido escolhida ao amanhecer. Nesta emergência, os carros devem ser disfarçados ás vistas, na previsão de uma illuminação artificial do terreno pelo inimigo. Assim o local da posição de partida dos carros póde exercer influência, ou sobre a determinação da hora do ataque (H ao amanhecer si a ultima coberta ficar muito afastada da base de partida da infantaria), ou sobre a hora do desencadeamento dos fogos, quando então será necessario proteger ou mascarar, de dia, o derradeiro lanço dos carros entre a posição de partida e a base de partida do ataque. A protecção é

dada pelos fogos de artilharia e a base de fogos de I. O mascaramento, pela utilização de artificios fumigenos. O ruido pode ser abafado pelos aviões. Em summa, para todos os casos, o ataque ao romper do dia, presta-se melhor á acção dos carros.

Qual a quantidade de carros a dar á infantaria ?

No quadro do R. I., a dosagem consiste em avaliar essa quantidade, em função da missão, do terreno de ataque e da importancia das resistências a vencer pela unidade.

Sendo a Secção de carros, a unidade minima de emprego, a melhor dosagem deve basear-se em sua zona de acção normal: 200 metros.

Quando se dispõe de meios sufficientes, procede-se com acerto, empregando em 1.º escalão, uma secção de carros por 200 metros de frente de ataque.

2.º Repartição dos carros:

Tanto quanto posivel obediente á regra acima, o commandante do regimento de infantaria reparte entre os batalhões as unidades de carros postas á sua disposição, conservando porém uma reserva.

A repartição assim comprehendida, tem por fim:

- realizar a dosagem prevista, consoante os meios disponiveis;
- manter os laços de commando nas unidades de carros;
- permittir variações de dosagem, durante as phases successivas, conforme o terreno e a manobra concebida.

D'este modo, quando um batalhão recebe como meio supplementar uma companhia de carros, e si elle tem de atacar, por exemplo, numa frente muito restricta, de 400 metros, põe em geral 2 secções em 1.º escalão (uma por Cia. Fuzs.) e uma em reserva. Si sua frente é de 600 ou 700 metros, torna-se indicado collocar em linha as tres secções da companhia.

O nosso R. E. C. I. — 2.ª parte — § 613, estabelece como principio, a dosagem de 1 ou 2 secções de carros por Btl.. E' o caso do emprego das secções na parte mais importante da zona de acção. Considerando porém, o caso de um ataque a uma posição organizada ou semi-organizada, não será demais integrar o Btl. com uma companhia de carros, e a Cia. Fuzs. com uma secção.

Além de tudo, em tal situação, os carros podem ser empregados em massa para evitar a concentração da artilharia inimiga numa frente estreita, para proporcionar uma larga zona de progressão geral do ataque, emfim para produzir effeito moral mais poderoso.

3.º — Missão e objectivo dos carros:

“Os carros têm como missão normal o acompanhamento da infantaria”. R. E. C. I. — 2.ª Parte — n. 616). Elles destroem ou neutralizam as resistências encontradas em sua zona de acção, até o objectivo indicado.

Portanto, sua missão é praticamente a da infantaria apoiada; e, salvo situações particulares, não se deve encontrar numa ordem, um parágrafo especial para a missão dos carros.

Os objectivos, fixados pelo commandante da infantaria, para sua unidade são também os mesmos dos carros. Marcam os limites de protecção efficaz a esperar pelos carros em relação aos tiros da infantaria (bases de fogos). Por isso, a utilização d'esses engenhos pode influir na escolha dos objectivos successivos.

Tal escolha deve recahir quanto possivel nas cristas, sempre bem visiveis para facilitar a ligação e ao abrigo das quaes os carros podem encontrar posições de reunião e depois posições de partida para continuar o ataque. Ainda aqui se evidencia o principio segundo o qual a Infantaria ataca de horizonte visivel em horizonte visivel.

4.º — Problema do desembocamento (travessia da base da partida).

Quando devem desembocar os carros ?

Na frente da infantaria ou atrás d'ella ?

Não ha regra absoluta quanto ao modo de proceder.

Os carros partem á retaguarda da infantaria:

— quando a missão a elles confiada só prevê sua intervenção depois do primeiro objectivo;

— si um obstaculo intransponivel existe adeante da base de partida;

— si em face de inimigo vigilante, tendo preparado fogos de deter poderosos e bem ajustados, ha interesse em atravessar de surpresa a zona d'esses fogos.

Nos demais casos, é de toda conveniência os carros precederem a infantaria, maximé si a posição inimiga se apresenta coberta por uma rede de arame farpado ainda intacta.

Os carros deixam então sua posição de partida de modo a atravessar a base de partida á hora H.

5.º — Desenrolar do ataque:

Supponhamos realizadas as melhores condições de partida para os carros. isto é, suas posições de partida dissimuladas ás vistas do inimigo e escolhidas nas immediações da base de partida da infantaria. Os carros podem assim desembocar na frente do escalão de fogo e abrir-lhe caminho; pois elles constituem uma verdadeira base de fogos em movimento, auxiliando poderosamente a infantaria na aquisição da superioridade do fogo indispensável á progressão.

A infantaria precidida pelos fogos da propria base e da Artilharia, esforça-se por seguir os carros tão de perto quanto lhe permitta o fogo inimigo, afim de se apoderar sem perda de tempo das resistências momentaneamente neutralizadas. (18)

A progressão continúa até o fogo do inimigo obrigar os infantaria a se deitarem.

Os carros proseguem seu movimento. Aos fogos que os proseguiam e os auxiliavam até o momento, junta-se o dos F. M. do escalão de fogo.

As secções progridem em batalha, os carros zig-zagueando de parte a parte de seus eixos de marcha, distantes entre si de 50 metros em média.

(18) Esta distancia Infantaria-Carros é bastante variável (50, 150, 200 metros) conforme a importancia dos fogos inimigos actuando contra os carros; pois, o escalão de fogo deve si possível escapar aos mesmos.

E' interessante registrar tambem aqui, o seguinte: — Enquanto os carros, que não temem as metralhadoras de pequeno calibre inimigas, procuram destruil-as em proveito da infantaria, esta arma, a quem os engenhos anti-carros não causam perdas sensiveis actúa contra estes com suas armas automaticas e engenhos de acompanhamento, cooperando assim na protecção dos carros leves sem desperdicio de munições.

Elles **vasculham** o terreno para descobrir as armas automaticas inimigas. Quando uma d'ellas é descoberta, é desde logo atacada pelo fogo do carro mais proximo e, si necessario, pela concentração dos fogos de toda a secção.

Durante este tempo, que faz a infantaria ?

Vae ella a todo instante "colar-se aos carros" como normalmente se recommenda ?

Tal attitude nem sempre é possível face ao fogo inimigo, máximé, si fôr efficaz. Sómente com o enfraquecimento d'este fogo, a progressão pode ser retomada (e esta é uma obrigação absoluta do infante) para se deter outra vez si sobrevierem novas rajadas mortíferas do inimigo.

A distancia entre o escalão de fogo e os carros é pois essencialmente variável; n'alguns casos será de dezenas de metros em quanto n'outros attingirá centenas. (Vêr nota abaixo).

Assim os carros se lançam até o primeiro objectivo, o qual marca para elles, como vimos, o limite da protecção dos tiros de infantaria.

"No decorrer da acção, o fogo inimigo pode immobilizar a infantaria, apesar da neutralização do objectivo pelos carros".

A parada da infantaria é então geralmente devida á acção de armas automaticas passadas desapercebidas pelos carros e que se revelam logo depois nos flancos ou na frente do objectivo.

Os commandantes de secção de carros, uma vez constatada a parada da infantaria, voltam e se esforçam para receber do escalão de fogo uma informação sobre o motivo da immobildade. Recebem indicações sobre o ninho de resistência dissimulado e se lançam de novo para a frente afim de destruil-o. (19)

Assim podem ser regulados com rapidez os incidentes que sem os carros, imporiam a intervenção de petrechos de acompanhamento ou de artilharia, intervenção esta bastante demorada para garantir uma solução favorável.

Eis, pois, o modo de acção contra os meios de fogo inimigos situados antes do 1.º objectivo.

Mas, si as metralhadoras que detêm a infantaria estiverem á retaguarda do objectivo, isto é, fóra da zona de protecção pelos órgãos da infantaria ?

(19) Examinaremos adeante os pormoneores desta ligação Infantaria-Carros.

Neste caso, não será possível pedir ao 1.º escalão de carros para destruí-las, por ficarem fóra de seu raio de acção.

Ter-se-há, então, de appellar para a artilharia ou de fazer intervir um 2.º escalão de carros, o qual constituirá sobre o objectivo uma muda de fogos.

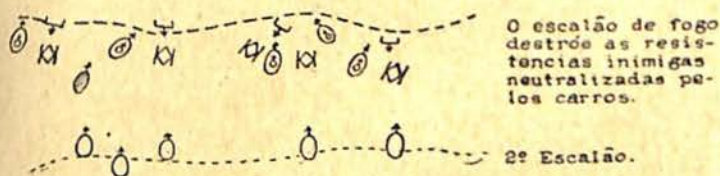
Sob esta protecção o 1.º escalão poderá se lançar para a frente até o limite de alcance util dos tiros dos carros (400 a 500 metros em média). Estas acções afastadas, porém, competem normalmente ás unidades de carros de manobra de conjuncto de que falaremos adiante.

6.º — Parada no objectivo:

Quando o objectivo é atingido que fazem os carros? Sua tarefa está longe de terminar: Elles ficam na posição, mantendo a neutralização e se desenfiando ao maximo (desenfiamento da torre) para proteger a installação do escalão de fogo, a qual deve ser o mais rapida possível.

Com effeito, este é o momento mais delicado de combate: o escalão de fogo deve saltar contra as resistências inimigas precisamente quando são neutralizadas pelos carros. O esquema abaixo esclarece este ponto.

Chegada no objectivo:



Em seguida os carros procuram um desenfiamento provisório proximo do 1.º escalão da infantaria, permittindo-lhes retomar facilmente a progressão ou repellar com promptidão os contra-ataques.

Si a parada prevista no objectivo é de longa duração, as seções de carros, após a installação da infantaria, retiram-se para um posição de reunião situada á retaguarda e fixada com antecedência pelo Commandante de batalhão de infantaria.

Enfim, quando a infantaria tiver conquistado seu ultimo objectivo e realizado seu plano de fogos, o Commandante de batalhão ou regimento dispensa os carros, caso não fiquem á sua disposição

para os ataques seguintes. As secções de carros dirigem-se então para as posições de reagrupamento, situadas bem á retaguarda, sob as ordens do commandante da unidade de carros.

7.º — Reservas:

Uma secção de reserva póde receber uma das seguintes missões: Substituir uma secção em linha. Neste caso ella é engajada num só bloco;

Constituir um escalão de muda, como foi explicado acima, para permittir ao 1.º escalão continuar sua progressão afim de reduzir metralhadoras afastadas;

Limpar uma resistência inimiga que se revele de novo, após a passagem do 1.º escalão.

A progressão d'esta secção de reserva executa-se por lanços fixados pelo commandante da unidade de infantaria a cuja disposição tenha sido posta.

8.º — Caso particular do ataque a uma posição organizada de longa data.

Neste caso, os carros podem receber uma missão normal ou uma missão de limpeza.

Para a primeira d'essas missões, os carros operam como expuzemos acima. Entretanto, como se tem de romper um dispositivo bem conhecido, a acção dos carros (itinerarios, concentração de fogos sobre as resistências definidas) poderá ser regulada previamente e com minudência.

Além d'isso, poder-se-ha pedir aos carros para arrazarem as redes de arame afim de permittir a passagem da infantaria. Aliás esta tarefa compete-lhes normalmente quando a posição inimiga é precedida de rede de arame.

EXEMPLO ESCHEMATICO DO DESENVOLVIMENTO DA INFANTARIA COM OS CARROS

A explanação feita acima sobre o desenvolvimento do ataque da infantaria com os carros, póde ser concretizada no esquema n.º 2 annexo, originado de uma rapida explicação do Commandante DEMIAU.

Com effeito, trata-se de um graphico de extrema simplicidade que permite synthetizar o mecanismo do modo seguinte:

CARROS	INFANTARIA:
1. ^a Phase — Desembocamento na frente da Infantaria (caso normal).	Levanta-se.
Desde logo, 2 hypotheses a considerar: 1. ^a hyp.: — O inimigo não atira. 2. ^a hyp.: — O inimigo atira poderosamente.	Segue os carros o mais perto possível. (20) Imobiliza-se no terreno e apoia os carros com seus fogos.
2. ^a Phase — Marcha (distancia até o 1. ^o objectivo ainda superior a 800 ms.).	Espera que os carros cheguem a 800 ms. do objectivo.
3. ^a Phase: — Neutralização (comprehendida entre 800 e 400 ms. do objectivo). Inicia-se a acção de fogo dos Carros.	Progride com prudência e continúa o apoio dos carros com seus fôgos.
4. ^a Phase — Ataque (assalto) distancia do objectivo até 400 ms.).	Progride em blóco para atingir os carros.
5. ^a Phase — Manutenção do objectivo attingido. Limpeza do objectivo attingido. Repulsa eventual de contra-ataques.	Acaba de reduzir as resistências. Installa-se na posição (objectivo) conquistada.

(20) Esta hypothese não é de rigôr absoluto. Conforme a intensidade do fogo adverso, a infantaria segue os carros a dezenas de metros ou a centenas.

§ 2.º — Ligação Infantaria-Carros durante o combate

Nosso R. E. C. I. — 2.ª Parte, em nota annexa ao numero 631, expõe com a precisão indispensável o problema da ligação infantaria-carros, durante o combate; a saber:... "os únicos processos de ligação, efficaz entre a infantaria e os carros são a ligação á vista e a comunicação de ordens e de informações escriptas aos carros que retornarem ás proximidades do primeiro escalão da infantaria".

Todavia, a experiência adquirida em situações de guerra pelos exércitos europeus, a pratica continuada em tempo de paz em exercicios de combate com carros e as previsões de seu emprego em guerra proxima, fazem concluir não estar ainda plenamente resolvido o problema em apreço.

Na França, por exemplo, esta delicada questão vem sendo ventilada ha bastante tempo. Se compulsarmos a "Revue d'Infanterie", veremos os nomes do General LABAT, chefe eminente e do Tenente Coronel LE BRIGANT, como percursores na materia.

Recentemente a citada revista, de Janeiro do anno de 1936, retoma o assumpto apresentando dois interessantes trabalhos, sendo um do Tenente M. e outro de X. Isto sem falar nos cursos especializados existentes no Exército Francez.

Mas, retomemos o regulamento. Em particular o segundo processo nelle prescripto, consoante o qual os commandantes de pelotão, de grupo de combate e os agentes de transmissão devem saber:

- reconhecer o carro do commandante de secção;
- aproximar-se por detrás com cautela;
- chamar a attenção do commandante de secção, etc.

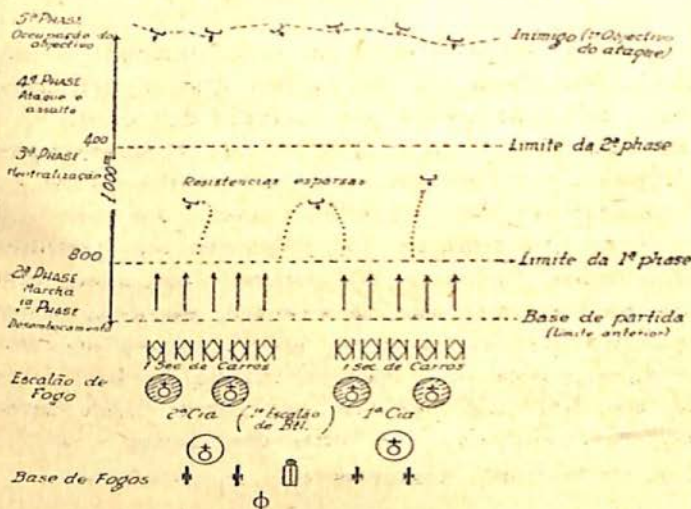
não parece de facil realização em pleno combate, maximé quando os primeiros elementos se immobilizam pela acção de fogo do inimigo.

Quanto aos carros, a manobra prevista no texto regulamentar (n. 631 citado) crea-lhes serio perigo em face da defesa anti-carro inimiga.

Pois, o facto de irem sós até o objectivo e, sobretudo, de voltarem para perto do escalão de fogo preso ao sólo, permite aos

engenhos anti-carros passados despercebidos, apontarem á vontade, tomando-os de dorso.

Para provar-o, recorramos á grande guerra durante a qual esta manobra causou frequentes perdas em carros:



O Tenente-Coronel francez WELVERT, ao tratar d'este assumpto em artigo publicado na "Revue d'Infanterie" de Julho de 1932, allude por sua vez ao estudo do então Coronel LOIZEAU inserto na mesma "Revue" de Janeiro de 1932, sob o titulo: "Une action d'infanterie avec chars: la 58.e division aux combats de WILLEMONTAIRE-TIGNY, 20-29 juillet 1918").

Neste ultimo artigo são relatados dois incidentes do genero supra considerado, sobrevindos no mesmo dia em dois pontos muito proximos um do outro. Vejamos esses incidentes:

- 1.) "Les chars se portent de nouveau en avant, pour entrainer l'infanterie, et atteignent le calvaire de TAUX à a tête du ravin de VILLEBLAIN; mais l'infanterie, trop réduite et exposée sur son flanc droit aux mitrailleuses ennemies des bois de TIGNY, ne peut suivre et force est aux chars de revenir vers elle. Au cours de ces mouvements, insuffisamment protégés par l'artillerie, les chars du groupe STÉFANI, son en partie détruits par le tir de l'artillerie ennemie".

- 2.º) "Plus loin: Le chars (du groupe DELONCLE attaquant au sud de VILLEMONTAIRE), dépassant la route, se portent vers les lisières des bois; mais, s'apercevant qu'ils ne sont plus suivis par l'infanterie, retrogradent vers elle et, dans ce mouvement, sont en partie détruits par l'artillerie ennemie".

A impressão de estorvo deixada pela imagem do combate esboçadas linhas acima, leva-nos a concluir que, (para segurança dos carros e mesmo da infantaria), na maioria dos casos só o primeiro processo — de ligação á vista — poderá ser utilizado apesar das reduzidas condições de vistas das equipagens de carros e das dificuldades de observação dos infantes rasados ao solo.

Com o correr dos tempos, tal processo tem passado por uma série de modalidades, todas com o mesmo fim: **assignalar aos carros as resistências inimigas que se revelem durante o combate.** E como taes resistências occupam em geral, locais precisos e de pequenas dimensões, sobre os quaes se impõe acção immediata, perduram ainda as dificuldades do problema, desafiando a argucia e o senso da realidade, dos mais devotados á arte.

Passemos em revista algumas das modalidades:

- 1.ª) Emprego de foguetes-sinaes com para-quedas lançados pelos granadeiros dos pelotões de primeiro escalão.
O pequeno alcance d'estes artificios e, sobretudo, a dificuldade de fazel-os cahir com precisão no objectivo a assignalar (condições atmosfericas, etc.), não dão rendimento sufficiente.
- 2.ª) Utilização das balas luminosas lançadas pelas metralhadoras. Inconvenientes principaes, oriundos de experiências:
 - a) as balas luminosas só são notadas pelas equipagens dos carros em condições de visibilidade muito favoráveis;
 - b) em razão da dispersão normal do tiro das armas automaticas, e da profundidade do grupamento, difficil se torna a designação de resistências inimigas;
 - c) o tiro com balas luminosas apresenta o grave inconveniente de revelar aos observatorios inimigos os locais das metralhadoras que apoiam o ataque.

3.^a) Utilização de projecteis fumigenos coloridos lançados pelos engenhos de tiro curvo da infantaria.

Este ultimo aspecto da questão é actualmente o de maior acceitação nos meios militares francezes, dadas a simplicidade e o rendimento util de sua applicação.

De facto, o projectil fumigeno além de materializar um ponto do terreno (ponto de queda), offerece uma imagem persistente, capaz de com facilidade, chamar a attenção das equipagens de carros.

Entretanto, convém não exaggerar o optimismo; com os actuaes engenhos de tiro curvo da infantaria, granada V. B. e Morteiro de 81 m/m, de limitada dotação de munição, será necessario antes de tudo modificar a composição de seus projecteis de modo a conseguir maior alcance e producção de fumaça persistente no instante da explosão.

Assim, o tiro do Morteiro com projecteis fumigenos coloridos, superpondo-se aos dos V. B. contra uma resistência que detenha o escalão de fogo, poderá apresentar a dupla vantagem de neutralizal-a e despertar a attenção das equipagens de carros.

Quando isto se der, — opinião do commandane X — a ligação infantaria-carros estará resolvida por um processo de signalização simples, na falta de outro verdadeiramente mais pratico. (21)

O Tenente M revela idéas muito aproximadas das do Commandante X; mas, seu estudo limita-se á utilização da granada V. B. com fumaça colorida.

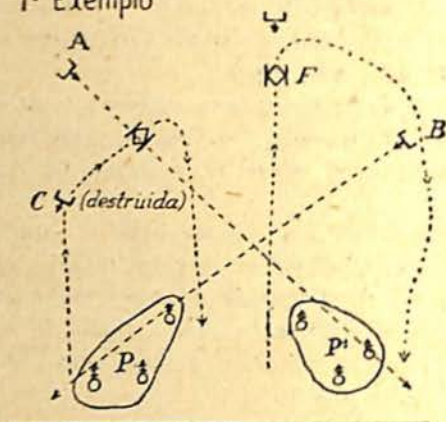
Considerando porém, os dois pontos de vista, chega-se a concluir pela possibilidade de assignalar uma pequena zona onde se encontre a resistência inimiga, a despeito das numerosas "fumaças" que obscureçam o campo de batalha (explosão de projecteis de artilharia, etc.).

Os eschemas annexos, devidos ao Tenente M., e ligeiramente modificados, elucidam bem a importante questão.

(21) Estamos informados de que actualmente as Cias. Fuz. do Exército Francez são dotadas de morteiros de 60 m/m. Talvez com esta magnifica miniatura do Brandt, resolva-se o problema em apreço.

Processo pratico de ligação infantaria-carros no decurso do combate:

1º Exemplo

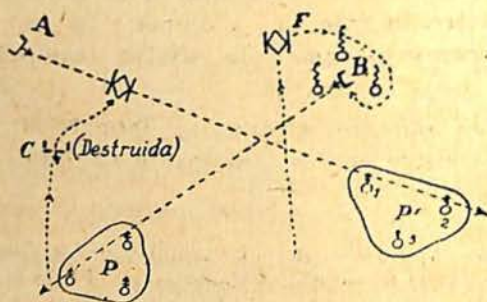


Primeiro exemplo — (Do Regulamento). — O carro F. não viu B. que detem o Pelotão P.; o Pelotão P. está detido por sua vez pela resistência A, mas vê a resistência B..

O carro volta para junto da infantaria. O Cmt. Pel. G. C. ou agente de transmissão, mostra-lhe B (necessidade de um abrigo, designação da resistência difficil). O carro, informado, avança contra a resistência.

Segundo exemplo: — O carro F. não viu B. que detêm o Pelotão P.; o Pelotão P' está detido por A, mas assignala B. Dois casos:

2º Exemplo:



- a) si B está ao alcance do V. B. do G. C. - do Pelotão P', é enquadado rapidamente pelos fumígenos. O carro F. observando o terreno, sabe, aproximadamente qual a zona de caça á resistência B.
- b) Si B não está ao alcance do V. B., um aviso para a retaguarda fará intervir o Morteiro para do mesmo modo, enquadrar B. A vantagem d'este processo é triplice:
 - a) os carros não precisam vir completamente á retaguarda, portanto não se expõem por muito tempo ás armas anti-carros;
 - b) a infantaria tambem se poupa pela faculdade de permanecer abrigada;
 - c) a resistência inimiga é atacada com a presteza necessaria.

§ 3.º — Os Carros Leves nas outras phases da batalha offensiva:

Nas outras phases da batalha o emprego dos carros obedece em suas grandes linhas, ás mesmas condições já indicadas para o ataque.

Todavia, uma differença sensível decorre do facto de a artilharia inimiga ser geralmente menos potente e, em consequência, prmitter o engajamento isolado das pequenas unidades de carros em certas partes do campo de batalha.

1.º) Marcha de aproximação e tomada de contacto:

Durante esta phase da batalha secções de carros transportadas em caminhões são postas frequentemente á disposição dos batalhões da vanguarda (em geral uma por batalhão).

Essas secções seguem por lanços á retaguarda das vanguardas, precedidas por seus commandantes, estes acompanhados de destacamentos de reconhecimento.

Quando a infantaria esbarra com as resistências, de ordinario descontinuas, installadas pelo inimigo, o commandante da vanguarda (por batalhão) lança mão da sua secção de carros cujo desembarque é feito rapidamente (cerca de 10 minutos).

D'ahi em diante, si necessario, os carros marcham sobre lagartas, de coberta em coberta, em ligação com a tropa a apoiar.

Em regra, o commandante de batalhão utiliza os carros na manobra desbordante, afim de neutralizar uma resistência que difficulte a progressão.

Tambem os emprega para atravessar espaços descobertos batidos pelo fogo inimigo.

Sem estes engenhos a neutralização exigiria o emprego da artilharia ou dos petrechos de acompanhamento, e causaria por conseguinte uma demora ás vezes longa.

Uma vez conseguido o resultado da manobra a secção de carros volta para a retaguarda do batalhão, prompta para ser empregada novamente.

A cooperação dos carros nesta phase da batalha permite pois, ganho de tempo apreciável e redução de perdas.

2.º) Engajamento:

O engajamento é simplesmente um ataque conduzido em frente restricta e com profundidade minima. Enquadra-se pois, no caso geral, já tratado.

Contudo, deve-se resaltar a necessidade de conduzir a acção num compartimento de terreno bem escolhido para remediar o inconveniente grave de engajar pequenas unidades de carros isoladas.

Demais, deve-se evitar o erro de desencadear o ataque antes da artilharia estar prompta a actuar sob o pretexto de se contar com os carros.

3.º) Aproveitamento do éxito:

Das características d'esta phase da batalha, decorre o emprego dos carros:

- necessidade de avançar com rapidez;
- resistências inimigas descontinuas;
- systema de fogos de artilharia inimiga desorganizado, permitindo maior audacia no emprego dos carros;
- máo estado das vias de communicação.

Os batalhões de 1.º escalão são reforçados por secções de carros (em principio, um por batalhão). E' questão de commando.

Essas secções marcham ordinariamente sobre lagartas, por lanços. São engajadas em condições analogas ás já expostas para a tomada de contacto; porém, após um primeiro engajamento,

si se prevê a entrada num novo dispositivo defensivo inimigo, os carros ficam na retaguarda do escalão de fogo, afim de poder intervir instantaneamente.

Marcha sobre lagartas, audacia na progressão, taes são os traços característicos do emprego dos carros nesta phase da batalha.

Emfim, havendo disponibilidade, outras unidades de carros seguem em caminhões para poderem participar da perseguição.

4.º) Contra-ataque:

Nenhuma particularidade digna de nota. O modo de acção é o mesmo do engajamento.

(Continúa)



Livros á venda na «A Defesa Nacional»

La Recherche des Renseignements	3\$000
Aide mémoire du chef de Section d'Infanterie	6\$500
Guide Tactique du Chef de Groupe	3\$500
Manoeuvre et l'emploi du genie	6\$500
R. T. A. P. (reedição de 1936) 1. ^a parte	4\$000
MANUAL DO OFFICIAL ORIENTADOR DE ARTILHARIA E.	
M. E., 1.º Fasciculo	3\$000
NOTAS S/ EMPREGO DA ARTILHARIA, Maj. Ignacio Verissimo	10\$000

SECÇÃO DE CAVALLARIA

Redactor: PAIVA CHAVES

A Divisão de Cavallaria

Pelo Cap. ELEUTERIO B. FERLICH

TITULO II

MISSÕES DE PARTICIPAÇÃO DA BATALHA

A D. C. participa **directamente** na batalha do mesmo modo que as outras G. U., entretanto, a sua característica fundamental — mobilidade — dá ás suas intervenções um caracter todo particular. Essa **rapidez de intervenções** favorece, muitas vezes, resultados decisivos para o commando.

As intervenções da D. C., na batalha, apresentam-se sob duas fórmulas:

- acções offensivas;
- acções defensivas.

Esta classificação é bastante commoda para clareza de exposição, mas, chamamos a atenção para o facto que na realidade ellas se encadeiam, em geral, muito intimamente.

No decurso d'uma batalha, as D. C. empenhadas serão, muitas vezes, premidas pelos acontecimentos a passar, sem transições notáveis, de uma attitude offensiva a uma attitude defensiva ou vice-versa.

CAPITULO I

ACÇÕES OFFENSIVAS

A D. C. só poderá empenhar-se em acções offensivas quando dispuzer de espaço sufficiente para desenvolver todos os seus meios.

Normalmente, é sobre as alas do dispositivo inimigo que ella encontra campo favorável ás acções offensivas; entretanto pode ser empenhada no centro d'esse dispositivo quando uma ruptura larga e profunda ahi é realizada.

Em qualquer d'esses casos as acções offensivas da D. C. visam sempre completar successos tacticos já obtidos, isto é:

- ameaçar os flancos e retaguarda do inimigo com o fim de determinar ou accelerar a retirada;
- atacar os reforços que o inimigo procure levar para a batalha; acção essa que se transforma, as mais das vezes, em acção defensiva (acção retardadora);
- conquistar e occupar posições que interessem o desenvolvimento ulterior da manobra; acção essa que, muitas vezes, se transforma em acção defensiva (quando o inimigo procura occupar essas posições);
- occupar nós vitaes á retaguarda das organizações inimigas destruindo-os eventualmente; acções essas que levam geralmente a D. C. fóra do quadro da batalha, mas, que para facilidade de exposição collocaremos neste capitulo.

A) A D. C. na execução de incursões

No começo das hostilidades e, por vezes, no decorrer das operações o commando superior para iniciar operações offensivas, pode julgar vantajoso operar incursões em territorio inimigo com o objectivo:

- de occupar uma determinada região para apoderar-se de seus recursos;
- de entravar a mobilização e a concentração do adversario.

Uma operação d'esse genero tem por fim alcançar, por meio de acção rapida e violenta, certos objectivos geographicos que dominem uma região para:

- executar apreensões de material;
- effectuar destruições;
- actuar contra formações constituídas pelo inimigo, afim de dispersal-as.

As G. U. de cavallaria — em virtude das suas características particulares — são muito aptas para desempenhar missões d'este genero. Podem mesmo, após uma missão de exploração ou segurança, ter de occupar certos pontos do territorio inimigo, até o momento em que outras G. U. estejam em condições de intervir.

As difficuldades que, em regra, se apresentam para a execução d'essas operações são innumeradas, porque as G. U. d'ellas encarregadas devem actuar isoladamente e em territorio inimigo.

Trata-se, pois, de submeter a população civil da região e esperar o inimigo por todos os lados; isso conduz, portanto, a uma grande dispersão de meios e uma vigilância contínua que produzem grande fadiga nas tropas.

Na Europa, hoje, difficilmente poderão ser encaradas operações d'este genero. Entre nós não se póde, entretanto, abandonar essa possibilidade, mas, devemos encaral-a sempre como de **difficil execução**.

Difficilmente, uma D. C. isolada poderá executar uma incursão; as mais das vezes o commando será obrigado a lançar mão de corpos de cavallaria ou D. C. reforçadas com infantaria transportada e eventualmente, com artilharia.

O Cmt. de uma D. C. encarregada de uma operação d'essa especie, recebe do Cmdo. superior instrucções que fixam:

- a natureza exacta da missão;
- a acção ulterior em proveito do Ex. (exploração — cobertura — acção retardadora), si fôr o caso;
- as disposições particulares para os reabastecimentos de toda a natureza e para a protecção dos trens e combóios (quando a G. U. não puder viver dos recursos locais);
- eventualmente, a missão da aviação (particularmente da Av. de Ex.) que opera sobre o mesmo objectivo e as ligações a serem feitas com ella.

Depois de receber a missão, o Cmt. da G. U. encarregada de execução, deve preparal-a muito cuidadosamente e executal-a com todo o vigor.

O R. E. C. C. aconselha que para a execução sejam applicados os principios seguintes:

- apossar-se, por surpresa, de todos os pontos vitaes e, si possivel, operar o cerco da zona a occupar;
- proceder o desarmamento methodico da população civil tomar refens, organizar uma vigilância interior da zona;
- tomar os centros telephonicos e telegraphicos, os postos de T. S. F., os pombaes, etc.;
- impedir o exodo dos funcionarios e pessoas de destaque, de homens e cavallo mobiláveis, dos meios de transporte e dos recursos de qualquer natureza;

- assegurar a guarda de suas próprias communicações (estradas, vias ferreas) e de suas transmissões;
- ter em mão uma forte reserva móvel, para annular toda a tentativa de sublevação ou para annular um ataque.

O emprego dos meios é feito de accôrdo com os principios seguintes:

- a **Cavallaria** é, normalmente, empregada para cobrir a operação e fazer sondagens nos pontos interessantes; seus destacamentos são, em principio, reforçados de Au. M. Póde, tambem, ser empregada para executar um primeiro cerco da região a occupar; seus elementos podem, mais tarde, ser substituidos pela infantaria e os que ficarem disponíveis serão collocados em reserva em locais judiciosamente escolhidos;
- a **Infantaria** é, geralmente, empregada na guarda dos nós de communicação importantes, assim como dos centros industriaes, cuja fiscalização convém fazer; assegurar o cerco definitivo da zona pela occupação das vias que a ella dão accesso.
- a **Artilharia** é collocada de modo que possa actuar rapidamente nos pontos importantes (aglomerações, cruzamentos, etc.) e deverá ser protegida por apoios de infantaria ou cavallaria;
- os Au M. são empregados nas condições seguintes:
- A. M. D. com motociclistas ou T. T. prolongam a vigilancia feita pelos elementos de cavallaria, em torno da zona occupada;
- A. M. R. reforçam, geralmente, os postos de infantaria que cercam a zona;
- A. M. C. ficam, normalmente, com a reserva de cavallaria;
- a **Cia. Montada Eng.**, é encarregada de auxiliar o preparo das obras de defesa, bem como das destruições previstas;
- a **Cia. Mont. Transm.** é encarregada de explorar a rede de transmissões existente.

B) A D. C. no envolvimento da ala de um dispositivo inimigo.

O Cmt. de D. C. encarregada de acção envolvente, precisa ser orientado com muita precisão sobre a manobra cuja execução lhe

é confiada. Para isso, recebe do Cmdo. superior instrucções, que lhe dão:

- a situação geral;
- as intenções do Cmdo. superior (idéa geral de sua manobra);
- a zona de acção, a direcção de ataque e os objectivos successivos da D. I. que opera na ala;
- a missão da D. C.;
- a direcção de esforço (objectivos successivos);
- o apoio que deverá prestar á G. U. vizinha e o que poderá d'ella receber;
- os meios supplementares que disporá;
- as linhas de communicações que poderá utilizar.

D'esse modo orientado, o Cmt. da D. C. ganha o terreno necessario para o desenvolvimento da sua acção. Lança, na direcção que escolheu como **eixo de manobra**, uma **descoberta** (aérea e terrestre).

A D. C. progride o mais rapidamente possível coberta por **destacamentos** de segurança e num dispositivo que corresponde á idéa de manobra do divisionario. Esse dispositivo, geralmente escalonado em profundidade, comporta, quasi sempre, uma Bda. Vanguarda que constitue o primeiro escalão de manobra da D.C.

A Bda. Vanguarda repelle os elementos ligeiros que encontra e faz cahir pela manobra os mais fortes.

Si se choca com um inimigo em movimento, procura detel-o **sobre uma posição**, para que o divisionario possa tomar suas disposições.

Si entra em contacto com um inimigo em posição, procura determinar o contorno apparente das resistências, verificar os **pontos fracos** da linha e collocar-se em condições de passar ao ataque tão logo o divisionario dêr ordem nesse sentido.

O Cmt. da D. C. monta, assim, sua manobra sob a protecção da vanguarda e si decidiu lançar-se para a frente, essa manobra tomará um caracter nitidamente offensivo.

Essa manobra que na **execução** toma formas extraordinariamente variáveis pode, entretanto, sob o ponto de vista **concepção**, reduzir-se aos tres typos principaes seguintes:

- ataque directo em fôrça, com o objectivo de romper a linha onde foi tomado o contacto e abrir caminho na direcção do objectivo determinado;

— ataque directo em força, combinado com manobra envolvente;

— ameaça frontal, combinada com manobra envolvente.

O ataque directo em força é realizado de accôrdo com os principios expostos no Fasciculo V — Titulo II.

O ataque em força, combinado com manobra envolvente comporta um golpe directo, como o encarado acima, combinado no tempo e no espaço com uma acção sobre o flanco do adversario. Neste caso, o divisionario poderá, **por exemplo**, empregar:

— no ataque directo: um agrupamento tático de 1 Bda. reforçada pelo B. I. M., por 2 Grupos de artilharia, $\frac{1}{2}$ Esq. A. M. C. e $\frac{1}{2}$ Esq. A. M. R.;

— na manobra envolvente: 1 Bda. reforçada por 1 Grupo de Art., $\frac{1}{2}$ Esq. A. M. C. e $\frac{1}{2}$ Esq. A. M. R.

O agrupamento encarregado da acção de flanco é orientado de modo a ampliar a acção envolvente da D. C.; a envergadura da sua acção é, entretanto, **condicionada pela necessidade** de mantel-o dentro da "zona de combate" da divisão.

A ameaça frontal, combinada com manobra envolvente, visa a preponderancia na acção de flanco. Neste caso o ataque directo reduz-se a simples **ameaça frontal** destinada a fixar o inimigo e nelle se emprega um minimo de meios ao passo que, na acção de flanco, será empregado o grosso da D. C.

Para uma acção d'esse genero o divisionario poderá empregar **por exemplo**, dois grupamentos tacticos:

— um primeiro encarregado da ameaça frontal, constituído pelo B. I. M. reforçado com 1 grupo de artilharia, 1 ala de R. C., $\frac{1}{2}$ Esq. A. M. C. e $\frac{1}{2}$ Esq. A. M. R.;

— um segundo, encarregado da acção de flanco, constituído pelo restante da D. C., isto é, 2 Bda. menos uma ala, 2 grupos de Art., $\frac{1}{2}$ Esq. A. M. C. e $\frac{1}{2}$ A. M. R.

Quando o Cmt. da D. C. attinge o objectivo final que lhe foi designado, procura, inspirando-se na situação creada pelo desenvolvimento da batalha, actuar no sentido das directivas que lhe forem dadas pelo Cmt. do Ex..

Si, por accaso, a D. C. vae de encontro a uma posição que não pode tomar com os meios que dispõe, guarda o contacto e, continuando sua missão toma dispositivo de cobertura, prolonga a frente de batalha do Ex. ou desprende-se para ganhar terreno a fim de procurar a ala do adversario.

C) A D. C. atuando no centro de um dispositivo inimigo (sobre uma brécha).

A intervenção da D. C. no centro de um dispositivo inimigo só é possível quando esse dispositivo já foi rompido em largura e profundidade suficientes para que a G. U. possa actuar e, geralmente, essa intervenção é o preludio de um aproveitamento do bom exito.

Uma intervenção d'esse genero poderá, tambem, ter logar quando se abrir um intervallo no dispositivo inimigo, proveniente de divergência na sua manobra.

Em qualquer das hypotheses, a decisão de empenhar a D. C., cabe ao Cmdo. superior, pois sómente elle estará em condições de fazer uma idéa justa da **situação do conjuncto** e discernir com exactidão das possibilidades e da opporrtunidade do emprego da grande unidade da cavallaria.

Quando a D.C. tiver de actuar num intervallo proveniente da divergência na manobra de dois Ex. ou agrupamentos de fôrça inimigas, o problema é analogo ao que estudámos na letra "b" acima (envolvimento de ala).

Torna-se, entretanto, necessario que o Cmdo. superior complete as Instrucções dadas ao Cmt. da D. C. fixando-lhe:

- zona de acção da D. C.;
- disposições particulares que devem ser tomadas para a D. C. **ultrapassar** as unidades empenhadas (em geral medidas de ordem e de policia).

Quando o Cmdo. superior encara a intervenção da D. C. num ponto em que pretende **romper a frente** inimiga é a retaguarda d'esse ponto que elle colloca a divisão. Orienta o Cmt. da D. C. sobre as hypotheses de intervenção que lhe parecem mais prováveis para que possa tomar **disposições** visando uma intervenção rápida.

Disposições preparatorias

O Cmt. da D. C. articula sua G. U. na zona que lhe fôr indicada e num dispositivo que corresponda ás necessidades das hypotheses previstas.

Esse dispositivo comporta geralmente:

- em primeiro escalão, as duas Bdas. reforçadas com Art. e Au. M.;
- em segundo escalão o B. I. M.

As Bdas. devem ficar orientadas nas direcções prováveis de emprego da D. C. e articuladas de modo que tenham nas proximidades da linha de combate unidades (cavallaria e Au. M.) promptas para se lançarem na brécha, assim que fôr dada a ordem.

Devem ser tomadas todas as precauções necessarias para que as unidades fiquem resguardadas das vistas aéreas e dos bombardeios aéreos e terrestres. Só se mantêm os cavallos sellados e as viaturas atreladas quando a intervenção encarada fôr immediata.

O Cmt. da D. C. deve ficar em condições de passar á **Execução** no minimo de tempo possivel; para isso, entra pessoalmente em contacto com o Cmdo. superior e estuda os **factores** das differentes hypotheses encaradas. Orienta nesse sentido os commandos subordinados e manda executar os reconhecimentos e preparativos necessarios. Deve collocar-se de modo constante ao par do desenvolvimento da batalha não só pelos reconhecimentos pessoais que possa fazer, como tambem por intermedio dos agentes de ligação que destaca:

- juncto do Cmt. de Ex.;
- juncto dos Cmts. das G. U. (D. I.) empenhadas em cujas zonas poderá ser chamado a actuar.

Momento de entrada em acção

A decisão de empenhar a D. C. na batalha compete, como já dissemos, ao Cmdo. superior, mas o **momento preciso da entrada em acção** é bastante difficil de determinar e quasi sempre fugaz. Convém, por isso, que o Cmt. do Ex. confie a **escolha do momento preciso** ao escalão de commando que está immediatamente em contacto com a linha de combate (Cmt. da D. I.) e atrás do qual está a D. C.

Não se póde, entretanto, fixar uma regra rigida para o caso, pois as **personalidades** do Cmt. de Ex. e dos Cmts. das D. I. interessadas são essencialmente variáveis e constituem o **factor preponderante** no caso em apreço.

A passagem pelas tropas em primeira linha

A "passagem pelas tropas em primeira linha" é sempre uma operação delicada que demanda uma preparação cuidadosa e que deve ser levada a efeito com muita ordem.

O dispositivo a adoptar para essa operação é funcção:

- da idéa de manobra do Cmt. da D. C.;
- do terreno (caminhos desenhados e facilidades de percurso que apresente);
- da **densidade** de occupação da zona a atravessar.

Para que não haja entraves na execução da operação é preciso que o Cmt. da D. C. tenha um **entendimento previo** com os Cmts. das D. I. interessadas e consoante ás ordens do Cmdo. superior. Este poderá, conforme a situação, attribuir momentaneamente uma ou mais estradas á D. C. para maior rapidez de execução.

Desenvolvimento da acção,

Quando a D. C. irrompe no dispositivo adverso é, geralmente levada a executar uma série de acções offensivas parciaes para vencer as resistências isoladas que tentem impedir a sua progressão. E' pela presteza da decisão, pela rapidez de manobra e de ataques, que se chegará a vencer essas resistências e impedir de se coordenarem.

Quando a D. C. ultrapassa largamente as unidades em primeira linha, procura, conforme as instrucções do cmdo. superior:

- alargar a brécha por acções lateraes, ligando sua acção á das G. U. empenhadas e desbordando as resistências que se oppõem á sua progressão;
- penetrar profundamente no dispositivo adverso para completar sua desorganização ou encaminhar-se para a frente das reservas inimigas, para retardar sua entrada em acção.

D) A D. C. no aproveitamento do bom exito.

Sempre que se é bem succedido numa operação de caracter offensivo deve-se, sem perda de tempo, alargar ao maximo esse successo, isto é, aproveitar o bom exito da operação.

Diz o R. E. C. C.: "O éxito é assegurado pela posse definitiva do terreno. Mas no curso de uma offensiva a occupação incontestada do terreno não marcaria o termo da lucta; o aproveitamento immediato e energico da vantagem obtida é necessario para acabar de desorganizar o inimigo e impedi-lo de reconstituir suas forças".

Nessa ordem de idéas. é preciso que todos os elementos empenhados em primeira linha, e, particularmente a cavallaria continuem o movimento para a frente: todos têm como dever fundamental a manutenção e a retomada do contacto.

A cavallaria será sempre lançada nos vãos do dispositivo inimigo ou nos flancos e procurará, normalmente, cortar as linhas de retirada.

Uma operação de aproveitamento do bom éxito pode ser, ás vezes, dada a uma D. C. até então mantida em reserva; pôde também ser a continuação de uma das operações encaradas na letra B e C do presente Capitulo, si a ausência de reservas inimigas permittir á D. C. assim empenhada, desenvolver a sua manobra em terreno livre.

Ordens recebidas pelo Cmt. da D. C.

O Cmt. de uma D. C. encarregada de uma operação d'este genero recebe do Cmt. do Ex. as indicações e as directivas necessarias para a execução da missão.

Essas indicações orientam-nos sobre:

- a situação geral;
- as intenções do commando;
- as missões das outras G. U. de cavallaria e da Aviação que operam em proveito do Ex.

As directivas fixam:

- A missão consignada á D. C., direcção de esforço, zona de acção e objectivos successivos;
- os meios supplementares postos á disposição da D. C.;
- as D. I. encarregadas de apoiar a D. C. (suas direcções, zonas de marcha, etc.) e as condições de tempo em que o apoio poderá ser realizado;
- o eixo das transmissões da D. C.;
- os reabastecimentos, evacuações, etc..

Execução da missão

De posse das indicações e directivas do cmto. superior, o Cmt. da D. C. estabelece seu plano de manobra para o aproveitamento do exito.

Si o contacto foi perdido retoma-o por intermedio de uma descoberta terrestre; essa descoberta depois da retomada do contacto (e no caso de não ter havido perda de contacto) determina os pontos de resistências e os intervallos que permitem desbordalos. Os destacamentos de descoberta devem procurar os vãos do dispositivo inimigo para d'ahi se lançarem, afim de manobrar contra os nucleos isolados que ainda resistam.

As informações da descoberta terrestre são completadas pela aviação. Ella deve ser lançada na busca de informações sobre os movimentos dos reforços que o inimigo procura trazer á batalha e cuja acção possa interessar directamente a D. C. (no caso do Ex. não tomar a si essa missão), bem como será, durante a acção, empregada no acompanhamento, regulações e eventualmente intervirá no combate.

Atrás da rede de descoberta, por caminhos apropriados, o general desloca o grosso da sua D. C., articulado e prompto para apoiar os destacamentos e aproveitar a sua acção.

Quando encontra intervallos entre as formações inimigas determina a direcção mais favorável ao emprego do grosso e com elle se lança em força e profundidade sobre o dispositivo adverso afim de desorganizar-o.

O divisionario deverá tender sempre para as acções de flanco, isto é, procurará derrubar as resistências pela manobra, pois as acções de frente lhe gastarão as forças sem resultados apreciáveis.

Si a D. C. se chocar sobre uma posição continua o divisionario deverá examinar si é possível o ataque com os meios de que dispõe ou si será mais vantajoso aguardar a chegada das G. U. encarregadas de apoiá-lo.

Uma operação d'este genero é, muitas vezes, o preludio de uma perseguição.

TITULO II

ACÇÕES DEFENSIVAS

A D. C. poderá ser empenhada — durante a batalha — em acções defensivas:

- quando o inimigo tenta uma manobra de desbordamento de uma ala;
- quando uma offensiva inimiga rompe o systema defensivo do Exército.

Esses dois generos de acção têm normalmente, fim identico e destinam:

- seja a **ganhar o tempo** de que o Cmt. de Ex. precisa para tomar suas disposições, afim de frustar a manobra inimiga ou conjurar a crise;
- seja a **cobrir e preparar a entrada em linha das reservas** (G. U. de Inf. e Art.) que, sob a protecção da Cavallaria, podem, **em segurança**, effectuar desembarque e articular seus meios; depois, em ligação com elle, empenhar-se num terreno já reconhecido e cujos pontos essenciaes (particularmente observatorios) estão já occupados.

No decurso da batalha a D. C. póde ainda:

- receber a missão de fazer a ligação de dois Exércitos (ou agrupamentos de forças) entre os quaes se abriu um intervallo pela divergência dos seus esforços ou pelas necessidades da manobra;
- excepcionalmente substituir — em sectores onde o emdo. quer manter attitude defensiva — G. U. de Infantaria que sejam empregadas em outra parte da frente ou collocadas em reserva.

A) Parada de uma manobra desbordante do inimigo

A D. C. encarregada de oppôr-se a uma manobra desbordante, para cumprir sua missão, póde:

- lançar-se rapidamente ao encontro do inimigo, afim de tomar o contacto o mais longe possivel na direcção do flanco ameaçado e depois exercer **acção retardadora**;
- esperar o adversario sobre uma posição de resistência fortemente ligada á ala ameaçada e que a prolongue em "escalão" defensivo mais ou menos accentuado;
- combinar esses dois modos de acção de fórma que a acção retardadora se transforme — no limite maximo do recuo consentindo — em defesa d'uma posição, sem idéa de recuo.

O Cmt. do Ex. que dá missões d'este genero deve orientar muito nitidamente o Cmt. da Divisão sobre a sua **missão** e **indicar-lhe com precisão o tempo de que necessita para tomar suas disposições**. Fornecerá ao Cmt. da D. C. todas as informações uteis sobre a situação e sobre o que deverá fazer, isto é, a **instrucção** dada pelo Cmt. do Ex. deve comprehender, em summa:

- informações sobre a situação geral bem como as que já tenham sido colhidas sobre o inimigo e o terreno;
- **missão da D. C.**;
- **tempo ou espaço a ganhar**;
- **limite interior** da zona de acção dada á D. C., isto é, o limite commum com a G. U. da ala do Ex.;
- **direcções** sobre as quaes quer o cmto. do Ex. ser esclarecido, particularmente na ala exterior, bem como a distancia a que deve ser levada a vigilancia;
- **eixo de retrahimento** da D. C. no curso da acção retardadora (si fôr o caso);
- **traçado da posição** sobre a qual se deverá organizar em fim de retrahimento (si fôr o caso) ou sobre a qual deve **esperar** o ataque adversario;
- **prescripções** relativas á occupação da posição e particularmente as ligações a serem estabelecidas com a G. U. de ala do Ex. á qual se **soldará a D. C.**

Os processos de execução que devem ser empregados pela D. C., nas operações d'este genero, estão descriptos no Fasciculo V — Titulo I — Cap. II.

B) Fechamento de uma brécha aberta no dispositivo amigo

Quando a offensiva inimiga rompe o dispositivo do Ex. e este não dispõe mais, ao alcance de immediata intervenção, das reservas necessarias para repellir ou deter a progressão inimiga e restabelecer a situação, uma D. C. póde ser efficazmente empregada para:

- **amalgamar** as unidades empenhadas na frente rompida, apoial-as para restabelecer o mais rapidamente possivel uma linha continua de **fogos combinados**, reorganizar o commando e as ligações;
- fechar uma brécha creada pelo avanço inimigo, interpondo-lhe, quanto antes, uma **resistência solida** no eixo prin-

cial de sua progressão e esforçando-se por ligar essa acção á das unidades ainda em linha á direita e á esquerda;

- estender uma **cortina** para mascarar uma larga brécha, afim de cobrir o desembarque ou a aproximação de G. U. de reserva e preparar a sua entrada em acção.

A mobilidade táctica da D. C. permite-lhe estender-se numa larga frente e manter uma cortina de fogos capaz de entrar momentaneamente o avanço adverso.

Si a ruptura fôr muito extensa o commando será geralmente obrigado a empregar varias D. C., constituindo com ellas Corpos de Cavallaria ou fixando para cada uma d'ellas um objectivo e uma missão.

1) ORDEM RECEBIDA PELO CMT. DA D. C.

O Cmt. da D. C. assim que chega na zona da brécha, assume a direcção do combate e para isso:

- 1.º — **Informações**, geralmente summarias, sobre:
 - a situação geral;
 - o estado das unidades empenhadas na frente considerada;
 - o inimigo (sua direcção de esforço, suas fôrças desconhecidas e a linha attingida pelos seus primeiros destacamentos).
- 2.º **Instrucções**, que lhe fixam, particularmente:
 - a missão;
 - a zona de acção da D. C. e a organização do commando nessa zona;
 - a manobra a realizar em ligação com as G. U. que irão operar nas zonas vizinhas, assim como as tropas da zona em condições de combater e que podem ficar sob seu commando;
 - os meios supplementares postos á sua disposição;
 - as condições em que se effectuarão os reabastecimentos, evacuações, etc..

2) EXECUÇÃO DA MISSÃO

O Cmt. da D. C. lança immediatamente o R. Au. M. (menos Esq. A. M. C.) para a frente, na zona que lhe foi attribuida, afim de:

- prestar ás unidades amigas empenhadas um primeiro apoio material e moral;
- informar sobre a linha attingida pelos elementos mais avançados do inimigo. Na esteira dos elementos **mecanizados** impulsiona os elementos **motorizados** — que tenham sido occasionalmente postos á sua disposição — ou **destacamentos a cavallo** (alas ou Esqs. reforçados). afim de — quando superpostos aos **mecanizados**;
- deter ou pelo menos retardar a progressão dos elementos avançados do inimigo;
- cobrir o desdobramento do grosso da D. C.

O general procura entrar, o mais cedo possivel, em **ligação pessoal** com os Cmts. das G. U. empenhadas afim de determinar — em funcção das informações dadas por estes e pelos elementos mecanizados que impulsiona — os pontos que marcam os extremos da brécha. Além disso, poderá dar um golpe de vista de conjuncto no terreno em que vae actuar.

O grosso da D. C. alertado na sua zona de estacionamento, marcha immediatamente para a zona provável de seu emprego. Si estiver longe da zona onde vae ser empregado o cmto. deve regular a marcha ou marchas de modo a attingir essa zona no minimo de tempo possivel; em regra, não precisa tomar disposições particulares para a segurança immediata, pois a marcha se executa sob a protecção dos destacamentos mecanizados e de cavallaria já lançados para a frente.

O grosso progride, sob a protecção d'esses destacamentos utilizando toda a rede de estradas da zona que lhe foi dada; toma um dispositivo cuja articulação **particularmente accentuada em largura** — permita reconstituir, na parte da frente onde se vae empenhar, uma **barragem contínua** e si possivel, **soldada** aos **pontos** de resistência que marcam os **extremos** da brécha.

O Cmt. da D. C. assim que chega na zona da brécha, assume a direcção do combate e para isso:

- determina a **linha** em que deve ser **detida** a progressão inimiga ou as **linhas** sobre as quaes essa progressão será **retardada**;
- desdobra a D. C.;
- assume o commando das unidades já empenhadas na zona de acção, amalgama — as com os elementos da sua di-

visão ou as recolhe para a retaguarda em pontos de reagrupamento determinados.

Depois de empenhada, a D. C. actua de accôrdo com os principios expostos no Fasciculo V — Titulo I — Cap. II.

Quando as G. U. de infantaria reservada substituem a D. C., esta recebe uma nova missão ou passa á reserva para se reconstituir.

C) Missão de ligação entre dois Ex.

Quando no decurso das operações as necessidades da manobra (manobra de ala) ou a divergência dos eixos de retrahimento (manobra em retirada) abrem um **intervallo** entre os Corpos de batalha, o commando superior pode ahí empregar uma D. C. para manter a ligação entre dois Ex. visinhos (ou entre dois agrupamentos de fôrças).

Neste caso, a D. C. deve esforçar-se por permanecer solidamente **soldada** ás alas interiores das G. U. que ella tem por missão ligar e estabelecer, no intervallo aberto, uma **cortina** continua ou descontínua destinada a illudir o inimigo, repellir ou deter seus elemento de reconhecimento terrestre.

Para o cumprimento de missões d'este genero o Cmt. da D.C. segue os principios expostos no Fasciculo V — Titulo I — Cap. II.

D) Ocupação de um sector defensivo

Quando o commando superior julga necessario substituir, momentaneamente um sector passivo, unidades de infantaria por unidades de cavallaria, póde utilizar as D. C. da reserva geral.

O Cmt. da D. C. para cumprir sua missão inspirar-se-ha nos principios expostos no Fasciculo V — Titulo I — Cap. I.

TITULO III

MISSÕES NA FINALISAÇÃO DA BATALHA

CAPITULO I

A PERSEGUIÇÃO

A perseguição começa quando o inimigo é **batido**, abandona a lucta e se retira em desordem. O **aproveitamento do bom exito** é, muitas vezes, o preludio de uma perseguição.

A D. C. pôde ser empenhada numa operação d'esse genero, partindo, em principio, de uma das tres situações seguintes:

- 1.º — A D. C. actua já na execução de uma acção offensiva (acção no flanco do inimigo, ligação entre dois agrupamentos que divergiram na progressão, etc.) e após o aproveitamento do bom exito continúa em perseguição;
- 2.º — A D. C., até então reservada, é chamada a ampliar e completar o bom exito obtido pelas G. U., empenhadas (acção no centro do dispositivo inimigo) e no caso de bom exito, em toda a frente prolongar essa acção pela perseguição;
- 3.º — A D. C. conservada em reserva é lançada **directamente na perseguição**, depois do bom exito obtido pelas G. U. em 1.º escalão.

A perseguição, diz o R. E. C. C. "deve ser **ininterrupta, audaciosa, encarniçada**". Nella, o principal papel cabe indubitavelmente ás G. U. de cavallaria e ás Grandes formações de Aviação.

A aviação procura destruir as retaguardas inimigas (metralhadoras e bombardeio); ataca as columnas em retirada, esforçando-se pôr entrar-lhes os movimentos.

As G. U. de cavallaria lançam-se resolutamente para a frente, recalcam e procuram destroçar o inimigo desbordando-o, atacando-o pelos flancos, cortando as suas linhas de retirada, evitando assim que se reconstitua e adquira cohesão.

O Cmt. de uma D. C. encarregada de executar uma operação d'este genero, recebe do commando superior "instrucções" bem precisas e analogas ás que são dadas para toda a operação de caracter offensivo, isto é:

- informações sobre a situação;
- missão;
- direcção ou zona de esforço;
- objectivo a attingir em determinadas condições de tempo;
- meios á disposição (quando fôr o caso);
- ligações que deve realizar;
- reabastecimentos, evacuações, etc.

Nestas operações são permittidos, ao Cmt. da D. C., todos e quaesquer "lances audaciosos", pois se trata de obter a **victoria plena** ainda que com grandes sacrificios, isto é, mesmo empregando-se homens e cavallos até ao limite extremo das suas forças.

EXECUÇÃO DA MISSÃO

O Cmt. da D. C. que as lança na perseguição deve, antes de tudo, conservar sua G. U. na mão de modo que fique em condições de montar **acções de fôrça** rápidas e poderosas sobre a **cortina de retaguarda** que o inimigo, poventura, consiga organizar levitara, sempre que possível, empenhar-se em acções puramente frontaes — que são sempre lentas e custosas — dando preferência às manobras desbordantes para derrubar as resistências que lhe são oppostas.

O divisionario lança uma **descoberta** para procurar ou manter o contacto com o inimigo que retira e se lança resolutamente sobre os objectivos que escolheu (ou lhe foram dados), sem se deixar desviar pelas reacções secundarias do adversario. Não hesitará em avançar audaciosamente pelos flancos das columnas inimigas e mesmo em penetrar **profundamente** e "**em fôrça**" no meio d'ellas para atacal-as nos "**Pontos criticos**", batel-as e transformar sua retirada em derrota.

Em taes operações as pequenas unidades de cavallaria terão, quasi sempre, oportunidade para **atacar a cavallo com arma branca** e não deverão perdê-las, pois esses ataques são sempre de **grande effeito moral**.

O dispositivo da D. C. é sempre **função da situação** e, no caso em apreço particularmente **condicionado** pelo estado da rede de estradas, pois que o factor **velocidade** prima sobre todos os outros.

E' condição fundamental — para que a D. C. possa progredir rapidamente — que as vanguardas sejam bem reforçadas; para isso, o divisionario poderá constituil-as, além de cavallaria e A. M. R., com sapadores e alguma artilharia, pois a sua missão consiste em:

- **aferrar** as retaguardas inimigas de modo a impedir que se retraiam;
- determinar os **pontos fracos** da "**cortina de protecção**" deixada pelo adversario;
- informar sobre as difficuldades dos itinerarios capazes de retardar a perseguição (obstaculos, destruições, etc.).

Quando o estado da rede de estradas entravar a marcha dos **mecanizados**, a ponto de prejudicar a perseguição, o Cmt. da D.

C. não deve hesitar em continuar sua missão apenas com seus cavalleiros.

O grosso da divisão deve progredir de fôrma a ganhar os flancos ou a retaguarda do inimigo e no caso de impossibilidade de- verá ficar em condições de bater com sua artilharia os pontos de passagem obrigatoria das columnas que retiram.

Em summa: o Cmt. da D. C. procurará actuar de accôrdo com as circumstancias, **inspirando-se sempre no sentido das directivas** dada pelo commando superior.

CAPITULO II

COBERTURA DA RETIRADA

Quando a retirada se impõe, depois de uma batalha mal succedida, o papel de **sacrificio** cabe á cavallaria.

As D. C., reforçadas (sempre que possivel) com artilharia, **cobrem a retirada**; para isso, organizam "**cortinas**" ao abrigo das quaes as G. U. se retraem.

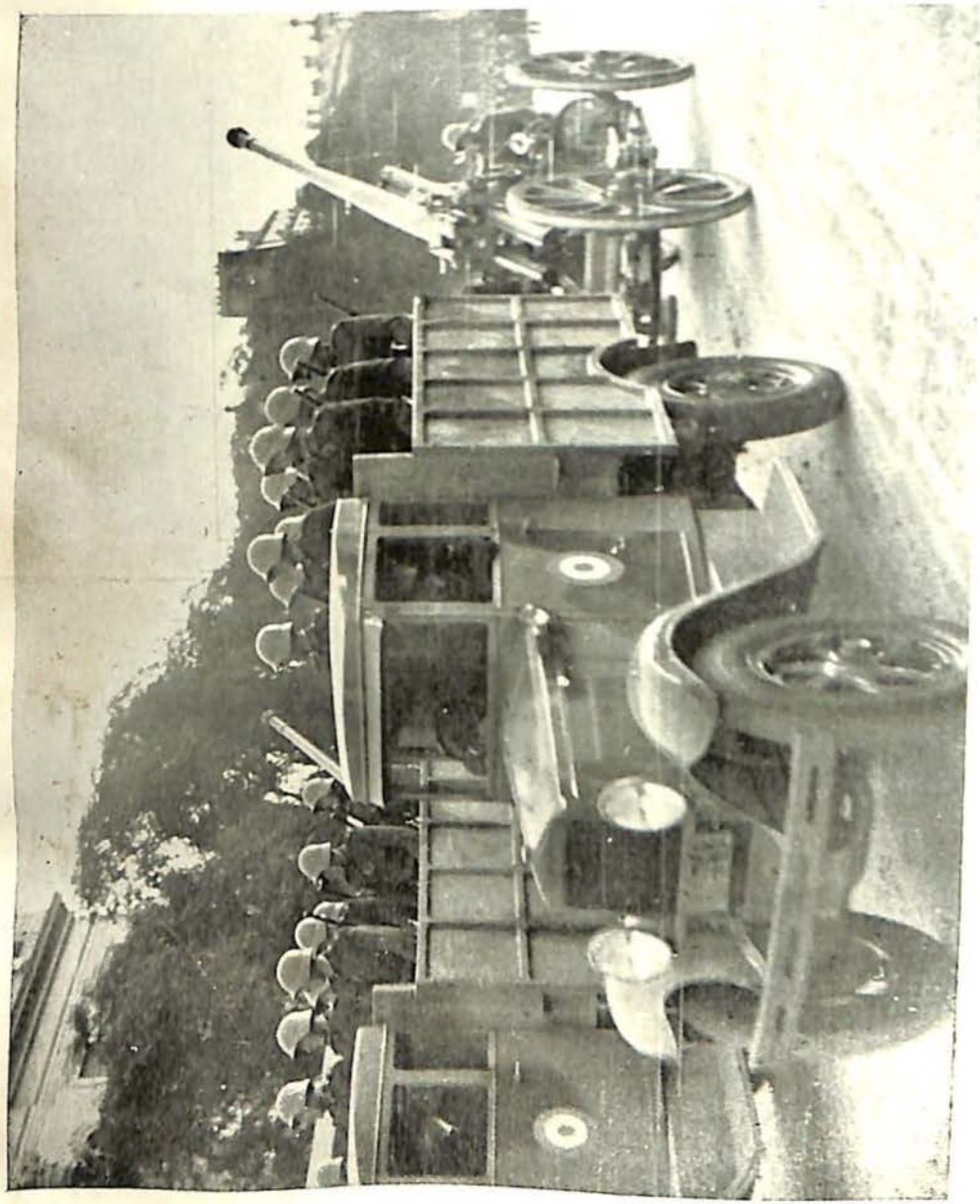
As G. U. de cavallaria — graças á faculdade que têm de se desaferrar rapidamente — exercem, em ligação com as retaguardas, uma **acção retardadora** de accôrdo com os principios expostos no Fasciculo V — Titulo I — Capitulo II.



Livros á venda na «A Defesa Nacional»

MORTEIROS, Ten. <i>Gutemberg Ayres</i>	9\$000
O DUQUE DE CAXIAS, Cap. <i>Orlando Rangel Sobrinho</i>	2\$000
O TIRO DE ARTILHARIA DE COSTA	4\$000
IMPRESSÕES DE ESTAGIO NO EXERCITO FRANCEZ — Ten. Cel. <i>J. B. de Magalhães</i>	2\$000
NOTAS DO COMMANDO S/ BTL. NO TERRENO. Com. <i>Audet</i>	3\$000
O OFFICIAL DE CAVALLARIA — Cel. <i>Benicio</i>	10\$000

EXÉRCITO ARGENTINO



Uma bateria de 75 anti-aerea em garboso desfile

4.º BATALHÃO DE CAÇADORES



Inauguração do busto do Duque de Caxias no 4.º B. C. pelo Snr. General Cmt. da 2.ª R. M. e entrega solemne, pelo Banco do Brasil, do Pavilhão Nacional aquella disciplinada unidade do nosso exército.

SECÇÃO DE ARTILHARIA

Artilharia na marcha de aproximação e tomada de contacto

Pelo Cap. ALUIZIO DE MIRANDA MENDES

1.ª PARTE

PREAMBULO

I — DEFINIÇÃO

Chama-se **marcha de aproximação** a phase preliminar da batalha offensiva, durante a qual, uma tropa destinada a engajar-se na batalha, lança-se no rumo do inimigo com o fito de tomar contacto com elle.

Ha dois casos a considerar quando se trata de marcha de aproximação e que interessam directamente á Artilharia, porque ella actúa de modo diverso num e noutro casos:

1.º — A tropa que enquadra a Artilharia, executa sua aproximação ao abrigo d'uma frente contínua ou coberta por outros elementos de Infantaria.

2.º — A mencionada tropa, marcha, — sem ser protegida por essa frente contínua — na direcção do inimigo, não tendo, portanto, nenhuma tropa de Infantaria ou Cavallaria amiga que lhe cubra os movimentos.

Denomina-se o 1.º caso de **aproximação coberta** e o 2.º de **aproximação descoberta (não coberta)**.

II — LIMITES DA MARCHA DE APROXIMAÇÃO

A **marcha de aproximação** começa quando a tropa que avança para a batalha, penetra na zona dos tiros da Artilharia organica das Divisões, isto é, praticamente cerca de uma dezena de kilometros das posições inimigas. Na linguagem do artilheiro dizemos que ella se inicia quando as tropas entram na zona dos tiros de interdicção do inimigo.

A **marcha de aproximação termina** quando a tropa considerada não póde mais progredir:

- 1.º — ou sem fazer uso de suas próprias armas;
- 2.º — ou porque tenha chegado ao contacto dos elementos de Cavallaria Divisionaria que operam na frente e que se acham detidos pelo inimigo.

Dentro d'estes limites a tropa em questão é constantemente sujeita ás ameaças da Artilharia e da Aviação de batalha inimigas. Além d'isso, no periodo final, esta tropa deve levar em conta o desencadeamento dos fogos longinquos da Infantaria adversa.

III — QUANDO SE EFFECTUA A MARCHA DE APROXIMAÇÃO

Outra questão que está intimamente ligada ao emprego da Artilharia na marcha de aproximação é a do momento em que ella se realiza.

Com effeito, a marcha de aproximação póde, segundo o caso e, sobretudo, segundo a missão recebida, effectuar-se **de dia** ou **de noite**.

A **noite** — favorecendo a surpresa e permittindo escapar aos tiros inimigos pela obscuridade reinante, é utilizada toda vez que fôr possível. E' o caso geral de aproximação para uma tropa que se avizinha das suas posições de combate ao abrigo d'uma frente continua. E' tambem o caso da aproximação dos elementos de 2.º escalão d'uma Grande Unidade que se lança para a frente contra um inimigo em posição.

De dia, e qualquer que seja o movimento, a marcha de aproximação é obrigatoria:

- 1.º — para os elementos d'uma Grande Unidade collocados na vanguarda e susceptiveis de tomar, de um momento para outro, o contacto com o inimigo;
- 2.º — para o conjuncto d'uma Grande Unidade, quanto a situação do inimigo é incerta (caso de **batalha de encontro**) e que é preciso poder apoiar as vanguardas afim de não deixal-as á mercê do inimigo que acabaria por exterminal-as.

IV — COMO SE EFFECTUA A MARCHA DE APROXIMAÇÃO

Tomemos os dois casos geraes de marcha de aproximação:

- 1.º) **APROXIMAÇÃO COBERTA**, isto é, ao abrigo d'uma frente continua. A questão se resume:

- a) num problema de caminhamentos e de dissimulação;
- b) no movimento realizando-se geralmente de noite;
- c) na Artilharia poder — em certos casos — preceder a Infantaria e instalar-se primeiro.

2.º) **APROXIMAÇÃO NÃO COBERTA.** Neste caso a questão se complica porque a tropa que a executa só pôde contar com os seus próprios elementos para proteger seu movimento.

Este segundo caso é o da guerra de movimento. A primeira dificuldade a resolver é o problema de segurança em marcha nas proximidades imediatas do inimigo.

Só encararemos aqui as noções que convém recordar para que bem possamos compreender a manobra da Artilharia.

Tomemos como base de partida uma Grande Unidade (D. I.) que marcha ao encontro do inimigo — enquadrada, à direita e à esquerda, — afim de aliviar-nos da preocupação de segurança dos flancos. Como toda unidade — grande ou pequena — que marcha para a batalha, ella tem:

- a) uma **missão** — fixada pelo Commando superior;
- b) uma **zona de marcha ou de acção** — fixada pelo commando superior e que limita a responsabilidade do Chefe da G. U. considerada;
- c) um **dispositivo** — fixado pelo commandante da G. U. em questão;
- d) **objectivos successivos** — fixados também pelo chefe da G. U. acima referida.

Com effeito, as differentes unidades abandonam as estradas e progridem através dos campos aproveitando toda a largura da zona de marcha:

- e) **utilizando o terreno** tanto quanto possível;
- f) **escalando-se** fortemente em largura e em profundidade;
- g) **adoptando formações** diluidas e maleáveis (pequenas columnas de secções ou mesmo de grupos) que permitam realizar a dispersão necessaria.

O unico fogo a temer é o da Artilharia e da Aviação inimigas. É preciso, pois, evitar que um mesmo projectil possa attingir simultaneamente varios elementos (grupos de combate, pelotões, baterias, etc.).

O conjuncto do grosso progride por grandes **lanços**, cada um dos quaes determinado de ante-mão pelo General Cmt. da D. I. e correspondente aos limites anteriores dos "compartimentos do ter-

reno "successivos. Esses lanços são os **objectivos successivos**, os quaes devem tanto quanto possível coincidir com os possíveis horizontes visíveis que as linhas de crista transversaes delimitam successivamente.

Como veremos logo a seguir, é indispensável que o primeiro escalão do grosso não chegue a uma d'estas linhas sem que primeiro a vanguarda tenha solidamente occupado a seguinte.

Da mesma fórma, uma linha não será — em principio — abandonada pelos elementos recuados do grosso, senão quando a seguinte tenha sido occupada pela testa.

O movimento grosso — vanguarda se assemelha assim ao movimento da "lagarta geometrica" ... que mede, com o próprio corpo, os espaços percorridos.

Eis ahi, em linhas geraes, o mecanismo da **marcha de aproximação**. Vejamos, agora como a Artilharia a elle se adapta, adaptando seu dispositivo ao das outras armas e consegue estar sempre em condições de cumprir sua missão geral que consiste em apoiar e proteger — constantemente — a Infantaria.

V — A SEGURANÇA

Antes, porém, de proseguir, é de toda conveniência frizar que a **segurança** do conjuncto da grande unidade mencionada, repousa:

- a) nas informações obtidas acerca do inimigo;
- b) no dispositivo das forças, que se foi adoptado;
- c) no segredo das operações.

As **INFORMAÇÕES** são obtidas geralmente de diversas fontes das quaes se salientam a Cavallaria e a Aviação do Exército, lançadas:

- a Cavallaria acerca de 1 ou 2 etapas de marcha na frente;
- a Aviação acerca de 3 a 5 etapas de marcha na frente, correspondendo a 3 ou 5 dias que são indispensáveis ao Exército para mudar de dispositivo.

A Cavallaria e a Aviação das Divisões, lançadas:

- a Cavallaria a 4 ou 9 kms. na frente;
- a Aviação acerca de 1 etapa de marcha na frente, correspondendo a meia ou uma jornada de marcha que é o indispensável para que uma D. I. possa mudar de dispositivo.

O **DISPOSITIVO** influe também de modo preponderante na segurança da tropa e é elle que condiciona o emprego da Artilharia

na marcha de aproximação. De modo geral (*) qualquer que seja a missão e a zona de acção, a divisão em marcha de aproximação se reparte n'uma série de agrupamentos táticos que se deslocam segundo dois grandes eixos de marcha, impostos geralmente pela necessidade que se tem — nesta phase do combate — de se poder facil e rapidamente, a qualquer instante, estender uma frente defensiva contínua que proteja os elementos mais recuados e dê tempo ao General de Divisão de preparar a sua actuação.

Estes agrupamentos táticos são repartidos geralmente em tres escalões. Eschematicamente teriamos o seguinte, á guisa de simples exemplos:

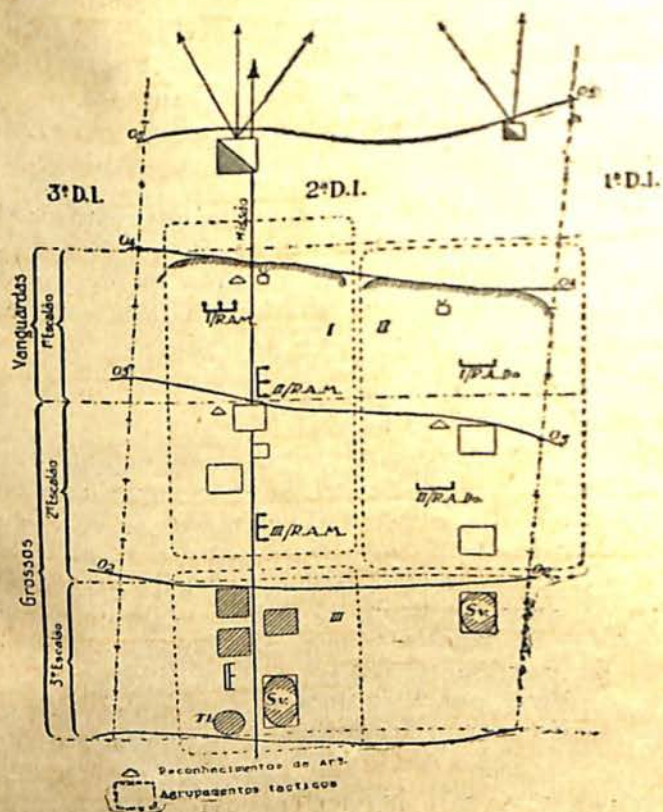


Fig. 1

(*) Salvo excepções raríssimas.

Por um d'esses **grandes eixos** o commando da divisão faz deslocar o centro de gravidade de suas forças, nelles concentrando necessariamente mais Infantaria e mais Artilharia.

O 1.º escalão constitue a vanguarda e a sua tropa marcha desdobrada para o combate. O grosso é constituido pelos 2.º e 3.º escalões.

Dentro d'esse próprio esquema poderão adoptar-se innumeras soluções.

A marcha executa-se de objectivo a objectivo. A vanguarda só parte de um objectivo quando a tétsta do grosso attinge o último por ella deixado. A vanguarda só deixa 04, para se lançar na conquista de 05, quando a tétsta do grosso attingir 03.

Os reconhecimentos da Artilharia marcham nas vanguardas e nas téstas dos 2.º e 3.º escalões respectivamente.

O modo de acção das **VANGUARDAS** é o seguinte:

A) — Missão:

- a) garantir os grossos contra qualquer surpresa;
- b) completar as informações do R. C. D.;
- c) tomar o contacto com o inimigo, excepto ordem em contrario, proseguindo na acção iniciada pelo R. C. D.

B) — Dispositivos:

- a) escalão de reconhecimento;
- b) escalão de combate;
- c) reserva do escalão de combate, funcionando de tal modo que o escalão de reconhecimento garanta, a todo instante, a cobertura do escalão de combate e receba por sua vez o apoio immediato dos fogos d'este último.

O modo de actuar dos **GROSSOS** é o seguinte: Sob a protecção das vanguardas os grossos progridem com o triplice cuidado de:

- a) escapar á observação terrestre ou aérea do inimigo;
- b) evitar as perdas pelo fogo;
- c) estar sempre em condições — segundo as ordens recebidas — de garantir, manter ou acolher as vanguardas.

2.ª P A R T E

A ARTILHARIA NA MARCHA DE APROXIMAÇÃO

I — MISSÃO DA ARTILHARIA

No começo da marcha de aproximação, a "Artilharia é dispòsta de maneira a intervir rapidamente na acção, tão logo seja ne-

cessario, levando-se em conta a dupla necessidade de garantir sua própria segurança e não retardar a entrada em acção da Infantaria".

Cêdo este dispositivo da Artilharia torna-se insufficiente e, desde que se entre na zona de combate, as vanguardas devem ser apoiadas, a qualquer momento e si necessario, por escalões de Artilharia em posição.

Nestas condições, toda a Artilharia da divisão deve manter-se prompta para intervir rapidamente.

Estabelece suas ligações com a Infantaria cuja progressão ella segue attentamento e envia — o mais para frente que fôr possível — os seus reconhecimentos.

A partir d'este momento, as vanguardas ficam, não sómente, sob a protecção de sua própria Artilharia (fig. 1), mas ainda, — num curto espaço de tempo — sob a de toda a Artilharia leve da Divisão.

II — CONDIÇÕES DE EXECUÇÃO DA MISSÃO

A execução da missão da Artilharia na marcha de aproximação impõe:

- 1.º — intervir rapidamente;
- 2.º — intervir a qualquer momento.

Intervir rapidamente

Esta 1.ª condição impõe a obrigação de abrir fogo — na primeira oportunidade — com toda a precisão e rapidez, sobre as resistências que se oppuzerem ao avanço das vanguardas.

Para isso é preciso:

- 1.º — que as posições de tiro sejam reconhecidas;
- 2.º — que o tiro seja preparado;
- 3.º — que os canhões estejam em bateria ou pössam collocar-se em posição no mais breve espaço de tempo;
- 4.º — que a observação possa funcionar promptamente;
- 5.º — que a ligação com a Infantaria permitta:
 - a) uma rápida e exacta designação dos objectivos;
 - b) a execução perfeita do tiro.

Os reconhecimentos devem, pois, adeantar-se francamente dos grupos para poderem ter o tempo necessario de effectuarem as diversas preparações acima apontadas.

Intervir a qualquer momento

A 2.ª condição impõe a obrigação de actuar rapidamente afim de não retardar a Infantaria na sua tomada de contacto — phase

delicada do combate — deixando-a durante muito tempo a espera do apoio de que possa necessitar.

Ora, a Infantaria marcha ou progride combatendo enquanto que a Artilharia só pôde agir quando parada, isto é, **em posição**.

A Artilharia sobre rodas é completamente inútil para o combate.

Em posição - muito ao contrário - pôde desempenhar sua missão de apoio e de protecção da Infantaria. A' proporção, porém que o tempo se escôa, a Artilharia em posição vê a Infantaria amiga cada vez mais distanciar-se e, pouco e pouco, sahir do limite de alcance dos seus canhões.

Como resolver então a questão?

III — OS ESCALÕES DE ARTILHARIA

A solução da questão é a seguinte:

“Deslocar a Artilharia por escalões e de tal maneira que se tenha sempre uma fracção **desdobrada** — prompta a apoiar instantaneamente a Infantaria — si fôr necessario.

Durante este tempo, a outra fracção da Artilharia progride atrás da Infantaria utilizando todos os caminhamentos (desenhados) até alcançar a posição seguinte (reconhecida — desde que possível — pelos reconhecimentos lançados muito para a frente) e aonde ella se desdobra, tomando a si a missão precedentemente confiada á Artilharia deixada atrás.

Esta última, **substituida em sua missão**, põe-se de novo em marcha, ultrapassa a linha seguinte já occupada e, por sua vez, desdobra-se na posição seguinte.

A Artilharia occupa assim linhas successivas em cada uma das quaes permanece em guardã, linhas essas que correspondem ás linhas successivas occupadas pelas vanguardas. A Artilharia constitue de algum modo, as tenazes com as quaes a Divisão se agarra sólidamente aos objectivos successivos.

O General Cmt. da A. D. recebe do Commandante da Divisão a indicação precisa das linhas successivas que as vanguardas devem attingir, assim como o rythmo da manobra (synchronismo da marcha dos grossos e das vanguardas).

Após um estudo aprofundado da carta e das photographias aéreas, determina — levando em linha de conta a **situação** e o

terreno — as zonas em que se podem procurar as posições successivas da Artilharia em face do apoio eventual da Infantaria durante a marcha de aproximação. O General Cmt. da A. D. precisa então as condições de abertura do fogo, consoante as ordens do General Cmt. da Divisão a tal respeito.

Cada **escalão** procede aos seus próprios reconhecimentos, instalando a observação terrestre e sua antena que o liga aos observadores aéreos e traz o seu material. Este sómente é posto em **bateria** si a tomada de contacto parece próxima. No caso contrário, o material fica **sobre rodas**, perto das posições eventuaes de bateria. A **preparação do tiro** é, contudo, garantida nos seus mínimos pormenores. Geralmente durante as marchas de aproximação **os armões e as columnas ligeiras de munições** pouco se afastam das posições de bateria.

Em principio a Artilharia marcha nas estradas. Enquanto o contacto não fôr tomado a Artilharia Automóvel não se adeanta, conservando-se atrás das columnas.

A Artilharia na marcha de aproximação, para desobrigar-se cabalmente da sua missão, deve pois:

Manobrar por escalões — tanto quanto possível de grupo — e por **lanços de posição em posição**. O grupo effectua o seu deslocamento fraccionado em pequenas columnas.

Ha toda vantagem — de não dissociar o grupo.

A **extensão dos lanços** é função do alcance do material, do terreno, do effectivo das forças amigas e das linhas que devem atingir.

No tocante ao alcance, a extensão do lanço é sensivelmente igual a meio alcance útil do material.

IV — LIGAÇÕES E TRANSMISSÕES

Durante a marcha de aproximação, as transmissões são geralmente asseguradas por meio de **agentes de transmissões** (cavalleiros, cyclistas, etc.).

Raramente se pode contar com o telephone.

Os poucos circuitos postos no **eixo de transmissões divisionario** por ocasião da progressão são reservados para as communicações entre o Commandante da Vanguarda, o centro de informações avançadas (quando existente) e o Commandante da Divisão.

A Artilharia não tem meio de desenrollar um eixo de transmissões telephonicas próprio..

Quando em posição as baterias utilizam para suas ligações com os observatórios, os postos de Commando e as suas próprias linhas de fogo:

- agentes de transmissões;
- sinalização óptica;
- a T. P. S. e a T. S. F.,

ou mesmo o próprio telephone reduzindo, porém, ao estritamente necessario, o comprimento dos seus circuitos.

Em caso de urgência as baterias desdobrar-se-hão nas proximidades immediatas dos seus observatórios afim de que os Capitães possam facil e rapidamente commandar o tiro.

V — ESTUDO ESCHEMATICO

Encarando-se o problema eschematicamente o solução indicada é a seguinte: O Commando fixa as linhas successivas 01, 02, 03, 04, ... a attingir (figs. 1 e 2).

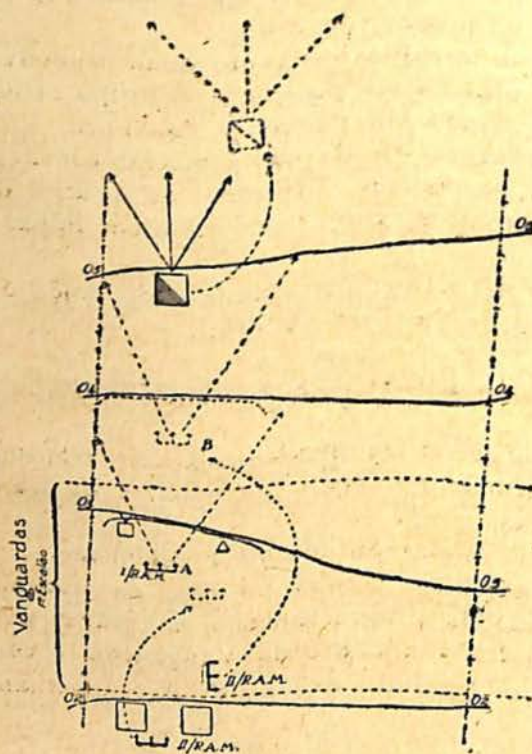


Fig. 2

Tomemos, por exemplo, o caso da vanguarda (fig. 1). A Artilharia do grosso procede segundo os mesmos principios que agora vamos aqui indicar para a da vanguarda.

A Infantaria da vanguarda (fig. 2) que attingiu o **objectivo** 0_3 , progride — quando os grossos tiverem attingido 0_2 , — de 0_3 até 0_4 , sob a protecção do grupo I/R.M. em posição em A, podendo effectivamente **apoiar-a até, pelo menos, cerca de 1 hora depois de attingido 0_4 .**

Durante este tempo, os reconhecimentos do grupo II/R. M. seguem a Infantaria. O grupo II/R. M. põe-se em marcha, ultrapassa o grupo I/R. M. e vem instalar-se em B onde occupa posição (fi. 2), prompto para apoiar a marcha de 0_4 para 0_5 e até cerca de 45 minutos á 1 hora depois de attingido este último **objectivo**. O grupo I/R. M. lança seus reconhecimentos para a frente, etc...

O ideal a attingir é que a fracção que segue a Infantaria já esteja em posição quando alcance o **objectivo assignalado** ou que, no mínimo, vá entrando em posição no momento em que a Infantaria vae attingindo o **objectivo correspondente**.

Semelhante marcha de aproximação não é absolutamente lenta como pôde, a simples vista parecer. Os movimentos pôdem ser rápidos; tudo depende de instrucção da tropa e das ordens de execução dadas em tempo...

VI — EXECUÇÃO DO DESDOBRAMENTO DE ARTILHARIA

A determinação das regiões de posição a ocupar pelos diferentes escalões de Artilharia, pode ser feito na carta, segundo os lanços previstos pelo Commando, ou directamente no terreno de accôrdo com as circunstancias.

As posições serão sempre reconhecidas e o tiro preparado sem perda de tempo; a sua occupação, porém, depende das circunstancias.

No começo da marcha de aproximação, quando o inimigo está ainda longe, a Artilharia limitar-se-ha a ficar **em posição de espera** prompta, todavia, a abrir fogo no mais curto prazo possível.

O Commando indicará ao grupo diferentes pontos de destino successivos ou linhas a não ultrapassar o escalão em bateria senão no caso em que a progressão dos elementos de Infantaria apoiada se processe sem difficuldade afim de, si os obstaculos se apresen-

tarem, o grupo sobre rodas ficar em condições de reforçar a acção do grupo em posição.

Em resumo, na marcha de aproximação, o grupo de Artilharia avança seus reconhecimentos fazendo seguir o material a uma distancia tal que:

- 1.º — sua segurança seja constantemente garantida;
- 2.º — sua chegada, nas posições reconhecidas, seja rápida.

O grupo prepara suas posições e conduz suas munições como se a occupação devesse durar muito tempo.

A observação e as ligações são organizadas e constantemente melhoradas.

Desde que uma posição seja occupada, os reconhecimentos procuram a seguinte, etc.

A abertura do fogo póde ser obtida:

- 1.º mediante pedido da Infantaria apoiada, transmittido pelo destacamento de ligações;
- 2.º mediante ordem do Commandante do agrupamento ou da A. D.;
- 3.º de accôrdo com um signal feito pelo avião de acompanhamento;
- 4.º finalmente a vista directa, tudo de accôrdo com as instruções do Commandante da Grande Unidade.

VII — MARCHA DE APROXIMAÇÃO DA A. DE EX.

Os materiaes de **muito grande alcance** podem ser levados o mais para frente possível e,ahi — bem servidos pela observação aérea, podem prestar os mais relevantes serviços por occasião da marcha de aproximação, principalmente si as circumstancias forem favoráveis, attendendo que os grupos armados com semelhantes materiaes, uma vez em bateria são susceptíveis — durante muito tempo — de inquietar o inimigo e cobrir o desdobramento das Divisões.

A Artilharia de Exército leva para a frente o material de 105 L. Este material segue na esteira das Divisões de 1.º escalão e marcha por grandes lanços a maneira do 75 divisionario. O 105 L. pode ser posto á disposição integral das Divisões em linha afim de agirem especialmente na **contra-bateria** e sobre os **objectivos inopinados**.

O 155 C. marcha sobre boas estradas na cauda das columnas. Quando a tomada de contacto se avisinha, os grupos de 155 se

adeantam, aproximando-se pouco a pouco da frente, afim de tomarem as suas posições de combate.

3.^a P A R T E

A TOMADA DE CONTACTO E O ENGAJAMENTO

A tomada de contacto é realizada de maneira progressiva e para a Artilharia resume-se na tomada de contacto da Infantaria.

Esta tomada de contacto é, a principio, obra da Cavallaria que procura determinar o contorno apparente do inimigo e procura fixal-o.

O contacto é em seguida precisado pelas vanguardas, que vêm apoiar e depois substituir a Cavallaria, esforçando-se:

- 1.^o si o inimigo está em posição e nos espera, repellir as suas resistências locais avançadas;
- 2.^o si está também em movimento, deter e fixar os seus elementos avançados.

O Commandante da Divisão estabelece as grandes linhas do seu plano de manobra ou de combate o mais cedo possível; completa-o e particulariza — na maior parte das vezes — durante a tomada de contacto.

Attingida a Cavallaria, substituida esta pelos elementos das vanguardas e, por sua vez, detidos estes últimos elementos, o Commandante da Divisão procura, nesta ocasião, completar o seu dispositivo de ataque.

A Artilharia lêve de campanha — enquanto a Infantaria procura infiltrar-se nas malhas do dispositivo inimigo — afflue para a frente articulando-se em **agrupamentos**.

O emprego da Artilharia nesta phase especial de tomada de contacto se caracteriza pelas necessidades de:

- 1.^o continuar apoiando a Infantaria detida e em contacto com o inimigo;
- 2.^o organizar seus agrupamentos;
- 3.^o estabelecer as ligações.

Diz-se finalmente, que o contacto está definitivamente assegurado, quando a Infantaria da vanguarda está detida por uma barragem de fogos de Infantaria, continuos e profundos (cerca de 600 metros), que ella não pode — com seus proprios meios — vencer-a e ultrapassal-a.

Mas, o contacto estabelecido, convém que o Commandante da Grande Unidade experimente-o e verifique, afim de certificar-se

si se trata, de facto, de uma cortina de fogos, do escalão de resistência dos P. A. ou da própria linha principal da posição de resistência do inimigo. O Commandante da Grande Unidade escolhe então uma zona restricta — **um compartimento do terreno** — que lhe seja propicio e ahi ENGAJA uma pequena fracção da Infantaria, justamente o estricto necessario para uma acção local, **apoiada pela maior quantidade possivel de Artilharia**. Elle procura assim, ter do lado d'este compartimento, a maior quantidade de Artilharia, ou por meio de simples concentração de fôgos ou então pela própria concentração de materiaes o que é ainda preferível.

Esta phase do combate é o que se denomina engajamento e caracteriza-se pelo reforço da Artilharia do 1.º escalão da marcha de aproximação.

CONCLUSÃO

A Artilharia na marcha de aproximação, particularmente na **aproximação descoberta**, marcha por escalões geralmente constituídos por grupos successivos que se fraccionam em pequenas columnas. A Artilharia automóvel marcha á retaguarda, por grandes lanços.

Ao abrigo de uma frente contínua, a Artilharia effectua geralmente os seus deslocamentos á noite.

Cada escalão effectua seus próprios reconhecimentos, installa sua observação terrestre e as antenas que os ligam aos observadores aéreos.

Durante a marcha propriamente dita as **ligações** se fazem por meio de **agentes de transmissões**.

Por ocasião da **tomada de contacto**, as **transmissões** são organizadas entre as baterias, os observatórios e os postos de commando, por intermédio de signalização óptica ou por meio de linhas telephonicas tão curtas quanto possiveis. Em certos casos a signalização a braço presta excellentes serviços.

O mecanismo da marcha de aproximação pode ser realizado rapidamente. Tudo depende de treinamento.

BIBLIOGRAPHIA

- 1.º — Cursos das Escolas Militares Francezas.
- 2.º — Regulamento para o Emprego da Artilharia no combate. (Brasileiro e Francez)
- 3.º — R. G. U. (Francez).

Tiro contra objectivos fugazes

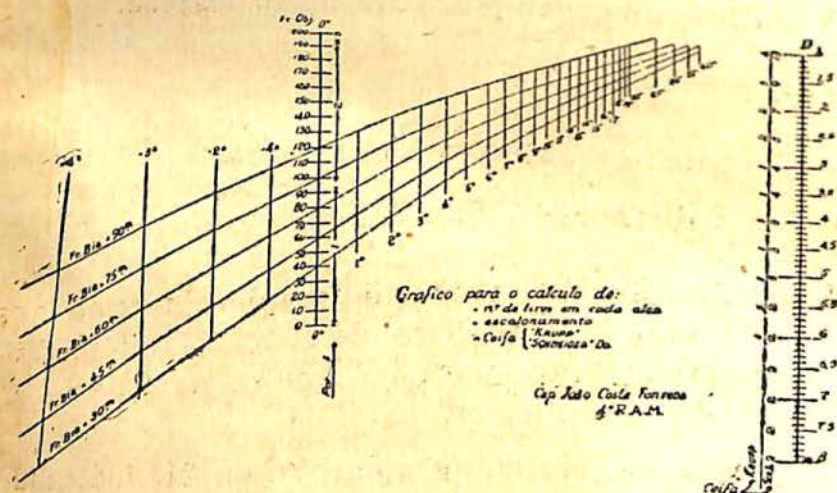
ADAPTAÇÃO (ESCALONAMENTO) E MECANISMO DE EFFICACIA

Pelo Cap. João Costa da Fonseca

A rapidez domina o tiro contra pessoal, diz o nosso regulamento.

Não é, portanto, descabido que procuremos meios e modos de abrir o fogo o mais rapidamente possível, sem prejuizo da justeza.

Com esse intuito, organizamos o graphico abaixo, que de certo modo vem facilitar o ajustamento do tiro, fornecendo-nos o escalonamento para a adaptação do



feixe ao objectivo, o numero de tiros em cada alça e o numero de voltas de volante para a ceifa com o nosso velho 75 "Krupp" e com o 75 "Schneider de Dorso".

Todos estes calculos são facilimos e qualquer artillheiro pouco tempo perderá com elles, mas, mesmo assim, o emprego do graphico ainda apresentará a vantagem de eliminar os erros de calculo, possiveis devido á pressa para que o objectivo não nos escape aos effeitos do fogo.

Um exame rapido do graphico, nos mostra que o seu emprego não é complicado.

As distancias (D) estão expressas em kilometros, na columna da direita; as frentes dos objectivos (Fr. Obj), em metros, na columna central, que tambem representa o zero do escalonamento; e as rectas correspondentes ás frentes de bateria (Fr. Bia.), estão graduadas em millesimos.

Tudo o mais está explicito no graphico.

Vejamos um exemplo, para maior clareza.

Seja:

- frente do objectivo, 140 metros;
- sua distancia á Bia.. 5 kilometros.

Ligando estes dois pontos do graphico, teremos que o escalonamento será positivo, de 1, 2, 3, 4 e 5 millesimos, respectivamente, para as frentes de bateria de 90, 75, 60, 45 e 30 metros.

Leremos no mesmo graphico: **por 2!**, indicando que teremos de dar dois tiros em cada alça.

Leremos mais, que o numero de voltas de volante para a ceifa, será de 1 para o 75 "Krupp", de 3 para o 75 "Shneider de Dorso".

SECÇÃO DE AVIAÇÃO

Redactor: A. S. M. ARARIBOIA

O Alto Commando do Exercito do Ar Francez

Ten-Cel. A. S. M. ARARIBOIA

Prestando, com o inicio d'esta secção, uma homenagem aos chefes da Aviação Franceza, transcrevemos, "data venia", da "Revue du Ministère de l'Air", o resumo biographico dos tres actuaes membros do Alto Commando do Exército do Ar Francez: — geenral Féquant, general Aubé, general Henri Jauneaud, respectivamente chefe do Grande E. M. do Exército do Ar, chefe do E. M. do Exército do Ar e sub-chefe do E. M. do Exército do Ar.

GENERAL FÉQUANT

Chefe do Grande E. M. do Exército do Ar

O general Féquant nasceu a 9 de junho de 1883 em Montmorency (Seine-et-Ooïse). Sahindo de Saint-Cyr, Philippe Féquant começa sua carreira militar como 2.º tenente do 22.º Regimento de Infantaria Colonial. E' em seguida transferido para o 9.º Colonial em Hanoi e faz a campanha de Tonkin de 1907 a 1909.

Repatriado da Indo-China em 1909, o tenente Féquant é destacado, em fins de 1910, para a Aéronautica: faz sua instrucção de pilotagem no campo de Chalons onde se encontra um annexo aéreo do estabelecimento de Vincennes, então dirigido pelo commandante Estienne. Lá, o tenente Féquant recebe o "brevet" de piloto militar n.º 49 em avião Nieuport.

No começo de 1912, é enviado para a A. O. F. como membro da missão de estudos aéreos encarregada de examinar as possibilidades de organização de um serviço de aviação colonial. Du-

rante sua estadia no Senegal o tenente Féquant realizou várias viagens aéreas de exploração. Em fim de missão é designado para o 4.º regimento de atiradores senegaleses.

Em 1913, embarca para Marrocos e toma parte com o 9.º Batalhão Senegalez nas columnas contra as tribus Tadla e Zar.

A grande guerra encontra o tenente Féquant no 2.º regimento de infantaria colonial de Marrocos: é lá que elle recebe, no fim de 1914, seu terceiro galão.

Alguns mezes mais tarde, obtém permissão para combater em França.

A 28 de março de 1915, chega á escola de aviação de Pau para retomar seu treinamento aéreo, interrompido desde sua partida da A. O. F.

A 22 de maio de 1915, o capitão Féquant é incorporado á esquadrilha V. B. 101. Expondo sempre sua pessoa ao maior perigo, é citado duas vezes em Ordem do Dia do Exército, em 7 de junho e em 17 de setembro de 1915.

E' em seguida destacado para o Gabinete do sub-secretario da Aeronautica para ahi organizar os serviços necessarios á aviação militar, em particular os referentes ao armamento.

A 5 de maio de 1916 assume o commando da esquadrilha n.º 65 onde vae poder satisfazer sua necessidade de acção. O crédito moral do jovem official, o relevo de sua personalidade, sua actividade incansável, fazem da n.º 65 uma verdadeira unidade de combate. A recompensa chega. A 17 de julho de 1916, o capitão Féquant é citado na ordem do 2.º Exército pelo bello motivo seguinte:

“Commandante de esquadrilha tendo assumido recentemente o commando de sua unidade, immediatamente levantou as qualidades moraes de todos os seus pilotos aos mais alto gráu em virtude de seus exmplo. A 22 de maio abateu um avião inimigo em lucta com um de seus pilotos e o forçou a aterrar precipitadamente”.

Sua esquadrilha é igualmente citada a 5 de dezembro de 1916, pelo General Commandante em Chefe:

"Esquadrilha n.º 65 — Animada do mais alto espirito de devotamento e de sacrificio, sustentou durante oito mezes, sob o commando do capitão Féquant, uma lucta contra os aviões inimigos. Abateu de 1.º de março a 1.º de novembro de 1916, 37 aviões 5 balões inimigos".

Promovido a "Chef de Bataillon" a 16 de outubro de 1916, assume no mesmo dia o commando do 13.º Grupo de esquadrilhas de combate onde elle va mostrar seu valor. Com uma longa paciência, o commandante Féquant prevê cada missão em *detalhe*. Além d'isso, procura tornar agradáveis a suas equipagens por todos os meios, os esforços que exige d'ellas e é bem a marca de um chefe fazer trabalhar cada um com fé e enthusiasmo.

A 17 de abril de 1917, o jovem official é promovido a official da Legião de Honra:

"Féquant Philippe, "Chef de Bataillon" de infantaria a T. T. activa. Commandante de um grupo de aviação de combate. Tendo ingressado na aviação em 1911, não cessou ali de mostrar suas bellas qualidades de audacia e de treinamento. Prestou brilhantes serviços como commandante de uma esquadrilha de bombardeio. Commandante de um grupo de combate fez d'elle uma unidade de escol. Dá o exemplo em todas as circumstancias expondo-se a todos os perigos. Abateu dois aviões inimigos. 4 citações".

Dão-lhe em seguida o commando da 2.ª Esquadra de Caça em maio de 1918, depois o da 2.ª Brigada Aérea, em 16 de junho de 1918.

A 6 de agosto, em reconhecimento aos seus serviços, é nomeado chefe do Estado-Maior da 1.ª Divisão aérea. Depois do armistício, é designado para servir na Comissão Interalliada de Spa.

O commandante Féquant é em seguida nomeado membro da Casa Militar do Presidente da Republica.

A 22 de outubro é destacado para a Direcção de Aeronautica onde vae manifestar seu espirito emprehendedor alliado a seu senso agudo das realidades.

Foi promovido a tenente-coronel a 23 d setembro de 1921 e a coronel a 25 de março de 1925. A 15 de novembro de 1926 assume o commando da Escola Militar e de Applicação de Aeronautica.

Depois de ter seguido o curso do Centro de Altos estudos Militares, o coronel Féquant é designado para Chfe do Serviço Geral de Reabastecimento em material aéreo e, a 20 de março de 1930, é promovido general de brigada. Chamado para o commando da 2.^a Brigada aérea de Dijon em 1933, é promovido a general de divisão a 24 de abril de 1935.

A 31 de maio do mesmo anno, assume o commando da 5.^a Região Aérea.

A 24 de abril de 1936 o general Féquant é citado na Ordem do Exército do Ar nos seguintes termos:

“Commandante da Região Aérea, possuidor no mais alto grau das qualidades que caracterizam um Chefe do Exército do Ar.

“Ferido por occasião da queda ao mar de um avião a bordo do qual se achava, embora perdendo sangue abundantemente tomou medidas judiciosas afim de salvar a vida dos membros da equipagem e dos passageiros.

“Deu provas, nessas circumstancias criticas, das mais bellas qualidades de sangue frio, de coragem e de energia”.

A 9 de junho de 1936 é nomeado Chefe do Estado-Maior e membro do Conselho Superior do Ar.

Em data de 15 de outubro de 1936, o ministro chama o general Féquant para desempenhar as funcções máximas de Chefe

do Estado-Maior General do Exército do Ar e para as altas responsabilidades de Vice-Presidente do Conselho Superior do Exército do Ar e de Inspector Geral da Defesa anti-aérea do Território. Elle acaba de ser promovido a grande official da Legião de Honra.

GENERAL AUBÉ

Chefe do Estado-Maior do Exército do Ar

O general Aubé, chefe do Estado-Maior do Exército do Ar, é originario de Nouant-le-Pin, no Orne. Primeiramente alumno da Escola Polytechnica, á qual elle deve uma solida cultura, o segundo-tenente Aubé começa sua carreira militar — carreira particularmente brilhante — no 35.º Regimento de Artilharia.

E' em seguida transferido para o 21.º regimento, onde serve com distincção, depois no 5.º R. A.

A guerra o encontra primeiro-tenente. Alguns mezes mais tarde, em dezembro de 1914, é destacado para a Aeronautica.

Sua attitude sobre as linhas lhe vale, pouco depois, em data de 28 de dezembro de 1914, uma primeira citação na ordem do dia do 3.º exército:

"Sendo chefe da secção de photographia aérea do 3.º exército, desempenhou com o maior zelo e muita habilidade consumada diversas missões que lhe foram confiadas".

Em janeiro de 1915, o tenente Aubé, de novo citado em ordem do dia pelo general em chefe, recebe a Legião de Honra pelo seguinte motivo

"A 31 de dezembro, tendo em vista uma operação urgente, não obstante as condições atmosphéricas muito desfavoráveis, effectuou na altura de 1.000 metros, por cima de uma região fortemente defendida pela artilharia inimiga, um reconhecimento que lhe permittiu trazer todos os documentos pedidos".

A 5 de janeiro de 1916, o tenente Aubé assume o commando da secção photographica do G. D. E. em Plessis-Belleville. Chefe energico e ardente, exacto em seu dever, o jovem official dá um solido impulso a seu serviço. Prosegue ao mesmo tempo sua instrucção de pilotagem e, a 10 de outubro de 1936, recebe seu "brevet" militar sob o n.º 4728.

A 7 de setembro de 1915, é objecto de uma nova citação em ordem do exército:

"Não cessou de trabalhar arduamente e obteve em seu serviço um rendimento digno de nota. Tomou parte em um grande numero de reconhecimentos aéreos em circumstancias mais difficeis e mais perigosas".

A 15 de julho de 1917 o capitão Aubé é nomeado commandante da esquadrilha SPA 28. A' frente d'esta unidade, cujo nome ficou vivo na memoria de todos os aviadores da guerra — por que ahi despendeu uma somma enorme de energias — o jovem official, cheio de fôrça, nunca fatigado, participa dos ataques de Verdun. Revela-se bem depressa como um chefe "calmo, reflectido, resolutos", que, por sua acção pessoal, sabe persuadir, e, por ella, conquistar sem constranger ninguem.

A 10 de setembro de 1917, uma citação na ordem do dia do 2.º exército se ajunta ás precedentes:

"Deu o exemplo á sua unidade desempenhando as missões mais delicadas no periodo de ataque. A 20 de agosto de 1917, durante uma regulção de longa duração, sustentou um duro combate contra um avião de caça inimigo. Voltou com 29 balas em seu apparelho e seu observador ferido".

Assegurando, na execução de todas as missões, o mesmo zelo, o mesmo ardor, o mesmo bom humor, singularmente activo, em uma palavra pregando o exemplo, o capitão Aubé é certamente imitado por todos os seus subordinados. Como prova, a carta de felicitações obtida a 17 de junho por toda a esquadrilha:

“A esquadilha SPA 28 deixa a D. C. A. com a qual acaba de realizar, sob o commando do capitão Aubé, fructuosos trabalhos durante cinco mezes: reconhecimentos, missões photographicas, combate. Em todas as circumstancias, mesmo em presença de um adversario superior em numero, pilotos e observadores rivalisaram em audacia e em coragem. No fim glorioso de certos de seus camaradas, encontraram um maior incentivo para agir e continual-os. O General, Commandante do 2.º corpo de exército, agradece á SPA 28 e se inclina diante de seus mortos”.

A 20 de fevereiro de 1918, o capitão Aubé recebe o commando do 7.º grupo de bombardeio. Sempre o primeiro a se expôr aos perigos, ficará nestas funcções até o fim da guerra, não sem receber, a 23 de junho de 1918, seu quarto galão.

Com o armistício, o commandante Aubé é designado para o serviço das fabricações aéreas onde, não pensando nas difficuldades sinão para sobrepujal-as, despende tanto de energia como de intelligência, depois no Estado-Maior particular da Aéronautica. A 6 de maio de 1921, é designado para fazer parte do E. M. do Marechal Inspector da Aéronautica.

E' promovido a coronel em 1929, depois, a 3 de setembro de 1934, general de brigada na 1.ª secção do quadro de E. M. G. do exército do ar. O general Aubé é commendador da Legião de Honra.

Durante os annos de 1935 e 1936, segue os cursos de Centro de Altos Estudos Militares.

A 1.º de junho de 1936, o general Aubé é nomeado sub-chefe do Estado-Maior do Exército do Ar. Alguns mezes mais tarde, a 15 de outubro, o ministro, prestando homenagem á actividade do general Aubé e á sua experiência consumada das coisas do ar, confia-lhe as funcções de chefe do Estado-Maior do Exército do Ar.

GENERAL HENRI JAUNEAUD

Sub-Chefe do Estado-Maior do Exército do Ar

O general Jauneaud, que é o mais jovem dos generaes de França, contando actualmente 44 annos de idade, nasceu em Angers onde seu pae era official.

Admitido no Prytaneu Militar de La Flèche, Henri Jauneaud sahe em 1910 com o grande premio de honra.

Com 18 annos, é recebido em Saint-Cyr classificado em 4.º lugar.

Seus estudos são particularmente brilhantes e seus professores em Saint-Cyr notam já “a claresa e o método de que dá provas em todas as circumstancias, seu sangue frio e seu ascendente extraordinario sobre seus camaradas”.

1914, a guerra. O 2.º tenente Jauneaud, incorporado ao 125.º regimento de infantaria bate-se nas primeiras linhas e se assinala por seu ardor, sua energia e, para dizer tudo, sua autoridade natural.

No combate de Rémerville, seu capitão tendo sido ferido, conduz sua companhia sob um fogo dos mais violentos a um ataque a baioneta “com um ardor e uma energia acima de todo elogio”. O tenente Jauneaud, que faz questão de honra marchar na frente de sua tropa, é attingido duplamente pelas balas inimigas. Gravemente ferido a 24 de agosto de 1914, é retirado do campo de batalha sómente na tarde seguinte.

Sahindo do hospital, volta directamente para o *front*, e, no curso de uma acção em Zonnebecque (Belgica), é de novo seriamente attingido: uma bala atravessa-lhe o hombro.

Este novo ferimento — que é na realidade o seu terceiro ferimento em campanha — lhe vale as cruces de guerra franceza e belga e a Legião de Honra com a seguinte citação:

“Official cheio de bravura e de iniciativa. Gravemente attingido por dois ferimentos, a 24 de agosto, dos quaes um

penetrante no peito. Regressou á frente logo depois de curado. Acaba de ter o hombro atravessado por uma bala a 13 de fevereiro. De muito merito”.

A 22 de maio de 1915, com a idade de 22 annos, o tenente Jauneaud é promovido a capitão, por feitos de guerra.

“Muito valente, resolutivo. Jovem official inteiramente dedicado ao combate”, assignala seu commandante de regimento.

Em consequência dos ferimentos, o estado de saúde do capitão Jauneaud torna-se precario. Recebe ordem para abandonar a frente. Mas suas novas occupaões não satisfazem em absoluto seu desejo de acção e, a seu pedido, ingressa na aviação.

Diplomado piloto militar a 10 de setembro de 1915, o capitão Jauneaud é incluído, em outubro de 1915, na esquadrilha M. F. 19, depois na esquadrilha M. F. 20.

“Distingue-se em numerosos reconhecimentos realizados nas mais difficeis circumstancias, “por sua tenacidade, sua decisão e seu sangue frio”.

A 11 de julho de 1916, é novamente citado em ordem do dia:

“Official corajoso e de um absoluto devotamento. Encarregado, em 17 de maio de 1916, de uma missão photographica particularmente difficil, e protegido por um único avião de caça, encontrou uma patrulha de cinco aviões inimigos barrando-lhe a rota a seguir; não hesitou em se engajar na lucta, não obstante a inferioridade numerica; sustentou um combate encarniçado durante o qual seu avião foi seriamente atingido; poz seus adversarios em fuga, depois do que cumpriu a missão que lhe fora confiada”.

A 22 de junho de 1916 recebe o commando da esquadrilha F. 63 e “obtem no conjuncto um rendimento extraordinario, impondo-se verdadeiramente a seus officiaes e a seus pilotos por seu exemplo pessoal, sua vontade resoluta, suas qualidades de

ordem e de método". (Relatorio do commandante da Aéronautica do Exército de Verdun).

Uma nova citação na ordem do 2.º exército, em data de 26 de setembro de 1916, vem recompensar sua actividade:

"Jovem e brilhante commandante de esquadrilha, tem sabido dar á sua nuidade um vigor e uma cohesão notáveis, executando á frente da mesma missões photographicas particularmente perigosas e muitos bombardeios nocturnos dos quaes alguns se aprofundaram a mais de 100 km. nas linhas inimigas".

"Official corajoso, possuindo no mais alto gráu o sentimento do dever", assim se exprime de outro lado o commandante da Aéronautica do 6.º exército.

A 8 de fevereiro de 1917, o capitão Jauneaud fica addido ao commando do sector aéronautico do 35.º C. E.. Passa a occupar successivamente os postos mais importantes: commandante da Aéronautica do 30.º C. E. a 13 de junho de 1917; commandante da Aéronautica do 10.º C. E., a 11 de novembro seguinte; adjuncto do commandante da Aéronautica do grupo de exércitos Fayolle a 28 de março de 1918; commandante da Aéronautica dos 9.º e 10.º corpos de exército a 2 de setembro de 1918; commandante da Aéronautica do 125.º Grupo de aviação no exército francez do Rheno a 11 de novembro de 1918.

Em cada uma d'estas funcções o jovem official "revela admiráveis qualidades". Seus superiores o citam como "um official de primeira ordem, piloto de uma iniciativa e de uma coragem excepçionaes, tendo adquirido um ascendente extraordinario sobre o pessoal de suas esquadrilhas pela audacia e a segurança de seus reconhecimentos e a precisão de seus vôos, prestando os mais notáveis serviços por suas brilhantes qualidades de intelligência e de método".

Depois da guerra, o capitão Jauneaud torna-se chefe da 1.ª secção da 1.ª divisão aérea, a 15 de abril de 1919.

Em 1920 entra para a Escola Superior de Guerra da qual sae em 1922, diplomado de Estado-Maior com a menção "trê bien".

No Estado-Maior General do Exército (1.^a secção — organização e mobilização), o capitão Jauneaud se faz particularmente apreciar "pelo brilho de seu espirito e sua grande capacidade de trabalho".

A 25 de setembro de 1924 é promovido a "chef de bataillon" (major) e, no mez de outubro, é designado, a pedido do General Gamelin, para integrar a Missão Militar Franceza no Brasil.

Em seu novo posto, suas qualidades de organizador, com ordem e método, são postas em fóco.

Graças á confiança nêlle depositada pelo Governo Brasileiro, põe em prática seu programma de organização assumindo as funções de Director Técnico da aviação militar brasileira, de Director da Escola de Aviação e de professor do curso de táctica aerea da escola de Estado-Maior.

A amplidão e a importancia dos resultados obtidos lhes valem, em 1927, a distincção de official da Legião de Honra.

Em 1932, é promovido a tenente-coronel, depois nomeado commandante para 34.^a esquadra aérea.

Em 1933, M. Pierre Cot, Ministro do Ar, chama o ten.-cel. Jauneaud para seu gabinete como chefe dos serviços militares.

Promovido a commendador da Legião de Honra em 1933, o ten.-cel. Jauneaud assume, a 15 de fevereiro de 34, o commando da 54.^a esquadra aérea. É promovido a coronel a 25 de março de 1934. A 15 de setembro do memsimo anno, assume o commando da base aérea n.º 104, depois o da 4.^a brigada aérea em Dugny, por fim o da 4.^a sub-divisão aérea. Em julho de 1935 é destacado para o Centro de Altos Estudos Militares.

Em 1936, o coronel Jauneaud volta como chefe do Gabinete Militar de M. Pierre Cot, novamente Ministro do Ar. É promovido a general de brigada em 15 de outubro de 1936 e elevado ao posto de sub-chefe do Estado-Maior do Exército do Ar.

A Missão Aérea de Guerra

Ten.-Cel. Astruc

Trad. e adaptação por A. S. M. Arariboia

O estudo que o Ten.-Cel. Astruc fez sobre a Missão Aérea e publicado na "Revue du Ministère de l'Air" constitue um repertório de ensinamentos admiráveis e uma exaltação de fé e de confiança nos membros de uma equipagem aérea. Publicando-o, offerecemol-o aos jovens camaradas da Aviação Militar para que possam sentir os conhecimentos, as aptidões e as qualidades moraes que a Missão de Guerra exige dos executantes escolhidos para cumpril-a, as satisfações que ella lhes offerece em recompensa do dever realizado e da gloria obscura, pode ser, mais real de seu sacrificio.

Sintam-na todos os jovens officiaes que um dia poderão ser chamados ao cumprimento do Dever, afim de que encarem a Aviação Militar como arma verdadeiramente d'este nome e não como um simples meio de turismo aéreo.

I — OBJECTIVO DA MISSÃO AE'REA

Com a preocupação de lhe encontrar uma *definição* que convenha aos fins particulares que nos propomos, mas desejosos antes de tudo de não fazer aqui obra regulamentar, diremos, utilizando uma imagem que nos parece evocadora de realidades immediatamente tangiveis, que a *Missão Aérea de Guerra* é o acto pelo qual a equipagem, unidade indivisivel para a acção, traz sua contribuição em um conflicto armado para a lucta commum.

Este acto na pratica consiste na execução de uma ordem; a forma da ordem ou seu conteúdo importam pouco aqui; seu objectivo nos preocupa mais.

Não iremos oppor a isto as idéas doutrinarias: é outro assumpto. Entretanto, como pensamos no futuro sem omittir os ricos ensinamentos de um passado que persistimos em não desprezar, julgamos conveniente, empregando um termo familiar aos estudiosos da Estrategia, extrapolar estes ensinamentos adaptando-os á technica e á tactica do dia.

Ora, si nos basearmos nas maiores autoridades, a extrapolação estratégica, no caso, consiste na motorisação e a velocidade na luta do obuz e da couraça, na aviação e seus progressos, ou melhor, na aviação e na motorisação combinadas. E' ainda, pensam outros, o potencial industrial de certos povos e seu dynamismo extraordinariamente poderoso, que lhes conferem uma es-pantosa possibilidade de prompta realização.

Tudo isto esclarece perfeitamente, parece, no tempo e no espaço, os objectivos eventuaes a submeter ás acções exploradoras e destruidoras do Exercito do Ar e por uma inducção facil, o objectivo e a acção a exercer sobre elle definem de novo a Missão, de sorte que nos sentimos conduzidos, depois de uma curta digressão e sob uma outra fórmula, ao ponto essencial que temos em vista.

A Missão Aérea de amanhã terá por fim barrar ao adversario as estradas do céu, si elle conséguiu levantar vôo, e de lhe interditar a aproximação dos objectivos; com mais segurança, acreditamos, ella terá por fim, atacando este inimigo em suas bases, impedir-o de levantar o vôo em direcção a estes objectivos, destruir, enfim, as fontes sob cuja forma se manifestam seu potencial de guerra e seus meios de acção.

Os exércitos de terra e do mar, que nenhum exército do ar não nos parece em condições de destruir ou de deter em sua marcha para a batalha, travarão novas e differentes, curtas pode ser, mas sanguinolentas luctas. A Missão aérea encontrará deante de si um novo campo de acção amplamente aberto na collaboraçoão que ella prestará a estes exércitos, explorando as zonas de concentraçoão, os eixos de marcha e as vias de accesso, desvendando as intenções do inimigo, surprehendendo suas incursões motorisadas, contribuindo enfim para a segurança e para a manobra. Quando, por fim, a batalha for desencadeada, pela qual um exército terrestre ou naval conquista, mantem ou perde o mar ou o terreno, a Missão aérea trará ainda a estes exércitos o valioso concurso de suas observaçoões.

Que importa que na pratica, a acção engajada se chame bombardeio, interceptação, exploração, verificação de tiro, vigilancia do campo de batalha, acompanhamento ou descoberta. Tal terminologia cahe na escala do detalhe deante da concepção mais vasta, mais perfeita e mais ecletica da Missão simplesmente.

Quando a arvore fixa raizes num solo rico e adubado, os ramos e as folhas vicejam ao vento, por menos que se regue o tronco; trata-se de plantar esta arvore o mais cedo possivel, porque, fora de todo o pessimismo parece, hypothese sem duvida, mas de uma verosimilhança manifesta, a surpresa aggressiva é o perigo actual levado a um gráu até então desconhecido e, se a arvores não deitou suas raizes profundamente na terra, ella será arrancada pela tempestade.

II — EXECUÇÃO DA MISSÃO AE'REA

Bem comprehendemos que não basta afirmar em termos que se tornam abstractos, a existencia da Missão; é preciso ainda, para traduzir a *crença* em acções efficazes, cimentar a fé ardente em que repousam seus laços generosos e que a Historia nos ensina haver determinado no passado uma verdadeira *mystica da Missão*.

Difficil é a empresa de fazer passar pela prosa habil o sopro trepidante das luctas aéreas, a terrivel incerteza dos combates, a alegria do successo, a obsedante attracção dos horizontes sem fim, a espera depois da ansiedade no vôo sereno das voltas até então incertas.

E' isto o que vamos procurar fazer e que, a despeito de toda a temeridade, vamos abordar agora ensaiando viver no *film luminoso da rota a seguir*, a imagem fiel e captivante da Missão de Guerra. Obra de pura imaginação ,poderão dizer; não será bem isto, antes o producto de uma extrapolação nova das luctas passadas ás luctas futuras.

Não nos poderia escapar, com effeito, que os factores evoluíram. A velocidade da maquina fez um lance tão prodigioso em suas consequências que ellas não surgem de um simples exame dos algarismos; as armas de bordo, metralhadoras ou canhão, debilitando projecteis mais mortiferos; as de terra, mais bem ajustadas, levando as alturas antes inimagináveis, obuses e balas mais temiveis, enquanto que o accrescimo progressivo do raio de acção leva o avião a destinos cada vez mais incertos; de tal maneira que será bem num céu de guerra, cada vez mais cheio de obstaculos, que é preciso imaginar a missão de amanhã e seguir a equipagem na esteira atormentada de seu destino.

Eis primeiramente a *preparação da Missão*, preludio do proximo vôo, que não significa entretanto que um estudo anterior não tenha sido empregado desde a recepção do aviso previo que poz o chefe de bordo em estado de alerta moral, mas que visa, no momento em que o acontecimento se precisa, accelerar os ultimos preparativos, refazer o estudo do terreno, dos objectivos, das ordens de operações, dos planos de emprego, das cartas, para *permittir á equipagem assimilar sua Missão*.

Na sala de informações, o chefe de bordo — commandante do avião — reuniu sua equipagem. Conscientes de seu proximo destino, cada um escuta e faz suas as palavras do chefe. A Missão já vive neste quadro que a cerca. A carta fala sob o dedo familiar que a percorre num gesto seguro e preciso. Nenhuma duvida subsiste nestas almas promptas a se comprehenderem na reciprocidade das mutuas confianças. As convenções da manobra são expostas com a rudeza e a simplicidade de uma linguagem directa, que leva em conta as prováveis reacções do inimigo, sem se elevar ao diapasão inutil de drama, porque a sensação do perigo e o espirito de sacrificio pertencem ao dominio das sensações habituaes que não se exteriorisam entre estes homens em palavras vãs e inuteis.

Tudo methodicamente exposto, é preciso agora passar aos detalhes. O commandante distribue a cada um o seu papel; precisa o estudo a proseguir, a operação technica a effectuar para a collocation e a verificação do material de bordo e das armas.

Elle olha seu relógio e fixa uma hora, depois, enquanto sua pequena tropa, pequena pelo numero e grande pelo coração, se dispersa na serenidade calma e discreta das almas aguerridas, o chefe se recolhe um momento para completar sua documentação, folhear suas cartas ou suas photographias, impregnar-se na situação, começar a viver o seu cruzeiro. Quando se aproxima a hora da partida, com a certesa reconfortante de que nada foi deixado ao acaso, confiando na sorte que se torna necessaria para vencer os imponderaveis que a todo o instante balisam sua rota, consciente de sua responsabilidade e do dever a cumprir, o chefe de bordo, sem hesitação, resolutamente, dirige-se então para o edificio.

Sua inspecção é rapida, porque elle é um experimentado e seus olhos são habeis.

O piloto está em seu posto; os motores responderam docilmente ao seu chamado e sua canção resôa nos echos da floresta proxima.

As mãos se apertam. Nada de votos inúteis. Os olhos se comunicam melhor que os lábios.

Seguem-se os tres actos ou a epopéa em um sobre tryptico: o vôo, o entusiasmo antes do salto ou a carta que se tira; a missão, o salto no desconhecido ou o jogo que se depõe; a volta triumphante, a aterrissage depois do salto ou o jogo ganho que se recolhe. Algumas vezes, porque a sorte é traiçoeira, a queda ou o salto do qual não se volta mais.

Sem hesitação, como um viajante que parte para terras longinquas e se afasta lentamente dos ultimos adeuses, o aparelho corre docemente sobre a terra, depois com um unico golpe quebrando a cadeia, se eleva e sobe, conduzindo em seu bojo a alma da equipagem.

No céu amigo, em largas curvas, o avião toma altura e rapidamente se dilue, absorvido pelo fluido que o cerca. Unicamente a antenna de seu radio o liga ao mundo que se afasta cada vez mais. Enquanto o horizonte reflue e os montes se achatam, a terra desdobra sua immensidade no incessante afastamento de suas fronteiras, para as quaes fogem cada vez mais tenues as faixas caprichosas dos cursos d'agua e das estradas.

Si alguma angustia apertou na partida durante curtos instantes estes corações fundidos em bronze, agora está tudo acabado; elles batem segundo o rythmo regular dos motores; nenhum pesar enternecido ou doloroso liga estes homens á vida. Uma invisível esponja foi passada sobre todas as lembranças; todos os pensamentos foram irresistivelmente lançados para o futuro. Elles já estreitam sua Missão. Por etapas elles vão lhe fazer um escudo de suas azas e conduzi-lo com elles na historia.

.....

Patrulhas de caça, activas e vigilantes, interdictam o accesso ás linhas com uma espontosa regularidade. Affirmando já sua presença e pontilhando sua rota, apparecem ao longe as barragens com que a artilharia anti-aérea, guarda vigilante tambem do céu amigo, escolta cada um em sua passagem ao alcance de seus canhões. Atravessar este véu sem ser visto, de surpresa, escapando ás sentinellas avançadas que o guardam, primeiro problema. Uma vez no edificio, visar-se-há. Deliberadamente, cap e hora ajusta-

dos, na velocidade de cruzeiro imposta, o navio aprôa para seus objectivos e se engaja no desconhecido leitoso de um mar de nuvens cujo tecto se eleva opportunamente a alguns milhares de metros de altura.

Por alguns instantes, emerge com precaução, arriscando um olho e tornando a mergulhar, phantasma que brinca com a luz neste véu cúmplice.

No seu posto de commando, atento a tudo e a todos, rosto calmo e labios entre-abertos em um sorriso familiar que inspira confiança a todos os cantos da cabine, o chefe retoma a rota, mede sua velocidade e sua deriva, anota a hora.

Rosto calmo e tambem sorridente, sem esforços apparentes, mas attento por habito a seus commandos, aos instrumentos de bordo que seu olho exercitado verifica com segurança na passagem de um olhar apparentemente rapido e sem que o demonstre, o piloto evolue nos caps e nas alturas prescriptas, no harmonioso synchronismo que liga seus reflexos ás palpitações da maquina.

De repente, é como se rompesse a alvorada; uma nevoa translúcida desliza ao longo das azas; uma luz brilhante surge inundando o avião de um clarão subido e o aspira entre duas nuvens para o sol de um mundo novo. De baixo, o mar de nuvens na successão infinita de suas dunas; em cima, insondável, o azul transparente do céu.

O relevo movel que elle sobrevôa se agita por alguns instantes e alteia algum de seus cimos entumescidos: "remous", ressacas imprevisas dos mares celestes, sacodem o navio quando elle acaba de raspar por estes cumes. A muda interrogação do piloto ao chefe de bordo já recebeu a resposta significativa: 100 voltas a mais nos motores, volante um pouco cabrado e o avião ganha 100 metros de altura. Agora a calma absoluta, o mar de oleo; tudo vae bem. Atravez de alguma fenda inesperada, numa cavidade longinqua a terra apparece, visão fugitiva e breve que offerece entretanto ao olhar exercitado do navegador a occasião para um ponto de reparo; si o navio derivou ligeiramente de sua rota sob o effeito de uma corrente caprichosa, o chefe dá um novo cap e docemente solicitada, a maquina obedece.

Ligado sem interrupção á terra, aos esclarecedores que o precedem ou aos aviões que o escoltam, o radio-telegraphista cujo ouvido é infallivel, a mão calma, experimentada e flexivel, ouve as

voses amigas que o acompanham ou transmite a seus escutas vigilantes, as ordens ou as mensagens que recebe de seu chefe de bordo.

"De PQ a KY. Eu vos escuto fracamente. Estaes ao norte de ... ponto provável ás 15h.15; 20 km. de ... Caça inimiga em força no valle de ... a 3.500 m. de altura. Movimentos importantes de tropas foram assinalados nas vias de penetração, região ao sul de ... Explorae".

"De KY a DX₁ e DX₂. Mudança de cap., velocidade... diminui os intervallos... Altura... Juntae-vos a mim ás 18 h. na vertical de ..."

Olho de lynce, pupilla de abutre, o metralhador á rectaguarda inspeciona a athmosphera que o cerca, atravessa as brumas longinquas, sonda as bases das nuvens de onde pode surgir a patrulha adversa e vela, sentinella no seu posto, a arma em posição.

Tudo isto, homens e coisas, cerebros e materiaes, olhos, pensamentos, mãos, bielas e engrenagens funcionam no synchronismo perfeito dos mecanismo bem regulados.

Mas eis que lá em baixo, atravez da rota, nomades errantes deste novo deserto, manchando a brancura das nuvens, pontos apenas perceptíveis mas que um olhar experimentado não poderia desprezar, sentinellas aladas apparecem.

A escuta inimiga surprehendeu o mysterioso trajecto do navio invisível; alguma patrulha em alerta rapidamente levantou vôo e cruza, procurando sua preza; eil-a virando de bordo e correndo para elle, guia na testa, esperando collocar-se a favor do sol offuscante para dissimular o ataque. Mas não gozará da surpresa, porque o olhar vigilante da sentinella desventou sua manobra.

Um tac tac familiar tres vezes repetido, incisivo, secco e rapido já fez vibrar a cellula em todas suas fibras: é o grito de alarme. Olhares comprehensivos, rapidamente lançados se cruzam e se communicam num mesmo pensamento: vae começar!

"Allô", confirma em seguida o homem que vela na torre trazeira, "Patrulha á esquerda pelo travez, distancia..."

Em seu posto de combate, o chefe está por sua vez attento e abrange num olhar circular todo o vasto scenario que o cerca. É o bastante para que neste homem acostumado ás acções rapidas o olhar que percebe, o espirito que julga e decide, tenham agido no mesmo instante.

As nuvens proximas offerecem um refugio? Que se corra para ellas, forçando a velocidade... No momento em que ahi pe-

netrar, qualquer rápida mudança de cap desorientará o adversário, e enquanto no meio cúmplice o submarino do ar proseguirá em sua rota, o inimigo enganado o procurará vãmente em outras paragens.

Mas não, o combate não pode ser evitado; nenhuma retirada é possível na limpidez de um céu cujas nuvens fogem ao longe. Mesmo porque, mais rápido, o inimigo já percebeu a manobra e cortou a retirada.

Os preparativos de combate resôam a bordo; as ordens se crystallizam; gestos ou olhares são phrases familiares e todos no dialecto mudo que estes homens adoptaram entre si. O piloto attento e docil aos gestos do chefe forçou a velocidade e tomou al-liberto momentaneamente das preocupações de sua missão, anoppor cima da floresta de... 15 hs. 50. E agora, prompta para tu-guarnição até ao sacrificio, sósinha deante de Deus, a pequena face ao drama e espera o assalto.

Os pontos negros anteriormente percebidos são agora tambem navios volantes. Elles accorrem em formação de ataque, gigantescas serra que se abre para estrangular a presa. Toda a sua estrutura apparece no halo transpente das helices.

Um contra quatro, o que é isto para estes gigantes? Elles estão habituados a estas luctas desiguaes pelo numero, mas que se tornam eguaes pela coragem e pela audacia postas em prova.

O navio perseguido se enrigesse e mede a distancia.

"Fogo", instante supremo que rompe o pesado constrangimento da espera e lança a morte em face da morte.

A matilha gira em torno, sobe ou desce, desaparece e volta a todo o instante, como se procurasse para mordel-o ou cravar suas garras o ponto fraco ou mal defendido de sua victima.

A torre de ré já lançou sua primeira rajada e agora está á espera de um novo ataque, enquanto a metralhadora de fusilagem entra rapidamente em acção contra o audacioso que acreditou poder surprehender o navio em seu costado; promptamente, mas sem golpes forte respondem os reflexos do piloto. Uma viragem brusca e cabrada tira o avião da visada do adversario, enquanto a manobra logo amortecida e offerece em sua ascensão, surprehendido por sua vez e vulnerável, ao tiro preparado do metralhador.

A menos de 50 mtros, por meio de rajadas curtas mas rapidamente successivas, o homem, como no stand, sem pressa inutil segue docemente o alvo, ajusta e aperta o gatilho: as traçantes, estrellas cadentes, drenando a morte em seu sulco, unem num traço de fogo a arma ao alvo e vão morrer, ironia da morte que ellas conduzem, na massa que rapidamente se alteia e revira, morta ou ferida, mysterio !

A torre já mudou de bordo e faz face ao ataque que surge no lado opposto: o fogo é desencadeado. A matilha, em cheque por um instante, aperta o cerco, anciosa por acabar de attingir esta presa que se defende com um tão vigoroso heroismo.

Na frente, o chefe de bordo alveja o inimigo que surgiu sobre o seu plano superior — passa, passou e mergulha para voltar novamente.

O radio-telegraphista, em seu alojamento, defende com ardor o navio contra um novo ataque surgido de baixo.

A maquina treme e trepida em toda sua ossatura.

Ruidos seccos e surdos resôam rapidamente assignalando cada impacto; uma bala se estilhaça ao contacto de uma torre; uma outra sulca o revestimento de um dos motores; o para-brisas do piloto vôa em pedaços; o homem sorri, a morte passou.

Um braço, ao mesmo tempo ordem e signal apontando para a frente; surgindo subitamente não se sabe de onde, a massa adversaria investe como se fosse uma tromba d'agua, como se desejasse terminar n'uma tragica abordagem esta luta de gigantes, mas o avião "glissou" ligeiramente sobre sua aza direita, offerecendo opportunamente este novo alvo aos fogos cruzados das duas torres, e a morte termina a sua obra, miserável talvez, mas com que grandiosidade !

Toda a equipagem acompanhou vivamente a tragica evolução do drama: primeiramente uma fumaça cinzenta, uma "glissade" mal feita e inopportuna que inscreve a verdade neste céu de luctas épicas, um "parafuso", uma quéda vertiginosa para o solo, destroços amontoados depois do choque de um instrumento já privado de vida, um cometa em fogo numa cabelleira de fumaça negra. Nada de sorrisos, porque estes homens valorosos respeitam as mortes cavalleirescas, mas sentem a mascula satisfação dos deveres cumpridos.

.....
.....
A patrulha desmantelada, ainda ha pouco aggressiva, agora vensida ou desencorajada, mergulha e desaparece rapidamente. As cabeças em pé, mudas e surpresas, interrogam-se primeiramente, não ousando acreditar; depois rapidamente, labios seccos, os rostos concentrados se illuminam, num sorriso que nasce, que se espalha e repercute num sopro de alegria nos corpos ainda vibrantes e distende seus nervos contrahidos.

A bordo sómente furos ou vidro quebrados, móssas na madeira, na tela ou no aço — ferimentos ligeiros que não affectaram o corpo, a obra viva ou o commando, dos quaes foram afastados desta vez por alguma força da Providencia. Amanhã póde ser, mas que importa?!... Corra o destino ao sabor da sorte, e emquanto as azas mortíferas se agitam um instante na bonança que procede á tempestade, cada um, no recinto movel sobre o qual já vela novamente a sentinella, retoma de novo seu posto ou função.

.....

(Conclúe no proximo numero)

—|||—

Os elementos fundamentaes da verdadeira felicidade são: uma bôa consciência, honestidade nos projectos, direitura nas acções.

NICOLA

SECÇÃO DE VETERINARIA

Redactor: ARMANDO RABELLO DE OLIVEIRA

O Campeonato de Cavallos d'Armas sob o index profiissional

Pelo Cap. ARMANDO RABELLO DE OLIVEIRA

A "Secção de Veterinaria de "A Defesa Nacional" reenceta neste numero os seus trabalhos de divulgação e estudo sobre materia que possa interessar a todo leitor de boa contade, animado desse sadio espirito de renovação e enthusiasmo pela pratica do hippismo, em quaesquer de suas modalidades desportivas, ou aquelles que, utilizando o cavallo como arma ou maquina de guerra, procuram conhecel-o melhor, — na sua constituição e natureza, na potencia-lidade motora de seus membros ou nas resultantes prováveis de sua cinematica.

Com marcante regularidade, têm se realizado, annualmente, os Campeonatos de Cavallo d'Armas, nas sédes das grandes regiões militares, torneios hippicos, esses, habilmente organizados e dispostos numa seriação de percursos, que exigem do cavalleiro e do cavallo esforços racionalmente conjugados a serem empregados na medida das necessidades, sem quebra do equilibrio cinético a prevalecer no conjuncto, para melhor revelação do gráu de preparo individual attingido pelos concurrentes.

Grande sabedoria houve da parte da Commissão Permanente do Campeonato de Cavallos d'Armas da extincta Escola de Caval-laria, que elaborou o regulamento approved por aviso de 18 de Setembro de 1.934, ainda em vigor; contudo somos levados a considerar, a titulo de contribuição bem intencionada, que a função do veterinário, juncto ás commissões de jury, ali deixou de ser expressa claramente, numa formula ampla e definida, consentanea com as normas de inspecção a serem estabelecidas para os animaes em competição.

Na condição de simples **technico consultivo** do jury, o veterinario não tem a outorga regulamentar para o desempenho da missão essencial de que deveria se achar investido no transcorrer das provas, como seja a de "controleur" do estado physico-physiologico dos animaes disputantes, mercê de inspecção procedidas antes, durante (a prova de resistência), e após os percursos em andaduras mais rapidas.

Com effeito, desde o primeiro contacto dos animaes inscriptos com os membros que apresentamos do jury, antes de iniciar-se o torneio, a intervenção do profissional é requerida para reavaliação da idade e exame do estado physico de cada animal presente, com registro da annotação correspondente, para fins relativos á penalisação da primeira prova.

Na prova de "**steeple-chase**", é de intensidade relativa, tambem a inspecção da variante respiratoria procedida logo á terminação do percurso e cinco minutos após, facultaria ao jury subsidio que não poderá ser despresado, no cotejo do estado physiologico dos concurrentes, fornecendo-lhe, ao mesmo tempo, indicativo seguro sobre o gráu de treinamento das montadas.

Muito especialmente na **prova de resistência**, compreendendo tres percursos de cerca de 33 kilometros, com intercallação de um "cross-country" de 18 a 20 obstaculos — numero talvez demasiado — afigura-se-nos imperiosa, sinão imprescindível a acção controladora do profissional, no termino do 2.º percurso, afim de poder o jury cohibir os excessos dos concurrentes mais nervosos ou precipitados, responsáveis indirectos por occorências bem faceis de prevenir ou evitar. Para isso attender, impõe-se uma breve parada dos competidores, immediatamente á chegada do percurso de "cross" (2 á 3 minutos), apenas o sufficiente para permittir a inspecção das mucosas, a intensidade da ventilação pulmonar e do pulso, e a palpação das extremidades (chanfro, boletos e perineo), bem como o consequente veridicto do jury para proseguimento da prova. A falta d'esta medida acauteladora e de indiscutível bom aviso tem acarretado, por mais de uma vez, a perda de lindos animaes, victimas inermes de acidemia lactica intoxicante.

Ainda no ultimo campeonato regional desta prova, organizada pela 1.ª R. M., teve-se a lamentar a perda de tres preciosas machinas de guerra, cujo soccorro veterinário tardio (por profissionais estranhos ao jury e sómente á chegada do 3.º percurso), na-

da poude fazer deante do disturbio sanguineo já ir muito adeantado e da mioclonia spasmódica se haver generalizado.

No entretanto, o numero XI do citado Regulamento, intitulado **exame dos cavallos**, preceitua como obrigatoria a inspecção dos animaes pelo veterinario, sómente "**depois** das provas de resistência e de saltos de obstaculos", medida que julgamos de certo modo imprevidente deante do que se tem visto e testemunhado.

Por outro lado, é muito commum, valerem-se os officiaes em competição — medida perfeitamente justificável — após a prova de resistência e antes da de obstaculos, de recursos veterinarios proprios a estimular as funcções dos órgãos enuncatorios e as energias de suas montadas, preparando-os assim, subrepticamente para o ultimo percurso.

Esta pratica tem sido as vezes exaggerada, chegando mesmo ao recurso do classico "dopping", que não pôde ter applicação entre nós, visto tratar-se de um processo condemnável e nocivo á saude dos animaes.

A verificação das reacções da saliva, praticada com a devida technica, na manhã da prova de obstaculos, bem poderia ser adoptada pelo jury, não como medida fiscal concernente, mas, como novo subsidio quanto ao gráu de alcolemia ou acidemia affectante.

No ultimo C. N. C. d'A. ensaiámos esse meio de verificação objectiva, aliás com os melhores resustados praticos e inteiro applauso dos juizes e concurrentes.

Evidentemente, com as honras de **technico consultivo** do jury, o papel hygienista do veterinario é collocado á margem, no desenrolar das provas, isto é, justamente quando mais se faz sentir a necessidade de sua intervenção directa no torneio.

Outro commentario que nos occorre fazer, e nos foi ainda suggerido pelo ultimo Campeonato de Cavallos d'Armas, é quanto á estação do anno (mez de Outubro) em que o mesmo se realiza.

A entrada da estação quente, na zona maritima do centro brasileiro, em que figura o Districto Federal, é caracterizado por dias de calor suffocante, coincidindo não raro com o desenrolar das provas, como aconteceu nos dois ultimos torneios realizados nesta Capital, constituindo isso o mais sério "handicap" para os concurrentes.

A segunda quinzena do mez de Setembro seria quadra bem mais propicia á realização do C. Nacional, ficando para a primeira

BIBLIOTHECA DE CULTURA MILITAR
Fundada pelo Maj. João Ribeiro Pinheiro



AINDA NÃO ADQUIRIU

— POIS ADQUIRA-O
ANTES QUE ESGOTE
A 6.ª EDIÇÃO

Combate Serviço em Campanha



PREÇO 12\$000

NO PRÉLO:

Escola DO PELOTÃO



2.ª EDIÇÃO
MELHORADA

FAÇA DESDE JÁ SUA ENCOMENDA

PREÇO 12\$000

CASA EDITORA HENRIQUE VELHO

A

BIBLIOTHECA DE CULTURA MILITAR

ACABA DE REEDITAR

INSTRUÇÃO DE TRANSMISSÕES

DO CAP.
LIMA FIGUEIRÊDO



LIVRO INDISPENSÁVEL À
INSTRUÇÃO

AGENTES DE TRANSMISSÃO,
TELEPHONIA, TELEGRAPHIA,
OPTICA E RADIOTELEGRAPHIA

FICHAS COM OS NOVOS
METHODOS DE ENSINO

3ª edição muito augmentada

PREÇO 10\$000

dezena de Agosto a dos campeonatos regionaes, havendo, portanto, tempo bastante para que os vencedores nos Estados chegassem á Capital Federal, com a antecipação necessaria á indispensável adaptação ao meio e ao reapuro da fórma.

O atrazo occorrido com os concurrentes da 3.^a R. M., no ultimo Campeonato, que aportaram ao Rio apenas uma semana antes do torneio, não deixou de constituir factor de relativa influencia sobre os animaes daquella procedência, que assim competiram em condições physicas desvantajosas, por isto que em plena crise de adaptação.

Um accidente de desfecho fatal, obra de um máu determinismo, veio empanar de algum modo o brilho do desenrolar empolgante do ultimo Campeonato Nacional de Cavallos d'Armas, em que tiveram tão notável actuação os consagrados cavalleiros: Cap. Augusto Muniz de Arargão, tenentes Eloy de Oliveira Menezes, Renato Paquet, Antonio Jorge Corrêa, João de Deus Saraiva, Mario Portes, Oriovaldo Lima, Ricardo Toaldo, Leal e outros.

Para penhor do exito alcançado, o jury do torneio obedeceu á energia serena e abalisada do Cmt. Mario Xavier, auxiliado pelos mestres equitadores capitães Ennio Garcia e José Gonçalves.

Como profissional e assistente dos animaes empenhados na competição memorável, não tenho duvida em apontar o violento traumatismo soffrido pelo animal victimado, no inicio do percurso de "cross", como a causa predisponente sinão essencial do disturbio hemoclasico de que foi presa irremediável um brioso animal de guerra. Desde a prova de adestramento a todos impressionara agradavelmente a leveza e facilidade do manejo do cavallo "Trovão", montado pelo 1.^o Ten. da arma de Cavallaria Oriovaldo Pereira Lima, do 3. R. C. I..

O percurso de "steeple-chase", feito em grande estylo, embora em velocidade forçada, já demonstrara, á inspecção que o estado physico d'esse animal não era perfeitamente satisfactorio, sem contudo constituir isso base sufficiente á arguição de um prognostico suspeito.

Sem ser um dia de verão de céu escampo, canicular, a prova de resistência foi disputada sob atmospheria pesada e mormacenta, reunindo, num ambiente todo anciedade, assistentes, concurrentes e juizes.

Tudo corraera bem até ali, e já realizavam os competidores a ultima etapa da escorchante prova, quando o concurrente n.^o 9,

ao attingir a rua Recife, no logarejo Villa Nova, visinho de Realengo, viu-se forçado a interromper o percurso. E' que o cavallo Trovão, que cavalgava, tendo os membros enrijecidos por subita mioplegia, estacara para não mais proseguir.

Os feixes motores da locomoção haviam sido invadidos por um processo inhibitorio que, rapido, se assenhoreou de todo o systema, caracterizando a atoxia.

O grande cavallo baqueára, tetanizado, facies contrahido, olhar angustiado !

Nesse transe final de desespero, velado pela desolação conternada de seu indomito ginete e a curiosidade enterneçada de algumas cranças que ali acorreram, foi enconral-o a solicitude do profissional.

Quando devéras edificante, embora confrangedor, esbatia-se a luz torva daquela manhã pardacenta de Outubro — o joven e intrepido cavalleiro, derreado sobre o leito da estrada tendo nos braços a cabeça offegante do seu mallogrado companheiro de arma, assistia-lhe os ultimos momentos, succumbido ao peso daquelle duplo infortunio.

Sepultou-se Trovão á sombra de uma palmeira solitaria, na invernada do Regimento Andrade Neves.

Ali, uma lapide relembra aos raros visitantes d'esse logradouro, que ao cavallo de guerra é dado, mais do que ao homem, morrer com soberano stoicismo, no estricto cumprimento do dever.



As forças armadas constituem o elemento de ordem, a garantia da tranquillidade nacional, o supremo factor da estabilidade do regimen politico-constitucional das nacionalidades modernas: seu valor depende do valor moral dos seus chefes e da alta comprehensão de Deveres por parte de todos os seus membros.

NOTICIARIO E VARIEDADES

O dever do Exército

Pelo Cap. ALUIZIO DE M. MENDES

O Exército é uma escola. Nella — nessa imponente escola de civismo — aprendemos moral, intellectual e professionalmente a amar e defender a nossa patria... Como escola, o Exército educa. A sua educação é leiga e AUTORITARIA.

A autoridade é o mais firme fundamento da disciplina. A educação — por sua vez — é toda uma verdadeira obra de autoridade e de respeito. Sem estes tres grandiosos pilares, autoridade, disciplina e respeito, não é possivel socialmente falando, subsistir nem-um edificio sólido e duradouro.

A verdadeira autoridade põe ordem em tudo; ordena a estima, o respeito, a obediência e torna possivel a verdadeira e real educação; reprime a indiscreção e a familiaridade e impêde a indolência; dá habitos de ordem, de trabalho sadio e honesto, de silencio e de meditação — tão preciosos durante a vida — e faz nitidamente comprehender a grande e nobilitante lei do sacrificio...

Ha duas espécies de autoridades:

— A AUTORIDADE-FUNCCÃO;

— A AUTORIDADE-MORAL.

Entre ambas existe todo um mundo de differenças.

A autoridade-funccão procede da propria missão de que se acha investido o cidadão. O subordinado não discute a legitimidade do direito que assiste ao Chefe em ser respeitado, como delegado que é de uma parcella do poder público. Não deixa, contudo, semelhante autoridade de ser méra presumpção, simples emprestimo... Cumpre todavia conservá-la. Não basta, porém, possuir-se a autoridade-funccão; não é — por si propria — sufficiente, por que ella só não basta para se impôr. E' preciso associá-la

á autoridade moral que, pouco a pouco, se adquire a medida que o PRESTIGIO do Chefe se firma e se estabelece.

Os meios de se adquirir PRESTIGIO parecem grupar-se nos seguintes:

1.^o — VALOR PESSOAL: temperamento equilibrado, character firme e bom, intelligência vasta e cultivada, amor á verdade, convicções profundas, inteireza moral.

2.^o — VALOR PROFISSIONAL: conhecimento dos meios de formar o espirito, a consciência e a vontade dos seus subordinados; conhecimento profundo da profissão e dos métodos de seu ensino racional.

3.^o — IMPERIO DE SI PROPRIO: pelo predomínio da VONTADE:

- sobre o corpo para regular o dom da palavra e dos gestos;
- sobre a intelligência assim de dar constantemente a razão a preponderancia sobre a imaginação e a sensibilidade.

Semelhante predomínio se caracteriza pela firmeza serena, mas, inflexível contra a qual se esfacelam todas as veleidades de indisciplina e de anarquia. Vencer a sensibilidade e a timidez é acto genuinamente de volição por intermedio do qual nos tornamos completamente alheios ou indifferentes ás fluctuações fataes da opinião, e, dest'arte podemos temperar pela bondade, si necessario fôr, tudo o que o Commando possa ter de rudeza. A estrada a seguir está illuminada pelo genio de PASCAL: E' preciso sempre alliar a justiça á força de tal modo que o que é justo seja forte, ou o que é forte seja justo.

O Official é um Chefe. O dever dos Chefes — em todos os sectores da actividade nacional — é o de pregar e praticar a sã autoridade moral.

O Exército é a sua melhor escola. Seu papel é educar e reagir contra as vagas ameçadoras de esfacellamento da nacionalidade. Para isso o Exército deve formar uma só consciência, fôrça una e cohêsa, espécie de bloco de granito.

NAS
FABRICAS...



MELHOR
ILLUMINAÇÃO...



MELHOR DISPOSIÇÃO
PARA O TRABALHO!...

ELEKEIROZ S.A.

ESCRITORIO CENTRAL

Rua São Bento, 503 — São Paulo

INSECTICIDAS E FUNGICIDAS

Arsenico Branco.
Arseniato de Calcio.
Arseniato de Chumbo (em pó e em pasta)
Bisulfureto de Carbono "JUPITER"
Extracto de Fumo "JUPITER"
FORMICIDA "JUPITER"
INGREDIENTE "JUPITER"
Verde Paris.

PRODUCTOS PARA INDUSTRIA

Acido Chloridrico.
Acido Nitrico.
Acido Sulfurico.
Acido Sulfurico desnitrado (Para acumuladores).
Alcool de Cereas.
Alumen de Potassio (em pó e em pedra)
Ammoniac.

FABRICAS

em São Paulo: R. Boracea, 2 e em
VARZEA.

Benzina Retificada.
Ether Sulfurico.
Perchloreto de Ferro.
Peroxido de Manganez (Granulado e em pó).
Sulfato de Alumínio, de Cobre, de Ferro, de Manganez, de Sodio e de Zinco.

PRODUCTOS PARA CRIAÇÃO

Carrapaticida "JUPITER".
Extracto de Fumo "JUPITER".
Queirózina.
Solução "JUPITER" (para envenenar couros).

PRODUCTOS PARA AGRICULTURA

Adubos completos "JUPITER".
Adubos completos "POLISU".
Fertilizantes.

Representante no Rio de Janeiro

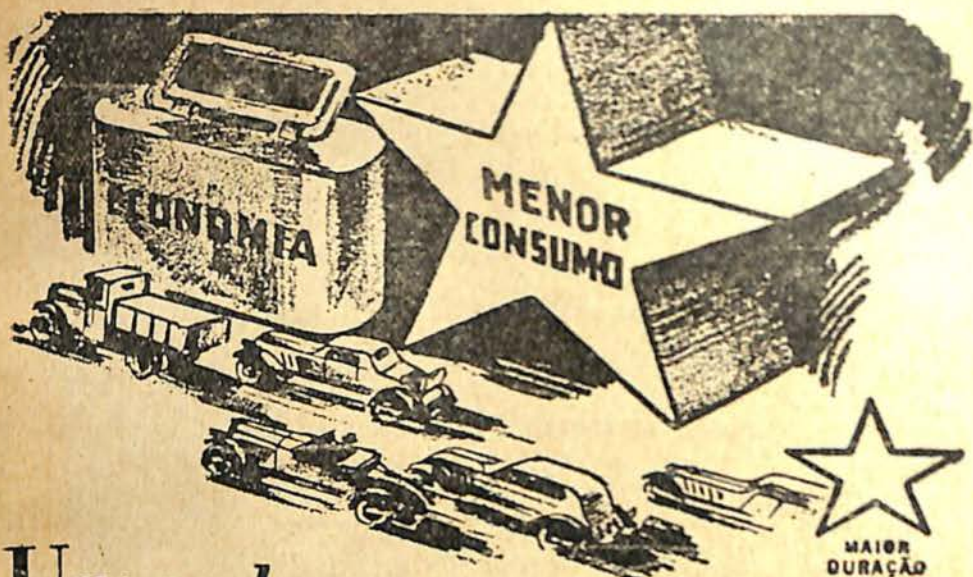
EMILIO POLTO

Rua General Camara, 60 — Caixa Postal, 937

Société de Sucreries Brésiliennes



USINAS DE AÇUCAR E ALCOOL



Uma das 5 qualidades essenciaes a um lubrificante perfeito

O automobilista devorando kilometros multiplica progressivamente o consumo do oleo. O calor produzido pela velocidade torna mais fina a pellicula do lubrificante. E, ao afluir com abundancia, muito oleo passã á camara de combustão onde se queima. Isto constitue, com os derrames, a causa principal do excessivo consumo de oleo na grande velocidade.

Não desperdiçará oleo, com ESSOLUBE, porque seu "corpo" lhe permite resistir a altas temperaturas, sem volatilizar-se inutilmente. ESSOLUBE circula sempre, e não se perde.

Se outro oleo annuncia condicção identica, pode carecer de algumas das outras qualidades de ESSOLUBE, não

menos importantes. ESSOLUBE possui todas as cinco propriedades que a sciencia affirma como essenciaes a uma lubrificação correcta.

Na proxima vez que necessitar de oleo, encha o carter com Essolube. Observe sua protecção e rendimento.



COMPENSA usar

Essolube

O "AZ" DOS LUBRIFICANTES



STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

FERNANDO HACKRADT & CIA.

Representantes

SÃO PAULO
R. São Bento, 217
2.º andar
Caixa Postal 948

do
SYNDICATO DO
AZOTO
Berlim (Alemanha)

RIO DE JANEIRO
Rua São Pedro, 45
Caixa Postal 1633

ADUBOS CHIMICOS E ORGANICOS

As Lonas "LOCOMOTIVA"

são as únicas verdadeiramente impermeáveis.

Exijam esta marca.

São Paulo Alpargatas Company

Companhias Francezas de Navegação Chargeurs Réunis et Sud-Atlantique

Serviço de Passageiros — Viagens extra rapidas pelo luxuoso paquete

"MASSILIA"

Serviço postal rapido pelos paquetes typo "ILHAS" conforto, segurança,
cozinha e vinhos afamados

2 saídas por mez do Rio de Janeiro para a Europa. 2 saídas por mez do
Rio de Janeiro para o Rio da Prata

PARA INFORMAÇÕES, DIRIGIR-SE

AGENCIA GERAL DO RIO DE JANEIRO

AVENIDA RIO BRANCO, 11-13 — Caixa Postal 346 — Tel. 23-1965

SANTOS: Rua 15 de Novembro, 186
TEL. 2-009

S. PAULO: Rua S. Bento, 33-A

SOCIEDADE CONSTRUCTORA BRASILEIRA LTDA.

Engenheiros — Architectos — Constructores — Projectos
Orçamentos — Construcções — Obras Publicas e Particulares
por empreitada e administração.

Secção de Poços artesianos para abastecimento
d'agua de cidades, industrias residencias, etc.

RUA BOA VISTA, 3 — 9.º andar

TEL. 2-3862 — SÃO PAULO — CAIXA POSTAL 2982



Saudando em V. Ex., a distincta classe militar da Nação, collocamos ao seu dispôr a nossa Matriz em S. Paulo e a nossa filial no Rio para tudo o que se relacione com *Vestuarios em geral, Moveis, Tapetes*, e todos os artigos indispensaveis ao conforto e belleza do lar.

—

MAPPIN STORES
— A Sua Casa Predilecta —

S. Paulo
P. Patriarcha, 2

Rio de Janeiro
Rua Botafogo, 360

*

AS AZAS DO BRASIL
COM

BERRYLOID

Um producto Berry
BROTHERS INC.

Grandes Industrias Minetti, Ltda.

São Paulo — Brasil

Farinhas de trigo: — «Maria» — «Savoia» — «Dina»

Oleo comestível «Sublime»

ESCRITORIO.

Rua São Bento, 365 - 1.º andar
Tel. 3-2166 - C. Postal "s" minusculo

INDUSTRIAS

Rua Borges de Figueiredo, 64
Tel. 2-9657 - 2-0374

End. Tel. «MINETTI»



FEIRA INTERNACIONAL DE AMOSTRAS

LEIPZIG -:- ALLEMANHA



A EXPOSIÇÃO que concentra para seis dias 220 MIL VISITANTES, representantes de commercio allemão e estrangeiro, e 20 MIL EXPOSITORES duas vezes por anno — principios de Março e fins de Agosto.

EXPOSIÇÕES ESPECIAES em halls das recentes invenções industriaes e de machinarios modernos, de machinas ultramodernas para construcções civis, technicas e de estradas de rodagem.

Em 23 palacios da Feira do Centro da Cidade e em 17 pavilhões da grande Feira Technica, num terreno de uns 300.000 m. q., expõem-se centenas milhares de amostras.

Delegado Official no Brasil da Feira de Leipzig:

— T. H. K A M P S —

Av. Rio Branco, 69/77-2.º - sala 11

Caixa Postal 1597 - Rio de Janeiro

Companhia Algodoeira Sul Paulista

Machinas de Beneficiamento.
S. Miguel Archanjo — Capão Bonito, etc.

ESCRITORIO

Rua S. Bento, 405 — 11.º andar — Ent. 1132
Tel. 3-3994 — Predio Martinelli
— SÃO PAULO —

Alberti & Stadler



FABRICA DE ARTEFACTOS DE ALUMINIO

NICTHEROY

Rua Maris e Barros, 215 - Tel. 1114

Escriptorio e Deposito - RIO DE JANEIRO

Rua 1^o de Março, 127

CAIXA POSTAL 2442 — TEL. 23-1507

Numa guerra não é a massa que determina a vitória, mas sim o valor dos combatentes como soldados e a qualidade do armamento.

A fabrica de artefactos de aluminio marca "CHALEIRA" não se destaca por ter a maior producção (pois existe uma que produz mais), mas sim venceu pelo valor e qualidade do seu fabrico.

Sociedade Ericsson do Brasil Ltda.

Telephones portateis e de campanha de fabricação de

ERICSSON

Hoje usados por exercitos nos cinco continentes.

Acabamento tropical peso reduzido

— e facil manejo —

ESCRITORIOS:

Rua General Camara, 58 —::— TEL. 23-2788

Rio de Janeiro

A CAMA EUROPEA




Michele Rotondi

Fabrica Rua Ipanema, N. 45.

Loja: Av. Rangel Pestana, 1706

Telephone 9-2852 — SÃO PAULO — Telephone 2-9936

HAUPT & CO. - RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO  SÃO PAULO
FUNDADA EM 1823

Artilharia

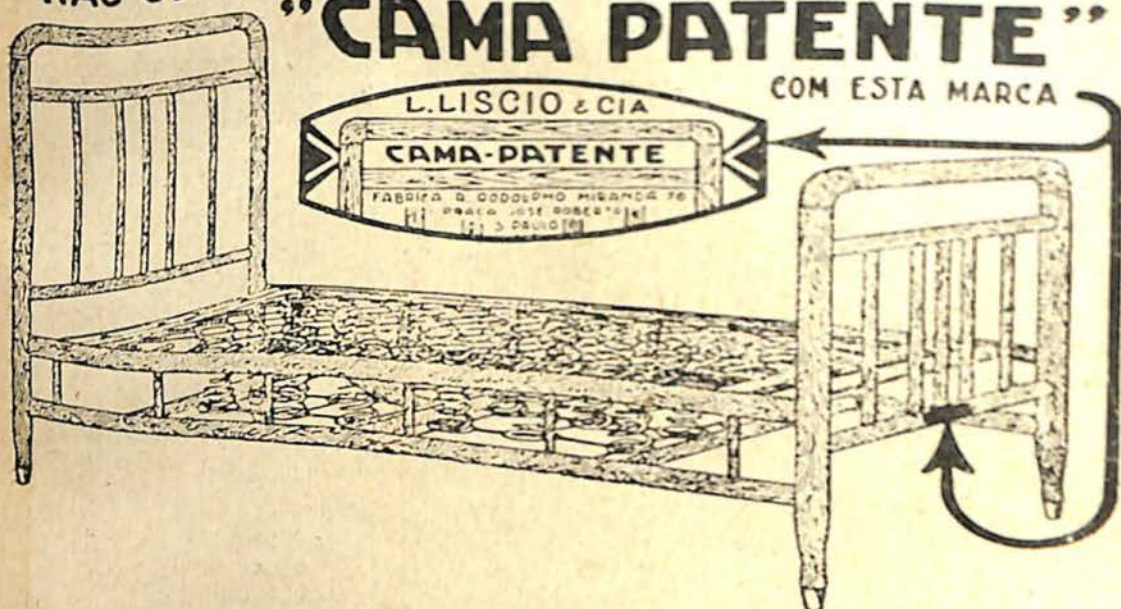
— Munição —

Polvoras.

Representantes de:
ANTIEBOLAGET BOFORS

BOFORS — SUECIA

NAS SUAS COMPRAS PREFIRAM SEMPRE A
"CAMA PATENTE"



FRIGORIFICO WILSON DO BRASIL

Matadouro e Frigorifico de Osasco
(ANTIGO CONTINENTAL)

COMPRA QUALQUER QUANTIDADE
DE GADO PARA CÔRTE

O SEU ESTABELECIMENTO É SERVIDO
POR TODAS AS ESTRADAS DE FERRO

SÃO PAULO — ALAMEDA CLEVELAND N.º 466

TELEPHONE 5-2113

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: «FRIGWILSON»

Firestone



«FIRESTONE» - o pneu mais perfeito, o unico fabricado com cordas imersas em borracha liquida - GUM DIPPING - que lhe assegura completo isolamento, eliminando o attrito e reduzindo o calor interno - principal destruidor dos pneumaticos. Estas e outras innumeras qualidades fazem de «FIRESTONE» o pneumatico mais duravel, mais seguro e mais economico.



USE «FIRESTONE»

E ESTARÁ SEMPRE

SATISFEITO.

Pneu FIRESTONE GROUND-GRIP (Typo Tractor) que recommendamos para serviço em terrenos arenosos ou lamacentos.

CASA BROMBERG

Machinas e aços das usinas "KRUPP", Essen. — Oleos e graxas da "SUN OIL COMPANY", Philadelphia. — Frezas, brocas, alargadores, machos, etc., de "R. STOCK & C.", Berlim. — Gachetas e armações para vapor. — Seras para metal e madeira marca "CÃO". — Correia de couro nacional e estrangeira, correia balata "LINDA", correia de lona e borracha

laminada marca "BULL DOG" e "O PODEROSO". —

Artigos para Galvanoplastia.

— Rebolos "ALEGRITE", para aço. "CARBORUNDUM",

para ferro. — Esmeril e outros artigos para machinas de

arroz. — Moinhos. — Enxadas "AGUIA", e "COLONO".

— Machados "COLLINS". — Pulverisadores "COLONO".

— Ferragens e ferramentas para todos os fins. — Limas

"CAVEIRA". — Arsenico. —

Verde Paris venenoso. — Arseniato de chumbo. — Tintas. — Oleo de linhaça.

— Artigos sanitarios. — Conexões. — Tubos galvanizadores. — Arame de todos os

tipos. — Telhas de zinco. — Chapas galvanizadas e

pretas. — Arados "RUD SACK" e "O PODEROSO".

— Material agricola em geral. — Artigos para apicul-

tura. — Machinas para ma-

tar formigas "COLONO". — Formicidas. — Motores ele-

ctricos. — Dynamos. — Fita insolente "LEADER". — Ma-

terial electrico em geral. — Machinas e accessorios para

o ramo graphico. — Typos allemães "SCHELTER & GIE-

SECKE". — Machinas em geral, para todas as instal-

lações e officio.

Bromberg & Cia.

SÃO PAULO

Caixa Postal 756



Filial no RIO

Rua Gen. Camara, 37

Caixa Postal, 690

SANBRA

Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S. A.

Industriaes e Exportadores

USINAS DE BENEFICIAMENTO EM

MARILIA - RANCHARIA - CORREGO RICO -
RIBEIRÃO PRETO - PEDERNEIRAS -
DUARTINA

UA ANCHIETA
EDIFICIO SULACAP
SÃO PAULO



"A SUL AMERICA"

Grande Fabrica de Doces e Conservas Finas

C. de Castro Ribeiro

Extrato de Tomate -- Ervilha -- Geléa de Morango
Doces em calda e em massa de todas as qualidades.
Fundada em 1917

ESCRITORIO E FABRICA

Rua Guaporé, 259 — Telephone, 4-8101 e 4 8102
Caixa Postal, 3303 — End. Teleg. « SULAMERICA »

SÃO PAULO

Fabrica de Casimiras Kowarick
F. KOWARICK & C.

GRANDE PREMIO NAS EXPOSIÇÕES NACIONAES DE 1908 E 1922

Fabrica na Estação de Santo André
(EST. DE SÃO PAULO)

Escritorio : S. PAULO - Rua 3 de Dezembro, 17-2.º

Caixa do Correio, 66 — Telephone : 2-1776

Endereço Telegraphico : BERKO

CODIGOS: A. B. C. 5.ª e 6.ª EDIÇÃO, RIBEIRO, BORGES, MORSE E MASCOTE

**Panos Militares para Officiaes
de qualquer typo**



MEDALHA DE OURO TORINO, 1911

GRANDE PREMIO
ROSARIO DE STA. FÉ, 1926

GRANDE PREMIO
RIO DE JANEIRO 1922

Carneiras, Pellicas, Mestiços, Vaquetas, Bezerros,
Chromo, Buffalo, Porcos, Solas, Raspas, Vernizes, etc.

CORTUME FRANCO-BRASILEIRO
SOCIEDADE ANONYMA

End. Tel. "FRANBRA" — Codigos : "Ribeiro"
A. B. C 5th. - A. Z.

São Paulo: Avenida Agua Branca, 170
Caixa Postal, 2 J — Phones 5-2174 - 5-2175 - 5-2176

AGENCIAS : RIO DE JANEIRO — MINAS GERAES
PARANÁ — RIO GRANDE DO SUL
BAHIA — PERNAMBUCO — PARÁ

Superioridade Provada

OS productos Atlantic provam a sua superioridade na estrada, com factos. E a victoria de Toms River, onde 6 carros fizeram quasi 1.000.000 de kls. sem falhas no motor e sem qualquer limpeza de carvão, acaba de ser confirmada, aos olhos dos brasileiros, pelo triumpho impressionante de Cop-poli e Caru' no Circuito da Gavea. Os productos Atlantic significam economia e protecção sem igual para o seu carro.

ATLANTIC

Gazolina — Motor Oil — Lubrificação

Ceskoslovenská Zbrojovka

AKC.

SPOL.

BRNO.

Fabrica Tchecoslovaca de Armas S. A.

Brno. — TCHECOSLOVAQUIA

C. Z.

Fabricantes de fuzis,
metralhadoras

e munições

OLEO

Salada

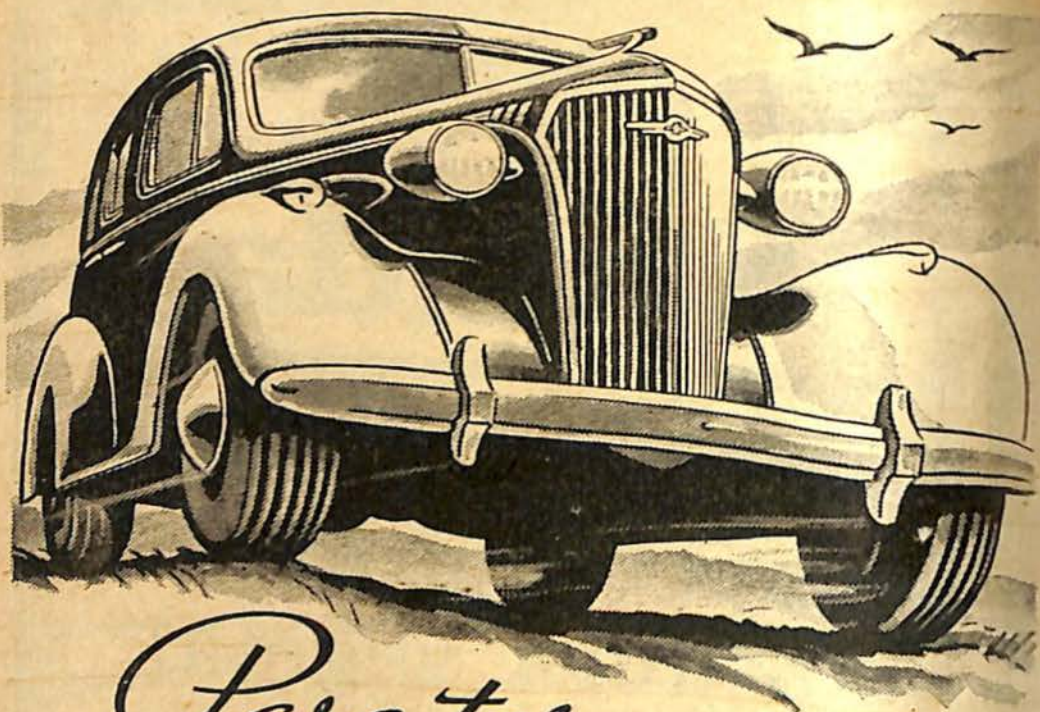
O Famoso Azeite --
Sempre o primeiro
Gordura vegetal
purissima

Salada

Experimentem esta novidade
productos da

S. A. Moinho Santista

São Paulo



Para ter
VELOCIDADE e ECONOMIA
basta um só motor

MAS só quando esse motor é Chevrolet... Isto é, quando é um motor moderníssimo, que, produzindo 85 H. P., é capaz de ser também o campeão mundial de economia na sua classe, por ser de 6 cylindros.

Pensê nas razões que deram sempre ao Chevrolet a preferéncia universal. E' o unico realmente completo na sua classe. E em 37 veiu novo em todos os detalhes. O motor é mais possante. A carroceria, toda de aço, é maior,

mais espaçosa. O compartimento para bagagens é 50% maior. O interior luxuoso e confortavel é inteiramente novo.

Somme outras vantagens: soalho mais baixo, sem tunnel, ventilação controlavel, direcção a prova de choque, vidros inquebraveis, acção de joelho nos modelos de luxo, e lembre-se de que a velocidade e a economia que distinguem o Chevrolet, são ainda maiores em 37. Pense nisso, compare, e escolha o Chevrolet de 37.

É UM PRODUCTO DA GENERAL MOTORS

CHEVROLET

Agentes nas Principaes Cidades do Brasil



UM PRODUCTO DA
S. A. FABRICA VOTORANTIM

Rua 13 de Novembro, 47 - Phone 2-5146

SÃO PAULO

NAS construções em que o senhor entra com a sua responsabilidade, lembre-se que a qualidade do material é a garantia única da exactidão dos seus calculos.

Empregue, sempre, um material de confiança absoluta: Empregue **CIMENTO VOTORAN.**

Pureza, homogeneidade, resistencia.

**O CIMENTO VOTORAN SE ENQUADRA
NAS MELHORES ESPECIFICAÇÕES
EUROPÉAS E NORTE AMERICANAS**

"BOYES"

SOCIEDADE ANONYMA
SÃO PAULO

Escritorio: RUA BOA VISTA, 1 — 10.^o andar
Caixa Postal, 335 — Telephone: 2-1574
Telegr.: BOYES — Codigos: Ribeiro, Bentley's
— e Mascotte, 1.^a e 2.^a edição —

Fabrica S. Bernardo

Santo André

Telephone 216



Fabrica Arethusina

PIACICABA

Telephone, 18

Tecidos Brancos e Tintos
Brins, Xadreses

Algodãosinhos de todos os typos lisos
e trançados, cobertores e flan. de
algodão, pannos para colchões, etc.

C. I. "Souza Noschese" S/A.

Fabricantes de artigos sanitarios
e domesticos

São Paulo - Rua Julio Ribeiro, 243
TELEGRAMMAS: FUNDIÇÃO -- Cx. Postal 920

Tels. 9-0378 Vendas
9-0379 Contabilidade
9-2167 Compras

Loja - Rua Libero Badaró 580
Tel. 2 - 2966

FILIAL EM SANTOS:

Rua João Pessoa, 138 -- Tel. 2055

Representante no Rio de Janeiro:

A. SOUZA NOSCHESE

Rua General Camara, 134 -- Tel. 23-1079



Lamina Gillette Azul
barbeia com apuro,
sem irritar a pelle



BARBELINO
AFFIRMA:

Gillette

C 14



(TELEGRAMMAS
"METALMA")

CODIGOS :
Borges, Ribeiro, Liebes e Mascotte
1.ª e 2.ª E

Metallurgica Matarazzo S/A

Rua Carneiro Leão, 439

PHONES: 2-9664-2-9106

Caixa Postal, 2.400

Secção Metallgraphica

Lataria branca e lytographada de todos os typos e para todos os fins desejados. Cartazes lytographados para reclames, etc.

Secção Brinquedos

Fabricação em larga escala de brinquedos de folha de flandres lytographadas, simples, com corda, etc.

Secção Artefactos de Alumínio

Modernas installações para fabricação de todo e qualquer artefacto de alumínio.—Fabricantes das afamadas marcas

"Rochedo", "Imperador" "Matarazzo" "Combate" e "Martello"

Ca Mechanica e Importadora de S. Paulo.

Officinas Metallurgicas e Mechanicas

**Fabricação de Machinas
para qualquer producto**

RIO DE JANEIRO
R. da Alfandega, 34
TEL. 23-1655

SÃO PAULO
Rua Boa Vista, 1
TEL. 2-7185

SANTOS
R. Sen. Feijó, 39
TEL. 2315

CASA CONTEVILLE

FUNDADA EM 1854

RIO DE JANEIRO

Machinas para officinas mechanicas = Carrinhos e elevadores,
« BARRETT » para almoxarifados.

REBOLOS « NORTON »
INSTALLAÇÕES COMPLETAS PARA FABRICAÇÃO DE:
OLEUM, ACIDO SULFURICO, SULFATOS ALCALINOS,
ACIDO CHLORHYDRICO, SULFURETO DE CARBONO,
OXYGENIO E ACETYLENO

REPRESENTANTES DE :

RHEINMETALL - BORSIG. A. S. - Duesseldorf

Aços de todas as qualidade e para todos os fins.

KIRCHNER & C.º - Leipzig.

Serras e Machinismo completos para trabalhar madeira.

Correspondencia: Rua da Alfandega, 94-98

Telephones: 23-0311 23-3824 e 23-0410

FABRICA DE BALANÇAS: Rua Gothemburg 14-16-Tel. 28-6975

VARTA ACCUMULATOR

ACCUMULADORES ESPECIAES PARA
AVIÕES
CARROS DE ASSALTO
SERVIÇO DE CAMPO

Accumuladores Cadmio — Nickel
DEAC para todos fins

VARTA DO BRASIL LTDA. - Av. Graça Aranha, 49
Edificio Castello — Telep. 42-2878 — Rio de Janeiro



A
S/A Fabricas "ORION"

FUNDADA EM 1898

PRODUZ

Os melhores artefactos de borracha

Rua Joaquim Carlos, 91
SÃO PAULO